



Universidades Lusíada

Lopes, Sónia Maria Barrela

Resistência psicológica à mudança : uma revisão sistemática da literatura

<http://hdl.handle.net/11067/2573>

Metadados

Data de Publicação	2015
Resumo	<p>O objetivo deste estudo foi realizar uma Revisão Sistemática sobre a Resistência Psicológica à mudança. Tendo sido elaborada uma pesquisa na base de dados Pubmed, Web of science e EBSCO em Maio de 2014. Das 2161 referências encontradas nas 3 bases de dados, cumpriam os critérios de inclusão 123 artigos, disponíveis em texto integral, que foram objeto de estudo. A Revisão Sistemática destes artigos revelou que a grande maioria dos artigos encontradas nestas 3 base de dados são das duas últimas dé...</p> <p>Abstract: The main subject of this study was to make a Systematic Review about Psychological Resistance to change. Therefore, in May 2014, it was done na elaborated research in the databases of PubMed, Web of Science and EBSCO. From the 2161 references found in the 3 data bases, only 123 fulfilled the standards of inclusion and which were object of study. The Systematic review of these articles showed us that the great majority of articles found in these 3 databases were from the 2 last deacade...</p>
Palavras Chave	Psicologia, Psicologia clínica, Personalidade, Resistência psicológica
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-27T06:18:12Z com informação proveniente do Repositório

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Paulo Moreira, por toda a sua disponibilidade, apoio e conhecimento transmitido que contribuíram para o enriquecimento da minha formação acadêmica e científica.

Agradeço aos meus amigos, em especial ao Ben Feyder pelo seu apoio motivador, apesar de ser à distância, nesta etapa da minha vida e à minha amiga Lúcia Sampaio pela sua amizade, solidariedade, compreensão e pela força constante que me deu nos momentos mais complicados em que surgiam os meus medos e as minhas inseguranças.

Um enorme “obrigada” aos meus pais, pelo apoio, pelas condições facultadas, por acreditarem sempre em mim e naquilo que faço e por todos os ensinamentos de vida. Espero que esta etapa, que agora termina, possa de alguma maneira, retribuir e compensar todo o carinho, apoio e dedicação que constantemente me oferecem.

A eles, dedico todo este trabalho dizendo-lhes: a filosofia é o melhor remédio para a mente, no entanto, a psicologia é o melhor remédio para a alma e para a felicidade.

Índice

Resumo	3
Abstract	4
1. Introdução	5
1.1. Definição de Resistência Psicológica	5
1.2. Componentes da Resistência Psicológica	9
1.3. Abordagens à resistência	12
1.3.1. Perspectiva Traço	12
1.3.2. Perspectiva Estado	14
1.4. Objetivo	17
2. Metodologia	18
2.1. Procedimentos	18
2.1.1. Pesquisa bibliográfica	18
2.1.2. Critérios de seleção	18
2.1.3. Critérios de inclusão/ exclusão	18
2.1.4. Criação de categorias	18
3. Resultados	20
3.1. Resultados da pesquisa	20
4. Discussão	84
4.1. Conclusão	100
4.2. Limitações	101
5. Referência bibliográficas	102

Abstract

The main subject of this study was to make a Systematic Review about Psychological Resistance to change. Therefore, in May 2014, it was done an elaborated research in the databases of PubMed, Web of Science and EBSCO. From the 2161 references found in the 3 data bases, only 123 fulfilled the standards of inclusion and which were object of study. The Systematic review of these articles showed us that the great majority of articles found in these 3 databases were from the 2 last deacades. It is patent that the Correlational Studies prevail, they conceptualize resistance trait perspective, mostly involving adults and in different operating areas (with higher prevalence of adherence to treatment of Influence and Persuasion).

Key words: Psychological Resistance; Resistance to change; Literature systematic review

Resumo

O objetivo deste estudo foi realizar uma Revisão Sistemática sobre a Resistência Psicológica à mudança. Tendo sido elaborada uma pesquisa na base de dados *Pubmed*, *Web of science* e *EBSCO* em Maio de 2014. Das 2161 referências encontradas nas 3 bases de dados, cumpriram os critérios de inclusão 123 artigos, disponíveis em texto integral, que foram objeto de estudo. A Revisão Sistemática destes artigos revelou que a grande maioria dos artigos encontradas nestas 3 base de dados são das duas últimas décadas. É notório um predomínio de estudos correlacionais, estudos que conceptualizam a resistência da perspectiva traço, envolvendo maioritariamente adultos, e em diferentes domínios de funcionamento (com maior prevalência de adesão ao tratamento de Influência e Persuasão).

Palavras chaves: Resistência Psicológica; Resistência à mudança; Revisão Sistemática da literatura

1. Introdução

1.1. Definição de Resistência Psicológica

A Resistência Psicológica apresenta uma enorme diversidade de definições.

De acordo com Freud (1912) a resistência é algo que acompanha o tratamento psicanalítico e que a transferência só se torna fonte de resistência ao tratamento quando se trata de uma transferência negativa ou positiva dos impulsos eróticos recalcados. A resistência é considerada como uma censura que impede os representantes psíquicos de se movimentarem livremente entre cada um dos sistemas (inconsciente, pré-consciente e consciente), assim a resistência encontra expressão por meio das instâncias psíquicas: Ego, Id e Superego (Freud, 1923).

A resistência psicológica é definida como a evasão de sentimentos desagradáveis ou perigosos (Perls, Hefferline & Goodman, 1951; cit. in Knowles & Linn 2004).

Para Lewin (1951), a resistência à mudança seria o resultado da intenção, de um indivíduo ou de um grupo, de se opor às forças sociais que tinham como objetivo conduzir o sistema para um novo patamar de equilíbrio, sendo que a resistência é um fenômeno do sistema e não um fenômeno psicológico, enquanto para Rogers (1965) a resistência à mudança é definida como uma tendência universal.

Brehm (1966) designa a resistência como um estado de motivação temporário, em resposta a certos acontecimentos específicos, associados a uma possível liberdade ameaçada. Referiu também que a resistência psicológica é a forma tendencial de um indivíduo de se proteger em relação à ameaça de liberdade, seja ela real, pessoal ou percebida. Investigações mais recentes provaram que a resistência pode manifestar-se como um traço de personalidade relacionado com certas características, como por exemplo: a necessidade de autonomia e inconformismo; a rebeldia e rejeição de autoridade e independência.

De um ponto de vista behaviorista, para Watson (1969) a resistência não é uniforme, varia de indivíduo para indivíduo e depende da fase do processo de mudança (Watson, 1969; cit. in Watson, 1971). A resistência à mudança às vezes tem sido definida com simples inércia na natureza do ser humano, visto que todas as forças que contribuem para a estabilidade nos sistemas da personalidade ou nos sistemas sociais podem ser designadas por resistência à mudança (Watson, 1971).

Segundo a perspectiva cognitivo-comportamental, Meichenbaum e Gilmore (1982) referem que a resistência é uma parte natural do processo de mudança e deve ser trabalhada em vez de existir oposição. Numa perspectiva terapêutica a resistência é definida como uma relutância em considerar dados que não confirmam uma visão do mundo existente (Meichenbaum & Gilmore, 1982; cit. in Dowd, 2002), enquanto do ponto de vista comportamental, a resistência é devida ao terapeuta, e não à variável do cliente e é vista como o resultado da técnica incorreta do terapeuta ou da técnica correta aplicada de forma ineficaz (Dowd, 2002).

Segundo Wickstrom e Witt (1983), a Resistência pode ser definida como qualquer coisa que um paciente faz que impede a evolução (Wickstrom & Witt, 1983; cit. in Cautilli, 2005).

A resistência psicológica é uma expressão de necessidade do ser humano sendo interpretada como uma estrutura protetora perante rápidas mudanças, que leva o ser humano a proteger e evitar a perda da sua identidade pessoal (Clairborn & Dowd, 1985).

A resistência é um mecanismo natural, que permite um desenvolvimento saudável e adaptativo, que por sua vez protege a organização mental do ser humano perante estímulos adversos e ameaçadores (Mahoney, 1988)

Segundo Beck e Freeman (1990) a resistência psicológica é definida como sendo promovida pelo indivíduo. Consideram assim que cabe ao terapeuta trabalhar as dificuldades do paciente a fim de facilitar a sua adesão ao processo terapêutico. A razão da não adesão terapêutica pode ser dividida em 3 partes, partindo do ponto de vista de quem promove e de onde parte essa resistência; pode ser promovida pelo paciente; pelo terapeuta ou pela relação terapêutica.

Segundo Ansoff (1990), o termo resistência à mudança tem sido utilizado para descrever o fenômeno de atrasar, retardando, obstruindo ou dificultando a implementação do processo de mudança (Ansoff, 1990; cit. in Harakas, 2013).

Os Cognitivo-desenvolvimentistas (Mahoney, 1991) argumentam que a resistência é saudável no que diz respeito a proteger o núcleo de esquemas cognitivos de ataques violentos e durante o processo protege o sentido individual de identidade e de significado pessoal. Independentemente da sua natureza e origem, a resistência é um fator necessário para todas as terapias, e as estratégias devem-se desenvolver devido a lidar com ela à medida que ela surge.

A resistência é definida em terapia como uma relutância geral para discutir, lembrar-se, ou pensar sobre os eventos que são particularmente preocupantes ou ameaçadores (Phares, 1992).

Dowd, Wallbrown, Sanders e Yesenosky (1994) consideraram a resistência psicológica em duas medidas: a personalidade e a motivação. Constataram que a resistência está positivamente associada com determinadas variáveis, como: a dominação, a independência, a autonomia, a negação, a autossuficiência, a falta de tolerância e a falta de conformidade.

Segundo Watson e Robinson (1996) para alguns autores a resistência é um reflexo do fracasso do terapeuta que realiza a consulta, as competências para executar as tarefas solicitadas pelo paciente, enquanto que para outros autores a resistência é referida como o evitar da ansiedade, como produção de pensamentos e sentimentos, a oposição ou dificuldade na mudança de padrões interpessoais inadequados, falta de motivação para a mudança ou ambivalência.

Para Asforth e Mael (1998) a resistência é designada como sendo atos intencionais que desafiam os desejos dos outros. A resistência é um exercício de poder em reação a um determinado ato de controle e que implica sistemas de análise de poder, conflito, mediação e cultura. Estes autores apresentam um quadro para compreensão da resistência, descrevendo diversas dimensões que se sobrepõe ao fenómeno, em que, quanto mais poder tem o individuo mais provável é o ato do alvo.

Segundo Dent e Goldberg (1999) a resistência à mudança tem sido vista como uma resposta quase inevitável a uma mudança necessária (Dent & Goldberg, 1999; cit. in Oreg, 2006) enquanto para Folger e Skarlicky (1999) a resistência foi definida como um comportamento de funcionário que procura desafiar, interromper as relações de poder.

Dougherty (2000) refere-se à resistência como a falha de um paciente a participar construtivamente no processo de consulta em que a resistência pode ocorrer em relação ao tratamento, onde ou o paciente não melhora na consulta ou falha no tratamento.

De acordo com Beutler et al, (2002) para alguns teóricos e investigadores a resistência é uma construção dicotômica, ou seja, presente ou ausente, enquanto para outros a resistência é uma variável que vai de uma submissão excessiva até uma oposição extrema.

Para Messer (2002) a resistência psicológica é definida como a falta de vontade de alcançar uma visão sobre a verdadeira natureza dos pensamentos ou sentimentos (Messer, 2002; cit. in Knowles & Linn 2004).

Williams (2002), numa abordagem construtiva, argumentou que a resistência é idiossincrática e é um conceito inútil. Ele argumenta que se o cliente não está a colaborar, então o terapeuta precisa determinar a função que o comportamento do cliente está a servir.

Ao nível da comunicação à persuasão, Knowles e Linn (2004), referem três fontes básicas de resistência que impedem a persuasão, a conformidade e a mudança sendo estas; resistência à mudança conhecida como inércia; resistência à proposta designada como ceticismo; e a resistência às tentativas de influências também conhecida como reactância. A visualização da conformidade e da resistência como produtos de forças em conflito, vai implicar diversas formas de superar a resistência à persuasão.

Segundo Langhout (2005), a resistência psicológica pode ser coletiva ou individual, sendo possível acontecer quando uma instituição tenta controlar a identidade, valores, pressupostos e metas. Isto acontece quando constitui uma ameaça para a identidade do indivíduo e se caso não houver um diálogo ou discurso de crítica, seja verbal ou não verbal, o comportamento é considerado de oposição, mas não de resistência.

Segundo Dillard e Shen (2005), a resistência é essencialmente consciente, implicando uma mistura de processos emocionais e cognitivos, sendo definida como cognições negativas que resultam de uma ameaça à liberdade do indivíduo. E de acordo com estes autores o Modelo de processo entrelaçado cognitivo e afetivo é onde o afeto e a cognição estão entrelaçados, em que a resistência tem ambas as componentes cognitivas e afetivas. Os seus efeitos sobre a persuasão não podem ser separados e consideram a resistência como resposta do indivíduo à mensagem persuasível que resulta simultaneamente da cognição e da emoção.

Segundo Chadee (2011) a resistência é uma função da pressão em cumprir algo por causa da influência social podendo variar as tentativas definitivas para conseguir alcançar a conformidade. A avaliação da percepção de ameaça contínua é uma função da magnitude da resistência e inclinação para denunciar a influência social enquanto para Zimbardo e Leippe (1991), a influência social pode ser definida como uma mudança comportamental dos indivíduos provocada por outros indivíduos.

Em suma, desde a altura de Sigmund Freud que a resistência psicológica tem merecido atenção. Existem múltiplas definições de resistência, que diferem consoante os domínios em que se encontra a ser investigada: a resistência como um obstáculo terapêutico, a tendência para se opor em trazer material do inconsciente para o consciente (Freud, 1926), a resistência à mudança como resultado da intenção de um indivíduo ou um grupo a se opor às forças sociais (Lewin, 1951), para Brehm (1966) a reatividade é considerada como um estado motivacional temporário em respostas a certos acontecimentos específicos associados a uma possível ameaça à liberdade.

1.2. Componentes da Resistência Psicológica

A resistência psicológica apresenta uma diversidade de componentes.

Para Freud (1895) a resistência é força motivacional interna que é provocada pelo mecanismo de defesa psicológica e conflitos inconscientes que se opõem a uma percepção consciente do material reprimido, considerada como uma força psíquica inconsciente que tem a função de eliminar da consciência uma ideia dolorosa e ao mesmo tempo impede o seu retorno à memória. Este autor situa o conceito de resistência a partir de um obstáculo à cura e ao restabelecimento dos pacientes. Freud (1923) afirmou que a resistência ocorre quando um paciente fica bloqueado com as suas associações livres e classificou cinco tipos de resistência: resistência do ego, resistência do superego, id, ganho secundário e resistência de transferência (Freud, 1926).

Brehm (1966) a reatividade é vista como estado emocional de rejeição da mensagem; como um estado motivacional que ocorre em resposta a uma ameaça, o desejo de contrariar a tentativa de alguém para limitar suas escolhas e que a resistência pode explicar conceitos como a frustração, a conformidade e o poder social. A liberdade, a ameaça de liberdade, a reatividade e restauração da liberdade, a reatividade ocorrem quando o indivíduo tem um sentido concreto da liberdade e a conhece (Brehm & Brehm, 1981).

Diversos estudos foram feitos para associar a resistência psicológica a outras variáveis psicológicas. Foram desenvolvidos auto relatos da resistência de maneira válida, confiável e normalmente distribuída pela população (Dowd, Milne & Wise, 1991). A resistência psicológica foi apresentada como tendo duas medidas: a motivação e a personalidade (Dowd, Walbrown, Sanders & Yesenosky, 1994). Estes autores constataram que a resistência está positivamente e significativamente

relacionada com variáveis como a dominação, independência, autonomia, a negação, a autossuficiência, falta de conformidade e falta de tolerância. A resistência está relacionada com a negação, sentimento de defesa, uma tendência para agir sem ponderar as potenciais consequência de uma linha de comportamento, natureza dominadora e controladora, natureza independente, individualista e autodeterminada e a incapacidade para aceitar a crítica (Dowd & Wallbrown,1993).

Judge, Thoresen, Pucik e Welbourne (1999) identificaram dois fatores: o auto conceito positivo que compreende o locus de controlo, autoeficácia, autoestima e afetividade positiva; na investigação este fator associa-se com a capacidade de lidar com os acontecimentos difíceis e de stress. O segundo fator é a tolerância que pressupõe a abertura à experiência, a ambiguidade e a aversão ao risco. Uma associação de um conjunto de diferenças individuais e variáveis de contextos específicos podem predizer a abertura à mudança (Wandberg & Banas, 2000). As variáveis individuais são a autoestima, controlo e o otimismo em que estas variáveis são consideradas como medidas de resiliência psicológica, para a aceitação da uma mudança. E em relação às variáveis de contexto específico são a participação, a autoeficácia, a informação, impacto social e o apoio social e por outro lado uma nível baixo da aceitação à mudança está relacionado com um nível baixo de satisfação com o emprego e elevada intenção de deixar o trabalho (Judge et al., 1999; Wandberg & Banas, 2000).

Piderit (2000) apresenta a resistência à mudança como uma estrutura multifacetada em que a resistência à mudança é definida aqui como uma atitude tridimensional para a mudança, compreendendo as componentes afetivas, comportamentais e componentes cognitivas sendo que a dimensão afetiva, tem a ver com os sentimentos positivos ou negativos de funcionários, quando confrontados com uma mudança em que estes sentimentos compreendem humores e emoções como raiva, alívio e ansiedade; a dimensão comportamental envolve ações ou intenções de agir em resposta à mudança e a dimensão cognitiva tem a ver com os pensamentos dos trabalhadores em relação à mudança (Piderit, 2000; cit. in Oreg, 2006) e a dimensão cognitiva refere-se às crenças positivas ou negativas dos empregados como um resultado de uma avaliação mental da mudança e quanto mais negativas forem essas crenças, maior será a resistência cognitiva (Eagly et al., 1999; cit. in Van den Heuvel, 2009).

Segundo Seibel e Dowd (2001), a resistência pode estar associada com aspectos do desenvolvimento do funcionamento do ser humano e entenderam que a resistência psicológica estava associada ao isolamento interpessoal e à autonomia (Seibel & Dowd, 1994; cit in Seibel & Dowd, 2001). A resistência verbal foi relacionada com uma resolução negativa da fase 1 (confiança versus desconfiança e a resolução positiva da fase 2 (autonomia versus vergonha e duvida).

Através de uma escala para a medição da resistência à mudança, proposta por Oreg (2003), que avalia a propensão da personalidade para a resistência psicológica à mudança, ela apresenta quatro componentes de resistência psicológica: a busca rotinas em que diz respeito à preferência do indivíduo por tarefas previsíveis, procedimentos e ambientes conhecidos; a segunda dimensão é a reação emocional, quando o indivíduo experiencia desconforto, falta de entusiasmo e ansiedade e sentem mudanças oposto. O foco a curto prazo da próxima dimensão traduz o grau com que o indivíduo se preocupa com os inconvenientes e desconfortos que a mudança causa, em vez de dar importância aos potenciais benefícios e ao conforto que pode trazer a longo prazo. Finalmente a última dimensão é a rigidez cognitiva que apresenta a inflexibilidade no pensamento do sujeito e a dificuldade em aceitar ideias, perspectiva, métodos alternativos. No seu estudo o autor constatou que os indivíduos são diferentes uns dos outros em relação à resistência ou adotam mudanças distintas.

Para Dillard e Shen (2005) a resistência é essencialmente consciente e daí ser possível relatar, podendo originar uma mistura de processos emocionais e cognitivos. Assim, estes autores distinguiram quatro modos distintos de caracterizar a resistência. O primeiro modelo, a resistência é dominado como um fenômeno apenas cognitivo e único no processo em que a resistência é mensurável diretamente através de diversas técnicas de autorrelato; o seguinte modelo é dominado como modelo afetivo único no processo e é baseado na ideia que a Resistência se manifestava através da raiva; o terceiro modelo é Modelo de Processo Dual Cognitivo-Afetivo em que a cognição e o afeto podem ser discriminados, apresentando impactos diferentes no indivíduo em relação ao comportamento, à resposta e à mensagem. Finalmente, o Modelo de Processo Entrelaçado, sugere que o afeto e a cognição estão intimamente ligados, e que a resistência apresenta ambos, componentes afetivos e cognitivos.

Roubrocks, Ham e Midden, (2011) demonstraram que existiam dois fatores (raiva e cognições negativas) que contribuiriam para a resistência psicológica e eram construtos dependentes uns dos outros que podiam ser explicados por um modelo

entrelaçado em que a sua implicação deveria ser avaliada, a raiva e as cognições negativas na medição da resistência psicológica. Numa investigação realizada por estes autores, eles constataram que há uma relação entre a mensagem contendo ameaça para a autonomia de escolha e de atitude e uma relação entre a mensagem contendo uma ameaça para a autonomia de escolha e as intenções comportamentais, e que uma mensagem de elevada ameaça dá origem a um atitude mais negativa e menores intenções comportamentais em relação aos indivíduos que leram uma mensagem com baixa ameaça (Roubrocks, Ham & Middel, 2011).

Em suma, são descritas na investigação que existe múltiplas componentes de diferentes áreas científicas: estado motivacional (Brehm, 1966); força psíquica inconsciente e o mecanismo de defesa (Freud, 1985); e emoções e cognições negativas que resultam de uma ameaça à liberdade do indivíduo (Dillar & Shen, 2005).

1.3 Abordagens à Resistência

Em relação à Resistência Psicológica existem duas grandes abordagens sobre a resistência: a perspectiva traço e a perspectiva estado.

1.3.1. Perspetiva Traço

A resistência como traço é permanente, estável, interna e relacionada com a personalidade.

Para Watson (1971) a resistência psicológica é definida como todas as forças que contribuem para a estabilidade nos sistemas da personalidade ou sociais. As fontes de resistência psicológica na personalidade são nove e descritas por Watson (1969), a homeostase; a primazia; o hábito; a percepção seletiva e a retenção; a dependência; ilusão de impotência; superego; autodesconfiança e a insegurança e regressão (Watson, 1969; cit. in Watson, 1971).

De acordo com Dowd (1989) a resistência vem de uma motivação para ter novamente controlo, tanto sobre si mesmo como sobre os acontecimentos, podendo implicar uma suposição cognitiva central em que os indivíduos devem-se controlar eles próprios como também os acontecimentos. De acordo com Dowd et al., (1991) a resistência pode ocorrer através de ações específicas do indivíduo em situações específicas.

Dowd e Wallbrown (1993), concluíram que a resistência psicológica está associada com a negação, sentimento de defesa, incapacidade para aceitar a crítica, natureza dominadora e controladora, natureza independente, individualista e auto determinada e uma tendência para agir sem ponderar devidamente as consequências potenciais de uma linha de comportamento utilizando a Escala de Resistência Terapêutica (TRS) e o questionário medindo reatividade psicológica (QMPR). Por outro lado a resistência psicológica está relacionada com a defensiva e com a facilidade de se sentir ofendido, falta de vontade em procurar a simpatia e a proteção dos outros, não se apresentar em termos favoráveis e ainda com a agressão, autonomia e impulsividade através do QMPR. As investigações destes autores, com a utilização da escala de resistência terapêutica, levou a constatarem que a resistência é maior por necessidade de agressão, mudança, exposição, autonomia, domínio e impulsividade. É negativamente por necessidade de nutrição, humilhação e afiliação. Estes concluíram que os indivíduos resistentes aparecem como um sujeito solitário, dominador e individualista e que lhe faltam relações fortes com outros indivíduos, não estando dispostos a criar um pressão favorável nos outros, podendo estes indivíduos também serem líderes fortes e efetivos em muitas circunstâncias.

Lau e Woodman (1995) sugerem, num estudo empírico, que a rigidez cognitiva pode dar origem à resistência à mudança. Em relação à flexibilidade, os indivíduos que são mais flexíveis são mais abertos e mais disponíveis à mudança e colocam-na em prática. Por outro lado, indivíduos que são menos flexíveis resistem mais em aceitar a mudança.

Segundo Cloninger (1999) a personalidade é um conjunto de sistemas organizados que sustentam o comportamento do indivíduo. Pode ser definida com uma característica estável e geral da maneira de ser do indivíduo, da forma como reage aos acontecimentos com que se depara.

Segundo Oreg (2003) a personalidade é uma característica psicológica única e gradual que se encontra em cada indivíduo através do agir, sentir e pensar. Os indivíduos que são resistentes à mudança são considerados como um traço de personalidade estável, estão menos sujeitos a incorporar, de forma voluntária, alterações nas suas vidas. Por outro lado, quando a mudança é imposta, estes estão menos sujeitos a reações emocionais negativas como a ansiedade, o medo e a raiva. Este autor propôs uma escala para a medição da resistência à mudança e constatou que os indivíduos diferem uns dos outros na sua inclinação para resistir à mudança e

essas diferenças podem prever as atitudes das pessoas em relação às mudanças específicas que sejam impostas ou voluntárias. E refere que o traço de resistência à mudança está associado com outros traços da personalidade, como o dogmatismo (Rokeach, 1960), a intolerância a ambiguidade (Budner, 1962), a aversão ao risco (Slovic, 1972), a abertura à experiência (Digman, 1990) e a busca de sensações (Zuckerman, 1994).

Para Dillard e Shen (2005) a resistência é possível de ser medida, tendo desenvolvido uma medida de resistência estado, pois consideram a resistência essencialmente consciente e daí ser possível relatar, podendo originar uma mistura de processos emocionais e cognitivos. E definem a resistência como cognições negativas, que resultam de uma ameaça à liberdade do indivíduo.

Segundo Woller, Buboltz e Loveland (2007) os indivíduos resistentes são mais propensos a ser impulsivos e desorganizados. De acordo com Cloninger et al. (2010) a procura de novidade é um antecedente das perturbações do comportamento e dos comportamentos externos. Enquanto, para Beutler (2011), a resistência implica tanto a característica estado como de traço associada à psicopatologia.

Em suma, a resistência como traço é estável, permanente, interna e relacionada com a personalidade. Como é notável, existe uma diversidade de definições e perspectivas em relação à resistência e personalidade, sendo vista a resistência traço como personalidade. Por exemplo: a resistência psicológica é definida como todas as forças que contribuem para a estabilidade nos sistemas da personalidade ou social (Watson, 1971), a rigidez cognitiva pode dar origem à resistência à mudança (Lau & Woodman, 1995) enquanto para Oreg (2003) a personalidade é considerada uma característica psicológica única e gradual que se encontra em cada indivíduo através do agir, sentir e pensar em que os indivíduos resistentes à mudança são considerados como um traço de personalidade estável.

1.3.2. Perspetiva Estado

A reatividade é instável e temporária enquanto a resistência é permanente, interna e estável. A reatividade é uma predileção que existe dentro da pessoa por causa das suas histórias de relações com autoridades e perda de liberdade enquanto a resistência pode ocorrer através de ações específicas do indivíduo em situações específicas (Dowd et al., 1991). Por um lado a resistência pode ser tanto uma

qualidade de traço como um estado, enquanto a reatividade é apenas como um comportamento estado que ocorre na personalidade normal (Beutler, 2011).

A reatividade é considerada como temporária, instável e depende das condições externas (por exemplo: teoria da reatividade de Brehm (1966), como um estado motivacional que ocorre em resposta a uma ameaça e segundo Eagly e Chaiken (1993) a resistência é caracterizado por um estado emocional negativo).

A reatividade é um estado motivacional, que é consequência de uma ameaça à autonomia tornando impossível de ser diretamente medida, avaliada e mensurável, mas pode-se levantar a hipótese da sua existência, deixando prever os efeitos comportamentais e por outro lado só pode apenas ser estudada através dos resultados da mensagem persuasiva (Brehm & Brehm, 1981).

A reatividade pode surgir a partir de suposições centrais poderosas da necessidade de controlo pessoal e social, (Dowd, 1989). Enquanto que para Brehm (1993) a reatividade refere-se a controlar a motivação em vez de motivação de realização.

A Reatividade é uma classe especial de resistência que se manifesta no comportamento de oposição e não cooperativo (Beutler et al., 2002); está menos relacionada com o evitar psicológico do material ameaçado, mas mais com o controlo interpessoal e a liberdade comportamental (Baker, 2003) e tem mais a ver com o comportamento estado que ocorre na expressão da personalidade normal (Beutler, 2011).

A identidade caracterizada pelas mudanças constantes entre as fases de exploração que abordam desafios à identidade (Erikson, 1968).

Para Erikson (1972), a identidade é uma conceção de si mesmo, composta por um conjuntos de valores, crenças e metas com as quais o indivíduo está solidamente comprometido e que a formação de identidade consiste num processo que se dá ao longo da vida do indivíduo.

Para Erikson (1985), a identidade psicossocial é definida como um sentimento que dá a capacidade para experienciar o próprio Eu, como algo que tem continuidade e unidade, que dá permissão para que o indivíduo se insira no meio sociocultural de uma maneira coerente e que permite ao indivíduo orientar-se em relação a outros indivíduos e ao seu meio ambiente. Deveria falar-se de identidades e não de identidade visto que tanto o indivíduo como a cultura não são homogêneos, mas múltiplos.

Segundo Claireborn e Dowd (1985), a resistência psicológica é uma expressão de necessidade do ser humano sendo interpretada como uma estrutura protetora perante rápidas mudanças, que leva o ser humano a proteger e evitar a perda da sua identidade pessoal.

A resistência é saudável na medida em que protege o núcleo de esquemas cognitivos esmagadora de ataques e no processo protege o sentido do indivíduo de identidade e significado pessoal (Mahoney,1991).

Dowd (1993) refere que o sentido básico de identidade pessoal que vai emergindo é o estender de uma autonomia. Sendo que essa autonomia é favorecida por um nível ótimo de resistência e caso não haja autonomia não há identidade nem mesmo resistência. Este autor refere que o sentido de identidade de um indivíduo pode converter-se no inverso da identidade do indivíduo, como a figura principal de vinculação, na qual o indivíduo está a reagir, e não é a verdadeira identidade. E por outro lado, para o indivíduo em que as figuras principais de apego punem a separação e a autonomia, em que não há um apoio de segurança, pode surgir uma falta de nível necessário de resistência para estender um autêntico sentido de autonomia e de identidade no adulto, por isso tanto o nível alto de resistência como um fraco nível de resistência pode originar um resultado de um fraco sentido de identidade mas enquanto um nível moderado de resistência pode considerar-se uma parte necessária para um sentido saudável de identidade e autonomia. A autonomia parece estar diretamente associada com nível de resistência (Dowd, 1993).

Segundo Berzonsky (2003) a identidade é definida como uma interpretação das experiências pessoais e não das situações em si que formam a realidade dos indivíduos. Este refere que a construção da realidade é medida pelos construtos que são impostos ao indivíduo, isto é os indivíduos vivem e atuam numa realidade externa que existe independentemente deles.

Para Stryker (2007) a identidade é definida como sendo as cognições ou conceitos do “ self ” ou seja comportamentos internalizados da ligação a grupos sociais. Dá importância à estrutura social, porque é na estrutura social que os sujeitos se desenvolvem levando a um enriquecimento da sua identidade através dos significados e atribuições sociais que atribuem.

Em suma ao longo desta pesquisa verificou-se que existe uma larga diversidade de definições da identidade e reatividade em que a reatividade é uma classe especial de resistência e é um estado temporário instável que depende das

condições externas e está relacionado com a identidade (por exemplo: a resistência é saudável na medida em que protege o núcleo de esquemas cognitivos de ataques e no processo protege o sentido do indivíduo da identidade e significado pessoal (Mahoney,1991); uma expressão de necessidade do ser humano sendo interpretada como uma estrutura protetora perante rápidas mudanças, que leva o ser humano a proteger e evitar a perda da sua identidade pessoal (Claireborn & Dowd,1985). A reatividade refere-se a controlar a motivação em vez de motivação de realização (Brehm, 1993); é uma classe especial de resistência que se manifesta no comportamento de oposição e não cooperativos (Beutler et al., 2002) e de acordo com Beutler (2011) tem mais a ver com o comportamento estado que ocorre na expressão da personalidade normal.

Assim sendo é perceptível que a reatividade remete para as questões de identidade e para termos como resistência e reatividade existe um uso indiferenciado dos mesmos e noutros casos estes termos referem-se a fenómenos diferentes. É necessário uma integração destas múltiplas definições e perspetivas para uma melhor compreensão do relacionamento destes conceitos.

1.4. Objetivo e questões de investigação

O objetivo deste estudo foi realizar uma Revisão Sistemática sobre a Resistência Psicológica de modo a favorecer a integração dos contributos, nomeadamente contribuir para uma síntese em relação à compreensão sobre a resistência psicológica.

As questões da investigação foram :

Questão 1 : Qual o ano de publicação do artigo ?

Questão 3: Que tipos de participantes têm sido incluídos nos estudos sobre a resistência ?

Questão 4: Que tipos de estudos têm sido desenvolvidos ?

Questão 5: Em que domínios de funcionamento a Resistência tem sido estudada ?

Questão 6: Que abordagens conceptuais no estudo de resistência têm sido utilizadas ?

- Abordagens Traço/estado (Perspetiva Traço, Perspetiva estado)
- Modelos e teoria (exemplo : Teoria da resistência psicológica).

2. Metodologia

2.1. Procedimentos

2.1.1. Pesquisa bibliográfica

Uma pesquisa bibliográfica foi realizada nas seguintes bases de dados: *Pubmed*, *Web of Science* e *EBSCO* durante o mês de maio de 2014. Os termos de busca foram resistência psicológica e resistência. Na EBSCO, a pesquisa foi feita da seguinte forma: ((psychological resistance [Title]) OR psychological resistance [Title/Abstract]) OR psychological resistance [subject terms]. Na Web of Science a busca foi feita de seguinte forma: TS (topico) = (psychological resistance OR resistance) OR TI(titulo) = (psychological resistance OR resistance). Por último, a na Pubmed, a pesquisa foi realizada desta forma: ((psychological resistance[Title]) OR psychological resistance[Title/Abstract]) OR psychological resistance[MeSH Terms].

2.1.2 Critérios de seleção

Os critérios de seleção foram os seguintes : a) o termo Resistência referir-se à resistência psicológica, b) ser artigo científico publicado em revista científica c) reportar estudos originais, d) a resistência ter sido uma variável avaliada, e) os artigos serem em língua inglesa e f) os artigos estarem disponíveis em texto completo nas bases de dados.

2.1.3 Critérios de inclusão/ exclusão

Os critérios de inclusão foram: a) ter uma variável definida e avaliada de forma operacionalizada, b) identificar explicitamente a resistência como variável avaliada. Os critérios de exclusão foram : a) o objeto de estudo ser “Reatividade“ e não “Resistência psicológica “ b) sendo artigo de revista, ser uma revisão de livros.

2.1.4 Criação de categorias

Existia uma grande diversidade em relação às áreas científicas, domínios de funcionamento e tipo de estudos. Surgiu a necessidade de realizar categorias para uma melhor compreensão sobre o estudo da resistência. Todos os artigos foram analisados individualmente e independentemente por dois juízes com o objetivo de classificar os diferentes estudos em relação às categorias criadas. Quando surgiam dúvidas ou

descordo nas categorizações, ambos os juízes reuniam-se e discutiam sobre essa categorização. Foram criadas as seguintes categorias :

Participantes - Em relação aos participantes foram classificados da seguinte forma: crianças (até 4-7anos), crianças/adolescentes (5-16 anos), adolescentes (12-18 anos), adultos (19-60 e idosos (62-92) para se poder ter uma melhor visão de qual destas faixas etárias foram mais estudadas e as menos estudadas ao longo da investigação.

Data de publicação - Os artigos foram classificados de acordo com a data de publicação. Para além disso foram agrupados por década para ter uma visão holística sobre a evolução ao longo do tempo.

Tipo de estudo - Para classificar cada estudo em termo do desenho de investigação criaram-se as seguintes categorias: os estudos teóricos, os estudos correlacionais, os estudos instrumentais, os estudos experimentais e os estudos descritivos. De acordo com Cervo e Bervian (1983). o estudo descritivo tem como objetivo a caracterização das propriedades de um fenómeno; os estudos correlacionais são a relação entre variáveis, exceto a relação de causa-efeito e os estudos das relações entre variáveis estão descritivos, pois não há a manipulação de variáveis; os estudos experimentais envolvem a manipulação das variáveis na tentativa de estabelecer relações de causa-efeito; os estudos instrumentais são utilizados para a validação de um instrumento e por último os estudos teóricos envolve estudos e avaliações aprofundadas de informações disponíveis na tentativa de explicar o contexto de um fenómeno em que podem ser categorizadas em revisão sistemática, meta-análise, opinião e análise de teorias (Cervo et al., 1983).

Domínios de funcionamento - As categorias de classificações criadas foram: Resistência/adesão ao Tratamento (incluindo tratamento psicológico e tratamento médico); Influência e Persuasão; Resistência e Resiliência; Resistência à Inovação; Resistência na Educação e aprendizagem; Características psicológicas da Resistência; Resistência ao exercício; Subordinação à autoridade/dominação e Desenvolvimento de quadros clínicas. Estas foram criadas numa primeira análise, cada artigo foi classificado em termos do domínio psicológico em que a resistência estava a ser estudada. Esta primeira análise foi feita independentemente por 2 juízes. Depois as categorias criadas foram agrupadas em categorias mais globais. Nos casos de não corresponder a classificação entre os dois juízes, foi feita uma reanálise e discussão resultando na decisão final.

Perspetiva traço/estado e teorias e modelos - Os 123 artigos foram classificados por perspetiva traço e perspetiva estado para perceber se resistência é mais uma perspetiva traço ou perspetiva estado ao longo do estudo sobre a resistência psicológica. Em que a resistência traço é permanente e interna e relacionada com a personalidade e a resistência estado relacionada com a reatividade em que esta é instável, temporária e remete para as questões de identidade.

Em termos de teorias/Modelos agruparam-se na primeira análise por área científica: Teorias Clínicas; Teorias da área social, teorias da área da educação, teorias da Organização e teorias da Comunicação. Esta análise foi feita independentemente por 2 juízes. No caso de não haver uma concordância entre eles será feita uma reanálise e discussão resultando numa decisão final.

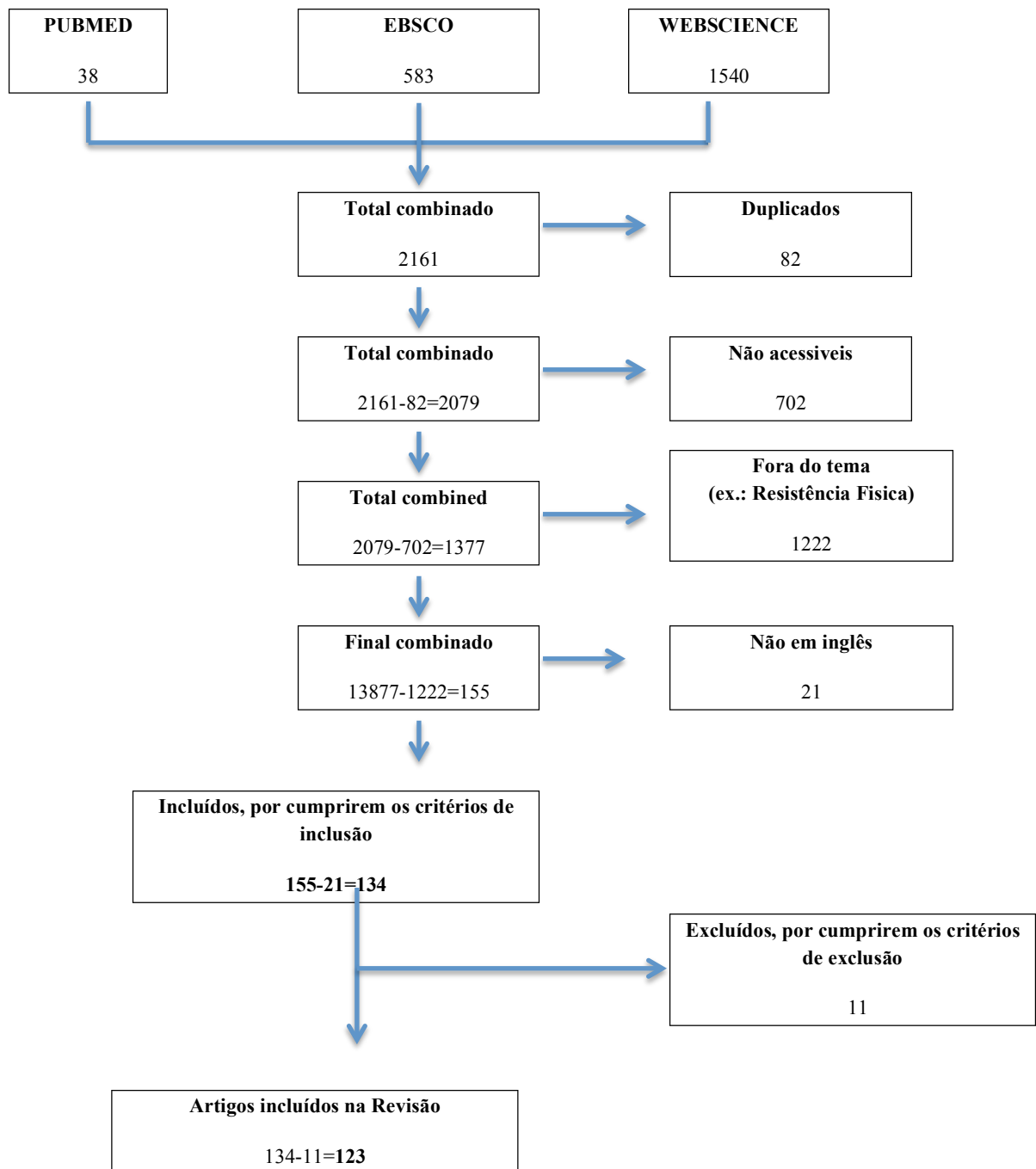
3. Resultados

3.1 Resultados da pesquisa

Na pesquisa na base de dados foram encontrados no total 2161 referências a partir dos termos introduzidos e descritos anteriormente. Na Pubmed foram encontrados 38 referências, na Ebsco, 583 referências e na Web of Science, 1540 referências. Somadas, totalizaram 2161. Destas, 1222 foram excluídas por se referirem à resistência não psicológica (exemplo: Resistência física), 82 estavam repetidas, 702 não estavam acessíveis, 11 não cumpriam os critérios de inclusão, e 21 referências não eram de língua inglesa. Chegamos assim a uma soma de 123 artigos para a revisão sistemática (ver Esquema 1)

Esquema1:

Fases do processo de seleção dos artigos na revisão Sistemática



Adaptado de Moher D. et al. (2009). Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The Prisma Statement. *Plos Medicine* 6(7), 1-6.

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estad o	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
50	1	Psychiatric social work section (Kadushin, 1957)	Teórico	Medicina	Assistentes sociais	/	Estado	Oposição à consulta do tratamento psiquiátrico/fatores socio-genicos, psicogenicos. (Kadushin, 1957)	/	Entrevista com assistentes sociais (Kadushin, 1957)	“O aceitar o tratamento e a adesão resulta da interação entre os fatores genicos e psicogenicos”. (Kadushin, 1957, p.1)
60	5	Child deveploment. (Burton, 1961)	Correlacional	Clinica	Crianças	4	Traço	Resistência e Temperamento (Burton, 1961)		Escala de entrevista (interview schedule), (Burton, 1961)	“A relação entre a criança de nível de atividade (como relatado pela sua mãe) e a sua capacidade de resistir à tentação é positiva e não existe uma relação simples entre "permissivas" ou "severo" nas práticas educativas e de resistência à tentação”(Burton, 1961, p.1).
		Journal of Abnormal and Social Psychology. (Janis, 1962)	Teórico	Clinica/Social	Adultos / comunidade	18-55	Traço	Resistência e Comunicação (Janis, 1962)	/	Cada individuo foi entrevistado em uma sessão privada. (Janis, 1962)	“Resultados sugerem que a comunicação produzirá maior resistência na mudança de atitude se atingir um maior nível de medo do que se atingir um menor nível de medo”(Janis, 1962, p.1).
		Psychological Reports (Shapiro, 1964)	Correlacional	Educação	estudantes		Traço	Resistência /características de personalidade autoritário com alto “F” (fascist personality) (Shapiro, 1964)		Escala de Opinião Pública Capacidade Mental primário de Berkeley (Shapiro, 1964)	“As caraterísticas de personalidade autoritária tendem a estar relacionadas negativamente com as notas quando as técnicas de ensino usadas consistem em transmissão de informação e argumentação democrática. No entanto, tendo a mesma capacidade verbal, é mais provável que (nestas condições) um aluno autoritário tenha pior rendimento em conteúdos de psicologia do que um aluno não autoritário” (Shapiro, 1964, p.1).
		Journal of Social Psychology. (Youtz et al, 1964)	Experi-mental	Clinica	Estudantes/Ad adultos		Traço	Construtos da Resistência e Temperamento (Youtz et al, 1964)		O devisão-metade da confiabilidade da escala de Likert.(Youtz et al, 1964)	“As condições-ego elevadas e persistentes são responsáveis pelos efeitos de resistência em relação à crítica dos julgamentos das outras pessoas” (Youtz et al, 1964, p.1)

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Científico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estad o	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Journal of Personality and Social Psychology (Terris & Rahhal, 1969)	Correlacional	Educação	Adolescentes	18	Traço	Resistência aprendido (learned resistance e Efeitos do Stress. (Terris & Rahhal, 1969)		3 listas de consoantes consonant; A Lafayette Model 2303A memory drum. (Terris & Rahhal, 1969)	“Os resultados indicam que a resistência ligada a um fator de stress origina novos stresses, sendo possível aumentar a capacidade de executar sob ansiedade, treinando inicialmente com um fator de stress diferente” (Terris & Rahhal, 1969, p.1).
70	3	American Behavioral Scientific (Watson, 1971).	Teorico	Clinica	/		Traço	construtos da resistencia. (Watson, 1971).	teoria de construtos. (Watson, 1971)		“As nossas observações em fontes de resistência entre pessoas e entre instituições podem-se resumir em alguns princípios concisos. Estas não são leis absolutas, mas são baseadas em generalizações que são normalmente verdadeiras e suscetíveis de serem pertinentes” (Watson, 1971, p.1).
		Journal of Consulting and Clinical Psychology (Reed, 1974)	Correlacional	Clinica	Adulos		Traço	resistencia no consumo do tabaco. (Reed, 1974)			“Os resultados indicam que o procedimento da consciência das racionalizações é mais eficaz em convencer fumadores descontentes da relevância pessoal dos problemas de saúde, do que o procedimento de controlo, que apresenta a mesma informação específica para refutar racionalizações típicas”. (Reed, 1974, p.1)
		Psychological Reports (Wilkinson, 1974)	Correlacional	Organização	Estudantes	/	Traço	Dimensões psicológicas sociais de resistência às inovações psiquiátricas (Wilkinson, 1974)	/	Escala do Domatismo (Schulze, 1962), Escala do Conservatismo scale, (McClosky, 1968) (Wilkinson, 1974)	“Os resultados indicam que os indivíduos resistentes tendem a ser mais conservadores, mais dogmáticos, mais maquiavélicos, e possuem pouca fé nas pessoas ao contrário dos que aceitam” (Wilkinson, 1974, p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
80	3	European Journal of Social Psychology (Mugny & Papastamou, 1980).	Experi-mental	Social	Adultos	15	Estado	Resistencia e inovação (Mugny & Papastamou, 1980).		Questionário de 20 itens (Mugny & Papastamou, 1980).	“Resultados indicam que uma forte diferença entre o estilo flexível e rígido aparecem com uma única fonte, mas que independentemente do número de fontes, o estilo rígido obtém uma imagem menos positiva. (Mugny & Papastamou, 1980, p.1).
		Journa] of Abnormal Psychology (Holahan, 1987).	Correla- cional	Clinica	Adultos- Crianças		Estado	Resistência e factores do stress (Holahan, 1987).		Sample Selection and Respondent Characteristics - Child Adjustmen. Holahan, 1987).	“Os resultados demonstraram que a disfunção parental, especialmente fatores de risco maternas e de apoio familiar, estão significativamente relacionados com a ansiedade nas crianças e que entre adultos, os fatores de risco e resistência tiveram uma influência contínua na saúde ao longo do tempo mesmo quando o componente estabilizador da angústia das crianças foi controlado” (Holahan, 1987, p.1).
		Psychology & Marketing (Lessne, 1987)	Experi- mental	Marketing	/	/	Estado	Resistência à persuasão/Marketin g	Teoria de Inoculação no Marketing (Bither et al., 1971)	/	“Ambas as inoculações (refutacional- igual e refutacional - diferente) foram superiores no tratamento sem defesa na indução de resistência à persuasão e que o tratamento apoiado confere menor resistência à persuasão do que a refutacional (inoculativa) tratamento ” (Lessne, 1987, p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estad o	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
90	9	Journal of Substance Abuse Treatment, (Lovejoy et al.,1995).	teorico	Medicina	Adultos	/	Traço	Resistência e abuso de substancia.	Relapse Prevention Treatment Model. (Lovejoy et al.,1995).	Entrevista semi-estruturada. (Lovejoy et al., 1995)	“As descobertas sugerem que apesar da ambivalência ou resistência inicial, os pacientes ficaram fortemente comprometidos pelo reforço positivo da intervenção do tratamento e aumento dos níveis de compromisso” (Lovejoy et al., 1995, p.1).
		American Journal of community Psychology. (Ying & Akutsu, 1997).	Correlacional	Clinica	Adultos		Traço	Resistenciae de ajustamento. (Ying & Akutsu, 1997).	Model of Psychological Adjustment . Antonovsky's model. (Ying &	Escala do sentido de Coerência (Rumbaut, 1991).	“Os resultados revelaram variação étnica a nível do sentido de coerência e exposição a fontes resistentes e deficits. O sentido de coerência prediz diretamente o ajustamento psicológico medida pela felicidade e desmoralização. O sentido de coerência surge como um preditor mais poderoso do ajustamento psicológico” (Ying & Akutsu, 1997, p.1).
		Acta Psychiatrica Scandinavica. (Fava et al., 1997).	Experimetal	Clinica	Pacientes todas as faixas etárias		Traço	Resistência e agrofobia.(Fava et al.,1997).		Entrevista para Depressão da Clinica de Paykel (CID), (Fava et al., 1997).	“Os pacientes que resistiam ao tratamento eram bastante mais jovens, na sua maioria do sexo masculino, e poucos eram os que eram casados em relação aos pacientes tratados com sucesso, por outro lado utilizavam menos benzodiazepinas, a doença prolongava-se por mais tempo e tinham maior taxa de depressão antes do tratamento” (Fava et al.,1997, p.1).
		American Journal of community Psychology. (Ying et al, 1997).	Correlacional	Clinica	Adultos	ages 18-68	estado	Resistencia e disfunção, deficits (Ying et al, 1997).		Escala do sentido de Coerência (Rumbaut, 1991),	“O sentido de coerência reduz significativamente o poder preditivo da resistência generalizada e deficits nos modelos de disfunção psicológica” Ying et al, 1997, p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estad o	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Psychology, Public Policy, and Law. (Winick, 1998)	Teórico	Clinica	Adultos		Traço	Resistência e Aconselhamento (Winick, 1998)			“Negação e resistência, existentes na ansiedade dos clientes em defrontar estas difíceis questões, são exemplos do que a literatura em jurisprudência terapêutica (TJ) e lei preventiva denominaram de um lugar de psicojurídico soft e que a integração do TJ e advocacia preventiva oferece uma nova visão do advogado que exerça sendo terapêutico para ambos. A resistência e negação do cliente ocorre em numerosos contextos práticos” (Winick, 1998).
		The International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis (Groth-Marnat & Mitchell, 1998)	Correla- cional	Clinica	Adultos	17-49	estado	resistência e hipnose. (Groth- Marnat & Mitchell, 1998).		Escala Terapeutica da Resistência (TRS) (Dowd, Milne, & Wise, 1991);	“Participantes com grande resistência são mais sensíveis a abordagens indiretas, enquanto aqueles com baixos níveis de resistência são mais sensíveis a procedimentos de hipnotismo direto” (Groth-Marnat & Mitchell, 1998).
		Transpn Res. (Tertoolen et. al., 1998).	Correla- cional	Clinica	Adultos		Estado	Resistencia psicológica/ uso do caro.			“Os resultados sugerem que se podem esperar pequenos progressos pedindo a condutores individuais para reduzirem voluntariamente a utilização do carro. O dilema social, segundo o qual as pessoas não se querem sacrificar pelo interesse coletivo mais do que os outros querem, fortalece a resistência aos apelos para definir um bom exemplo e para se comportarem de uma forma correta se os outros fizerem o mesmo” (Tertoolen et. al., 1998).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estad o	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Journal of Organizational Change Management (Folger & Skarlicki, 1999).	Teórico	Organização			Traço	Resistência à mudança e mecanismos de adaptação (Folger & Skarlicki, 1999).	Teoria da Equidade (Ams, 1965); Teoria cognição referentes (RCT), (Folger, 1993); Modelos de melhoria organizacional (Beer et al., 1990).		“Descobriram que a interação de três tipos de justiça entre a distributiva, a processual, e a justiça de interação prediz comportamentos de retaliação organizacional relatada pelos pares. A não satisfação é necessária, mas não condição suficiente para indivíduos que resistem à mudança. Não satisfação com mudança pode ser transformada em resistência à base de ressentimento através da conduta injusta de outro indivíduo” (Folger & Skarlicki, 1999, p.1).
		Diabet Care (Cable et al. 1999).	Experi- mental	Clinica	Idosos	62-71	Traço	Resistência/ sessão tabágica (Cable et al. 1999).		entrevista semi- estruturada. (Cable et al., 1999).	“O estudo identificou cinco categorias de fatores ligados ao processo de mudança de estilo de vida: relação entre médico e paciente, outros significativos, motivadores, barreiras e “empowerment”. A Resistência psicológica à pressão externa, preocupações em relação à mudança/alteração no comportamento e benefícios do comportamento corrente/normal (não saudável) foram identificados como barreiras” (Cable et al. 1999, p.1).
00	65	Journal of Community and Applied Social Psychology. (Hayes, 2000).	Teorico	Social	Adultos		Traço	Resistência e Saúde Mental (Hayes, 2000).			“Toda a cultura da resistência política e resiliência foi importante na que medida em que garantia a oposição do apartheid para a sua supressão da luta brutal com o povo para uma sociedade decente baseada na democracia e justiça” (Hayes, 2000, p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estad o	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Rehabilitation Psychology. (Casey et al. 2000)	Correla- cional	Medicina	Adolescentes		Traço	Resistência e Desenvolvimento de Infantil, (Casey et al. 2000).	O modelo de the risco- resistência de Walander. (Wallander et al. 1989). (Casey et al. 2000)	Inventário de estratégias de coping (Tobin, Holroyd, Reynolds, & Wigal, 1989).	“Os resultados indicam que o comportamento adaptativo foi associado ao desajustamento infantil. A gravidade da deficiência foi associada ao stress da deficiência, e a competência infantil foi associada ao desajustamento infantil. Coping não moderou a associação entre stress e desajustamento. O comportamento adaptativo e o stress não moderaram a associação entre a gravidade da deficiência e os desajustamentos” (Casey et al. 2000, p.1).
		Journal of Advanced Nursing Gilmartin, J. (2000)	Qualita- tivo	clinica	Adultos		Traço	Resistencia nos estudantes de enfermagem. (Gilmartin, J. 2000)			“A descoberta mais significativa deste estudo é que os estudantes tipo 1 e 2 são altamente resistentes nas competências interpessoais (ips) no trabalho e são principalmente conduzidos por ansiedades e medos relacionados com traumas infantis. Em contrapartida, os tipos 3 e 4 são em alguns casos mais determinados a superar a adversidade, e terem formas de relacionamento mais esclarecedoras e significativas” (Gilmartin, J. 2000, p.1).
		Annals of Behavioral Medicine (Brown et al., 2000)	Experi- mental	Clinico	Crianças	9 anos 2 meses	Traço	Resistência e Desenvolvimento adapativo (Brown et al., 2000)		Escala de Locus de Controlo (Brown et al., 2000)	“um estilo de processo cognitivo, caraterizado pelo aval das crianças em relação às crenças internas sobre expectativas de controlo sobre a saúde foram associadas aos ajustes de crianças conforme classificados pelos cuidadores primários. Embora crenças internas sobre expectativas de controlo sobre a saúde tenham sido conceituadas como fatores de resistência intrapessoal, é provável que a crença de que as crianças possam exercer controlo sobre a sua saúde é uma variante de enfrentamento adaptável

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Científico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
											(i.e. problema focado)” (Brown et al., 2000, p.1)
		Contemporary Family Therapy (Johnson & Buboltz, 2000).	Correlacional	Psicologia Educacional	Estudantes, adolescentes/adultos	22.49	Traço	Reatividade psicológica/diferenciação do self. (Johnson & Buboltz, 2000).	Teoria psicológica da reatividade (Brehm, 1966). (Johnson & Buboltz, 2000).	Escala terapêutica da reatividade (Dowd, Milne, & Wise, 1991), Questionário para as medidas da reatividade psicológica e questões demográficas (Merz, 1983)	“ Os resultados mostraram que as três medidas de diferenciação (entre gerações, individual e entre pares íntimos e pares individuais) previram significativamente uma reação psicológica” (Johnson & Buboltz, 2000 , p.1).
		Journal of Consumer Research. (Ahluwalia, 2001).	Experimental	Comunicação	Adultos		Traço	Resistência da persuasão/assimilação,, (Ahluwalia, 2001).	Teoria da Motivação Individual (Ahluwalia, 2001).		“A diminuição da eficácia de assimilação enviesada leva ao surgimento de uma outra forma de resistência: a ponderação relativa. Por outro lado, o impacto da informação negativa, se não oferece resistência pelos perceptores, pode ser devastador ao longo do tempo” (Ahluwalia, 2001, p.1).
		Journal of Pediatric Psychology. (Manuel, 2001).	Correlacional	Medicina	Crianças/adolescentes	5-16	Traço	Resistência e Modelos de adaptação . (Manuel, 2001).	Wallander and Varni’s disability-stress-coping model, (Wallander & Varni, 1992) . (Manuel, 2001).	Escala multidimensional de locus de controlo (Wallston & Devellis, 1978),	“As mães relataram elevados níveis médios de sintomas psicológicos do que um grupo normativo. Altos níveis de stress psicossocial previram o aumento de sintomas psicológicos após contabilização da gravidade da doença e o estatuto funcional. Avaliação materna da doença tende a moderar a relação entre stress da doença e sintomas psicológicos, e a educação materna moderou o relacionamento entre aborrecimentos diários stressantes e sintomas psicológicos” (Manuel, 2001, p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Journal of Interpersonal Violence (Breitenbecher & Scarce, 2001)	Experimental	Social	Adolescentes		Traço	Resistência e Abuso Sexual. Breitenbecher, (Breitenbecher& Scarce, 2001)	Teorias sobre o abuso sexual. (Breitenbecher& Scarce, 2001)	Pesquisa da percepção do risco (Norris et al.,1997), Pesquisa do conhecimento da agressão sexual (Breitenbecher & Scarce,1999).	“O Resultado indica que o programa de educação na agressão sexual não foi bem sucedido. (Breitenbecher& Scarce, 2001, p.1)
		Journal of Teacher Education. (McFalls & Cobb-Roberts, 2001)	Experimental	Educação	Crianças/Adultos		Traço	resistencia e educação. (McFalls & Cobb-Roberts, 2001)	Teoria da dissonância cognitiva (Festinger, 1957), (McFalls & Cobb-Roberts, 2001).		“Os resultados indicam que a teoria dissonância cognitiva incorporada com instrução sobre a diversidade cria uma consciência de divergência e tem o potencial para reduzir a resistência a questões de diversidade “(McFalls & Cobb-Roberts, 2001, p.1).
		Rehabilitation Psychology (McLean & Cobb-Roberts, 2001)	Correlacional	Medicina	Adultos		Traço	resistencia e maternidade. (OBPI). (McLean et al., 2001)			“Descobertas confirmam a importância do risco e dos fatores de resistência no ajuste maternal e o aumento da compreensão/discernimento, identificando o otimismo como moderador do relacionamento risco/ajuste. Intervenções que promovem o otimismo podem facilitar o ajuste maternal” (McLean et al., 2001, p.1)
		Law and Human Behavior. (Davis & Bottoms, 2002)	Correlacional	Medicina	Crianças	6-7	Estado	Resistência e Diabetes, (Davis, & Bottoms, 2002)	Entrevista de apoio social (Davis, & Bottoms, 2002)	Escala da Resistência à Eficácia (RES), (Cowen et al., 1991);	“Testemunhas oculares de crianças demonstra que o apoio social dado pelo entrevistador durante uma entrevista forense simulada, ajuda as crianças a resistir a sugestões enganosas de um entrevistador em relação a acontecimentos passados e que a Resistência à Eficácia pode ser o mediador para crianças mais novas, mas não para as mais novas” (Davis, & Bottoms, 2002, p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Health Education Journal of social Psychiatry (Dowd, 2002)	teorico	Clinica	Todas as faixas etarias		Estado	Resistência /Reatividade psicológica (Dowd, 2002)	Teoria da reatividade (Brehm, 1966, 1981)		“Pacientes resistentes são especialmente desafiados pelos médicos e por qualquer outra pessoa envolvida na educação e promoção da saúde e eles possam ser difíceis de lidar em situações médicas, podem estar entre os indivíduos mais criativos, energéticos, e dinâmicos da nossa sociedade” (Dowd, 2002, p.1).
		Health & Medicine (Ebert et al. 2002).	Correlacional	Medicina	adultos	18 - 46	Estado	Resistencia/ Saude. (Ebert et al. 2002).		Escala do Neuroticismo (Carver & White, 1994). Escala do sentido de Coerência (Antonovsky, 1993; 1987)	“A raça, neurocitismo e extroversão são fatores significativos do sintoma físico relatado. Neuroticismo, Sentido de Coerência e Otimismo foram identificados como fatores significativos do bem-estar psicológicos. Apenas o sentido de coerência é que foi um fator significativo da saúde geral percebida. Evitar o Coping medeia os efeitos de fatores de resistência psicológica tanto na saúde como bem-estar psicológico. O coping não medeia a relação entre o neurocitismo e/ ou raça e o bem estar nem os sintomas físicos relatados” (Ebert et al. 2002, p.1).
		International Journal of Obesity. (Korytkowski, 2002).	teorico	Medicina	Todas as faixas etarias		Estado	resistencia na adesão aos tratamento dos diabetes tipo 2 (Korytkowski, 2002).			“A Insulinoterapia demonstrou que existe benefícios com pacientes diabéticos tipo 2, mas a terapia combinada falhou. As barreiras para o início da terapia com insulina incluem o medo de progressão da doença e ansiedade dos pacientes em relação à agulha; preocupações mútuas sobre hipoglicemia e aumento de peso; e a utilização dos profissionais de saúde de insulina como uma ameaça para facilitar o cumprimento das terapias anteriores” (Korytkowski, 2002, p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Personality and Social Psychology Bulletin. (Sherman, 2002).	Correlacional	Medicina			Traço	Resistência e Afectividade (Sherman, 2002).			“Quatro estudos demonstraram que as preferências afetivas persistem mesmo se o conhecimento que deu origem ao afeto for inválido” (Sherman, 2002, p.1).
		Journal of Clinical Psychology (Beutler et al., 2002).	teorico	Clinica			Traço	resistencia no contexto psicoterapeutico na mudança. (Beutler et al., 2002).			“Intervenções diretas e autoritárias podem ser utilizadas de forma eficaz com os pacientes não resistentes, enquanto as intervenções não-diretas/índiretas e paradoxais podem ser recomendadas de forma eficaz para utilização com pacientes que são bastante resistentes ou apresentam traços/fatores de resistência. Estas variedades de resistência envolvem qualidades descritivas e correlatas que sugerem conceitos de defesa e raiva no contexto de relacionamento psicoterapêuticos” (Beutler et al., 2002, p.1).
		Journal of Personality and Social Psychology (Sagarin, 2002)	Experi-mental	Clinica	Undergraduate		Traço	Resistência ao tratamento / mensagem persuasiva (Sagarin, 2002)		Teoria de inoculação (McGuire, 1964) (Sagarin, 2002)	“os estudos demonstram que as tentativas que conferem resistência aos apelos, provavelmente vão ser bem-sucedidas na medida em que eles instalam duas características concetuais: percebida intenção manipuladora indevida da fonte do recurso e vulnerabilidade pessoal percebido como tal manipulação” (Sagarin, 2002, p.1).
		Evaluation. (Taut & Brauns, 2003).	Teórico	Clinica			Traço	Perspectiva da resistência (Taut & Brauns, 2003).	Teoria da aprendi-zagem (Fischer & Wiswede, 1997) (Taut & Brauns, 2003).		“A necessidade básica para controlo, pode levar a uma defesa do status quo e reatividade. Do mesmo modo, a necessidade de um autoconceito positivo pode levar os individuos a rejeitar o feedback de desempenho e envolver comportamento não cooperativo. Um terceiro mecanismo básico a tendência humana para maximizar

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
											recompensas enquanto evitando a punição. Finalmente, experiências de aprendizagens anteriores influenciam fundamentalmente toda uma variedade de tópicos, incluindo atitudes em relação à avaliação.” (Taut & Brauns, 2003, p.1)
		Journal of Applied Psychology (Oreg,2003)	Instrumental	Organizã	adultos		traço	Resistência à mudança		Escala da resistência à mudança (Oreg, 2003)	Este estudo indica 4 fatores de confiança: Procura de Rotina, Reação emocional a Mudança Imposta, Rigidez Cognitiva, e “Focus” a Curto Prazo. Demonstrou convergência das escalas e validades discriminativa se as validades concorrentes e preditivas da escala em três contextos distintos A escala pode ser utilizada para ter em conta a componente individual-diferença de resistência à mudança e de prever reações a alterações específicas. (Oreg, 2003, p.1)
		Psychoanalytic Psychotherapy (Washington, 2004).	descritivo	Clinica	Adultos	23	Estado	Resistência/anorexia. (Washington, 2004).			“A resistência ao desenvolvimento e crescimento psíquico parece ser uma característica persistente da psicopatologia do paciente com desordens alimentares. Apresentam necessidade de manter controlados os seus mundos internos e externos e os objetos dentro deles” (Washington, 2004, p.1).
		Practical Diabetes International. (Bogatean et al., 2004)	descritivo	Clinica /medicina	Todas as faixas etarias		Estado	psicologia da resistência / influência na tomada de decisão (Bogatean et al., 2004)		Entrevista semi-estruturada (Bogatean et al., 2004)	“Este estudo identificou, através de meios de pesquisa qualitativos, alguns fatores que contribuíram para a resistência psicológica á insulina: representações de terapia com insulina bem como os fatores, considerados pelos pacientes, de serem importantes influências nas suas decisões para aceitarem ou atrasarem a terapia com insulina” (Bogatean et al., 2004, p.1)

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Political Psychology (Reicher, 2004).	teorico	Social			Traço	resistencia e identidade (Reicher, 2004).	Teoria de identidade Social (Tajfel & Turner, 1986)		“teoria da identidade social concentra-se em grupos subordinados e que a sua principal preocupação é a realidade da discriminação motiva a sua preocupação com as condições e dinâmica de resistência e mudança Opressão, dominação, e da tirania são muito comuns no entanto vive-se num mundo de resistência e contra mobilização. Teorias de Identidade social e categorização do self fornecem uma estrutura interacionista profunda para alcançar tal tarefa. As categorias do self moldam a ação social, a flexibilidade é alcançada através das categorias às quais pertencemos, as outras com as quais nos comparamos, e as dimensões ao longo das quais tais comparações ocorrem” (Reicher, 2004, p.1).
		Diabetes care, (Polonsky et al. 2005).	Correla- cional	Medicina	Adulto	57,4	Estado	Resistência e Diabetes, insulina (Polonsky et al. 2005).		Escala de Likert questionário inicial. (Polonsky et al. 2005).	“As diferenças mais marcantes foram as dos itens associados ao fracasso pessoal, auto eficácia, baixa autoestima, dor antecipada, e falta de justiça/equidade e que as não foram independentes umas das outras” (Polonsky et al. 2005, p.1).
		Violence against Women, (Jordan, 2005).	teorico	Justiça e Clinica	Adolescentes/ adultos	15 - 43	Traço	resistencia e violencia domestica	modelo da resistencia e da violencia doméstica quais ???		“Resistência às dimensões de culpabilidade da vítima, muitas vezes implícita no conselho de defesa pessoal e confirma o chamado acerto às diferentes respostas por parte de mulheres que são atacadas. Nessas situações, toda a mulher encontra a sua forma para sobreviver, a sua forma para resistir ao controlo completo por parte do violador. Processos de sobrevivência coexistem com

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
											Experiencias de vitimização” (Jordan, 2005, p.1).
		Communication Monographs (Dillard&Shen, 2005)	Correla- cional	Comuni- cação	adolescentes	/	Traço	Reatividade /papel em comunicação persuasiva da saúde no estudantes. (Dillard&Shen, 2005)	Modelo de processo cognitivo único, Modelo de um processo Affectivo único; Modelo de processo cognitivo- afetivo duplo; modelo de processo cognitivo afetivo entrelaçado s.(Dillard& Shen, 2005)	Escala de reaotividade de Hong. (hong, 1992); (Dillard&Shen, 2005)	“Os dados mostraram que, de facto, resistência pode ser orientada como um composto de índices de autorrelato de raiva e cognições negativas” (Dillard&Shen, 2005, p.1) .
		International Journal of Behavioral Consultation and Therapy. (Cautilli, 2005)	teorico	Clinica	Todas as faixas etarias		Traço	Resistência à consulta / diversos modelos (Cautilli, 2005)	In Patterson’s model, (Cautilli, 2005)		“A resistência é um fenomeno que ocorre na relação terapeutica quando o paciente recusa o cumprimento de tarefas que lhe são atribuidas e que o iriam beneficiar a nível psicológico e também é utilizada para descrever situações na consulta relacional onde o paciente não cumpre com o que o terapeuta lhe sugere. Muitas a resistência conduz a uma fraca integridade do tratamento e/ ou exaustão do staff. Como resultado, esta resistência é um fator que merece uma interpretação comportamental” (Cautilli, 2005, p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Científico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Journal of Clinical Psychology in Medical Settings. (Guðmundsdóttir et al., 2006).	descritivo	Medicina	Todas as faixas etárias		Estado	Resistência e Distress (Guðmundsdóttir et al., 2006).	Modelo incapacidad e-stress-coping de Wallander e Varni (Wallander & Varni, 1998)	Escala de sentido de Coerência (SOC; Antonovsky, 1987).	“A constatação de que um forte sentido de coerência leva a um enfrentamento racional, enquanto um fraco sentido de coerência age como um fator de risco. Alguns fatores intrapessoais influenciam a escolha de um coping de um fraco ou forte SOC e uma forma de defesa imatura desempenhou um papel, em determinar se um indivíduo interpretava a doença relacionando-a com memórias positivas ou negativas. Coping emocional foi o preditor mais forte do sofrimento psicológico” (Guðmundsdóttir et al., 2006, p.1).
		Rhetoric Review. (Seas, 2006)	Teorico	Psicologia Educational			Traço	Resistencia e conceito pedagógico (Seas, 2006)			“A Resistência neste contexto ocorre quando os alunos são chamados a mudar não só as suas perspectivas mas também as suas subjetividades à medida que aceitam ou rejeitam suposições que contribuem para a construção de argumentos pedagógicos” (Seas, 2006, p.1).
		Asia Pacific Education Review (Yüksel, 2006).	descritivo	Clinica	adolescentes		Traço	Resistência e Educação (Yüksel, 2006).			“Os resultados desta pesquisa indicam que os estudantes apresentaram resistência a alguns aspetos dos currículos escondidos e entregues. Especificamente, enquanto os estudantes apresentaram resistência em relação aos currículos entregues e “banking education/educação bancária”, eles não demonstraram resistência similar a violência simbólica e ao processo de aquecimento” (Yüksel, 2006, p.1).
		British Journal of Industrial Relations	Teorico	Organização	Adultos		Traço	Resistência e bullying no local de trabalho (Hoel &			“A diferença entre vitimização e regimes de trabalho opressivo são duas formas de bullying. Existe uma

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		(Hoel & Beale, 2006).						Beale, 2006).			relação dinâmica entre a vitimização dos trabalhadores e dos regimes de trabalho opressivo, com esta possibilidade é mais provável que ocorra a ultima situação” (Hoel & Beale, 2006, p.1).
		Harvard Educational Review, (Achinstein & Ogawa,2006).	descritivo	Educação	Adultos	/	Estado	Resistência do professor/ princípios profissionais e politicas educativos.	/	/	“Na exploração ao as raizes de principios de resistência do professor nos 2 casos destacaram-se duas dimensões importantes: resistência que surge de compromissos profundos, em vez de <i>deficit</i> psicológico e os custos individuais de resistência. Os custos emocionais para ambos os professores estavam pesados. Eles responderam com raiva, tristeza, depressão e exaustão” (Achinstein & Ogawa,2006, p.1).
		Psicothema. (Mikolajczak et al., 2006)	correlacional	clínica	Adultos		Traço	resistencia a inteligencia emocional. (Mikolajczak et al., 2006)	a modelo de risco and resistência (Wallander & Varni, 1998; Wallander et al., 1989)	Escala dos estados da percepção de controlo interno (Pallant, 2000)	“A pesquisa demonstrou que examinar avaliações cognitivas aumenta o conhecimento em como um determinado traço de personalidade influencia o processo de coping. Tais apreciações foram as consideradas no relacionamento de autocontrolo” (Mikolajczak et al., 2006, p.1).
		Human Movement Science. (Miyahara et al., 2006).	Experimental	Educational	Crianças/ Adolescentes	7 -13	Traço	Resistencia e atenção (Miyahara et al., 2006).			“O estudo tarefa dupla ou resistência à distração, falhou a testar a hipótese de déficit de atenção da má coordenação manual nas crianças com ADHD porque a performance de primeira tarefa não foi afetada significativamente por tarefas secundarias e distrações. Os resultado revelam que o desenho impreciso não é causado pelo déficit de atenção, mas é sim uma manifestação de deficiência motora como entidade separada do déficit de atenção” (Miyahara et al.,

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
											2006, p.1).
		Annals of the New York Academy of Sciences, (Rutter, 2006)	teorico	Clinica	Adultos		Traço	resistance / resiliência (Rutter, 2006)			“A resistência a perigos pode surgir devido à exposição controlada ao risco e pode surgir de características ou circunstâncias que são um risco ou falta do perigo ambiental relevante A resistência pode surgir dos processos coping psicológico ou fisiológico, em vez de riscos externos de fatores protetores. A resiliência em relação a experiencias adversas na infância, podem surgir das experiencias positivas dos adulto e pode ser restringida por programação biológica ou pelos efeitos prejudiciais de stress/ ou estruturas neurais” (Rutter, 2006, p.1).
		European Journal of Work Organizational Psychology. (Oerg, 2006)	Correlacional	Psicologia Organizacional	empregados	/	Traço	resistência a mudança organizacional/Personalidade e contexto		Escala mudança de attitude Change attitude scale (Oerg, 2003).	“Tanto a personalidade como contexto estão associados de forma significativa com as atitudes dos trabalhadores no sentido de uma mudança organizacional em grande escala. Essas atitudes foram, por sua vez, associadas significativamente com satisfação profissional dos colaboradores, o empenho organizacional, e a intenção de deixar a organização” (Oerg, 2006, p.1).
		Journal of Applied Sport Psychology. (Arent et al. 2007)	Teorico	Psicologia Desporto	Adultos	18 e 30	Estado	Resistência e Exercício.		RM testing (Baechle, Earle, & Wathen, 2000), (Arent et al. 2007)	“A investigação demonstrou que os ansiolíticos e mudanças afetivas acompanham exercícios de resistência e que apesar das passageiras alterações no humor, uma sessão de resistência, resulta em mudanças psicológicas positivas” (Arent et al. 2007, p.1).
		International Journal of Social Psychiatry	Correlacional	Clinica	Adolescentes		Estado	Resistência/ questões interpessoais da personalidade.	Modelo de « stress-buffering »	Lista de avaliação do Apoio interpessoal	“Os resultados deste estudo indicam que uma associação fortemente negativa existe entre problemas fisicos ou psicológicos e

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		(Delistamati et al.2007)	Correlacional	Clinica	Adolescentes				(Cohen et al., 2000). (Delistamati, 2007)	(Cohen & Hoberman, 1983) Escala de eventos stressantes da vida (SSLE), (Madianos, 1989).	compreendem apoio social. Dimensões psicopatológicas que predispõem especificamente sujeitos perante conflitos sociais ou isolamento apresentam correlações negativas fortes em relação ao apoio social” (Delistamati, 2007, p.1.
		Technological Forecasting & Social Change	Correlacional	Organização	Adultos		traço	Resistência à mudança/ leapfrogging effect			Demonstrou que “leapfrogging” pode ter um impacto importante sobre a receita das empresas. Mesmo que uma pequena porção de tais “Laggards” possam ser persuadidos a ultrapassar mais cedo do que eles fariam por natureza, os lucros das empresas aumentarão substancialmente devido a aceleração de todo o processo de adoção. Esse efeito aumenta quando a força externa que fica para a comercialização de eficácia é fraca. Levando à conclusão de que em processos de adoção lenta, em particular, pode ser bastante lucrativo para se dirigir a população resistente. (Goldenberg & Oreg, 2007, p.1).
		Annals of Behavioral Medicine, (Goldbacher et al. 2007).	teorico	Medicina			traço	Resistencia sindroma metabólico. (Goldbacher et al. 2007).			“Descobertas sugerem que características psicológicas, especialmente a depressão, hostilidade, e raiva, poderão elevar o risco da síndrome metabólico, originando uma nova direção para intervenções de tratamento e prevenção” (Goldbacher et al. 2007, p.1).
		Communication Monographs. (Jian, 2007)	descritivo	Psicologia em Marketing/comunicação		/	Estado	Resistência à informação e às comunicações tecnológicas (Jian, 2007)	/	modelo de processo centrado na tensão (Jian, 2007)	“O modelo de processo centrado na tensão, demonstra que a resistência à tecnológicas à informação e comunicação (ICT) constitui uma interação reflexiva dinâmica entre a construção em curso do ICT e tensões organizacionais” (Jian,

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Científico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
											2007, p.1).
		Personality and Individual Differences. (Reininghaus et al., 2007).	Correlacional	Clinica	adultos	38.97	Traço	resistencia e identidade (Reininghaus et al., 2007).	Modelo do processo de stress, modelo aditivo, modelo mediador (Reininghaus et al., 2007).	Self-Esteem Scale (Rosenberg, 1965)	“Ausência de recursos de resistência pode tornar-se num stressor. A falta um bom apoio social, pode ser uma ameaça, exigência ou restrição a indivíduos, que coloca em causa a integridade operacional do organismo assumindo o significado emocional de um stressor. O apoio administrativo poderia ser identificado como fontes generalizadas e especificas da resistência ao stress que moderam os efeitos de agressão física na angústia psicológica” (Reininghaus et al., 2007, p.1).
		Communication Education (Burroughs, 2007)	Correlacional	Psicologia Educacional	Estudante (adolescentes)	/	Traço	Resistência / / aprendizagem nos alunos (cognição e afeto) (Burroughs, 2007)		Escala de comportamento Imediato, (Andersen, 1978)	“Descobertas deste estudo sugerem que 'imediatismo/relação imediata não-verbal dos professores, servindo como um mediador importante para os comportamentos de resistência dos alunos, tem uma relação significativa com a aprendizagem cognitiva e afetiva” (Burroughs, 2007, p.1).
		Personality and Individual Differences, (Chen, & Wang, 2007)	Correlacional	Organização	Empregados	29,4	Estado	Locus de controlo na reação psicológica à mudança . (Chen, & Wang, 2007)	LOC Theory, (Rotter, 1966); (Chen, & Wang, 2007)	Escala Locus de Controlo (Rotter, 1966); (Chen, & Wang, 2007)	“Os resultados mostraram que o locus do controlo (LOC) pode prever significativamente o compromisso dos participantes para uma mudança específica e que o compromisso à mudança pode mediar o relacionamento entre LOC e mudança de comportamentos de apoio” (Chen, & Wang, 2007, p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		The Diabetes Educator, (Haas, 2007).	teorico	Medicina	Todas faixas etarias		Traço	Resistência psicológica à insulina./ diabetes tipo2. Haas, 2007).			“Pacientes relataram uma elevada crença na eficácia da insulina eram significativamente mais jovens e níveis mais elevados de Auto culpa também eram mais jovens com maior sofrimento em relação ao diabetes Para os auxiliares de saúde, a resistência ao início da terapia com insulina, fazia parte de um padrão maior de relutância para prescrever qualquer medicamento para baixar a glicose no sangue” (Haas, 2007, p.1).
		Violence against Women, (Levesque et al., 2008).	Instru-mental	clinico	Adultos		Estado	Resistência e Violência domestica (Levesque et al., 2008).	Modelo transteprico (Levesque et al., 2008).	Escala de resistência do Cliente (Mahalik, 1994).	“Minimização Negação, que parece tão comum entre infratores de violência doméstica em tratamento, não surgiu como uma única dimensão de resistência. O relacionamento entre os processos de mudança e processos de resistência através dos estados de mudança é notavelmente semelhante ao relacionamento entre os prós e contras entre as fases, e aponta a lealdade do comportamento humano. o sistema de culpa e problemas com os parceiros, os dois processos de resistência que os participantes relataram terem utilizado mais frequentemente, não eram relacionados com a agressão do parceiro” (Levesque et al., 2008, p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Journal of applied Psychology (Oreg et al., 2008)	Instru- mental	Organização	Adultos		traço	Resistência à mudança/ validação da escala		Escala da resistência à mudança (RTC) (Oreg, 2003), Portrait Value Questionnaire (PVQ; Schwartz et al., 2001).	“Estes resultados sugerem que a existência de resistência disposicional à mudança, tem significados equivalentes através das nações e que a sua escala de medição pode ser credível e validamente utilizada nos países preparados para este estudo. ”(Oreg et al., 2008, p1).
		Revue Economic Household (Lundberg, 2008)	Experi- mental	Social	Criança		Traço	Resistência e comportamento /tomada de decisao por crianças e adolescentes (Lundberg, 2008)			“Determinadas decisões tomadas apenas por parte da criança e as decisões compartilhadas com os pais, são bastante distintas, partilhar decisões parece ser um investimento parental no desenvolvimento da criança em vez de uma simples fase na transferência de autoridade. para além disso, os indicadores das capacidades e preferências das crianças afetam os relatórios de poder de decisão em formas que sugerem a necessidade da criança de autonomia, bem como discricção parental na determinação. crianças rebeldes, custos mais elevados de responder à resistência da criança diminui o nível esperado de disciplina” (Lundberg, 2008,p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Personality and Social Psychology Bulletin. (Burkley, 2008).	Experi-mental	Psicologia Educational	Estudantes adolescentes	19	estado	resistência à persuasão/self-controlado em estudantes adolescentes.	Teoria do auto Controlo (Baumeister, 1998); (Burkley, 2008).	/	“O estudo 1 demonstrou que a resistência a uma mensagem persuasiva reduziu a capacidade de se envolver numa tarefa de autocontrolo subsequente. Os Estudos 2 e 3 mostraram que a diminuição do autocontrolo leva ao aumento da persuasão. O Estudo 4 mostrou que a diminuição do autocontrolo aumentou persuasão, particularmente sob resistência de esforço (ou seja, fortes argumentos). Juntos, esses resultados sugerem que o autocontrolo desempenha um papel vital no processo de resistência à persuasão” (Burkley, 2008, p.1).
		Breast Cancer Research and Treatment. (Milne et al., 2008)	Experi-mental	Psicologia Desporto	Adultos	/	Traço	Resistência em doentes com cancro. (Milne et al., 2008).			“Uma combinação de um programa de aeróbica e exercícios de resistência iniciados logo após o término do tratamento do cancro da mama adjuvante, resultou em melhoras significativas e de confiança em QoL (qualidade de vida), ansiedade física social (SPA), fitness aeróbica, e força muscular, em que o fitness aeróbico estavam associadas a melhorias em QoL e fadiga, enquanto que a força muscular estava associadas com as melhorias no SPA” (Milne et al., 2008, p.1).
		The Diabetes Educator (Larkin et al., 2008)	Correla-cional	Medicina	Adultos	36-84; media 62	Estado	resistencia psicológica à insulina / atititude. Larkin et al., 2008)	/		“No presente estudo, o medo de injeções e desconforto associado desempenham apenas um papel de menor importância; as atitudes negativas mais relevantes em matéria de insulina terapia parecem ser atribuídas a um sentimento de fracasso pessoal e preocupação que irá restringir a vida diária, autoeficácia, e

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
											o medo da hipoglicemia”(Larkin et al., 2008, p.1).
		Applied Psychology (Van Dam et al., 2008)	Correlacional	Psicologia Organizacional	Adultos	39,10	Traço	Resistência à mudança organizacional/ processo psicologicos(Van Dam et al., 2008)	/	Resistência à mudança (Oreg, 2006), (Van Dam et al., 2008)	“as relações de troca líder-membro e o respetivo ambiente para o desenvolvimento com a resistência dos funcionários para uma fusão, foram totalmente mediados por 3 características do processo de mudança (informação, participação e confiança na gestão). Além disso, duas características a nível individual (abertura a mudanças de emprego, e de posse organizacional) apresentaram relações significativas com a resistência à mudança. A importância do papel, a autoeficácia dos funcionários não foi relacionada com a resistência. Juntos, os resultados, sugerem uma série de formas em que as organizações podem aumentar a eficácia dos seus esforços de mudança”. (Van Dam et al., 2008, p.1)
		Journal of Social Work Practice in the Addiction. (Orr-Brown et al., 2008).	teorico		adolescente			Resistência e Abuso de Substâncias . (Orr-Brown et al., 2008).	Modelo transteorico da mudança (Prochaska, DiClement e, & Norcross, 1992)	Entrevista motivaciona (Miller, 1996)	“MI (entrevista motivacional) reduz a resistência, aumenta a motivação para o tratamento e reduz o uso de substâncias, sendo uma importante intervenção para os assistentes sociais que procuram ajudar adolescentes toxicodependentes que resistem aos tratamentos”. (Orr-Brown et al., 2008, p.1).
		The Australian and New Zealand Journal of Psychiatry. (Wijeratne & Sachdev, 2008).	teorico	Clinica	Todas as faixas etarias		Traço	Resistencia e depressão (Wijeratne & Sachdev, 2008).			“A psicoterapia estruturada aumenta substancialmente a resposta em depressões não psicóticas e é essencial a qualquer futura definição de resistência ao tratamento da depressão (TRD). A resposta ao tratamento tem sido associada a um número de fatores sociodemográficos, enquanto as crenças dos pacientes sobre a

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
											depressão e tratamentos preferenciais, em particular terapia psicológica em vez da medicação, podem influenciar o resultado” (Wijeratne & Sachdev, 2008, p.1).
		Basic and Applied Social Psycholog (Fischer et al., 2008).	Correclacional	Social	Adulto	21	Traço	Resistencia e stressa a guerra		Questionário da saude geral (Goldberg, 1972).	“Os resultados revelam que o apoio para violenta resistência está associada com insatisfação relativa, maior identidade nacional e um pressentimento de injustiça” (Fischer et al., 2008, p.1).
		An International Journal of Quality of Life Aspects of Treatment, Care and Rehabilitation. (Brod et al. 2009).	teorico	Medicina	Adultos		Traço	Resistencia no diabeticos no tratamento da insulina (Brod et al. 2009)			“PIR (resistência psicológica à insulina) é fortemente afetada pelas crenças dos pacientes e pelo conhecimento sobre diabetes e insulina, auto percepção negativa e barreira de atitude, o medo de efeitos secundários e complicações devido ao uso de insulina, bem como adaptações no estilo de vida, restrições exigidas pelo uso de insulina, e estigma social. Estas influências etiológicas, ambas independentes e em combinação, constituem o PIR do paciente e pode resultar na relutância dos pacientes tanto par iniciarem como para intensificar o tratamento, atrasando a iniciação do tratamento e comprometendo o controlo da glicose” (Brod et al. 2009, p.1).
		Journal of Career Assessment (Oreg, 2009)	Experi-mental	Organização	adultos	estado		Disposicional resistência à mudança/ escolha e intresses profissionais	Modelo de Holland (Holland, 1997)	resistance to change (RTC) (Oreg, 2003)	Os nossos resultados destacam a importância de pessoa-ambiente estar apto a partir da perspectiva de mudança de orientação dos indivíduos, não avaliamos diretamente o papel de ajuste. Os nossos resultados indicam que a orientação de posição dos indivíduos em relação à mudança está relacionada tanto com os seus interesses como com as escolhas

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
											profissionais. os indivíduos de posição resistente tendem a escolher trabalhos que implicam uma maior estabilidade, ao passo que os seus homólogos em busca de mudanças tendem a preferir os trabalhos que são mais de natureza dinâmica. Indivíduos com elevada resistência estão mais propensos a escolher trabalhos realistas e convencionais, em vez de investigação e empregos empreendedores. (Oreg, 2009, p.1)
		Journal of Economic Psychology (Kleijnen et al., 2009)	Teorico	Organização	Adultos	traço		Resistência à inovação/Adiamento, Oposição e rejeição(Kleijnen et al., 2009)	Modelo da resistência (Kleijnen et al., 2009)		“Existe três tipos de resistência: O adiamento preocupar-se com uma decisão ativa para não adotar uma inovação naquele exato momento. Esta decisão parece ter sido mais influenciada pelo que os consumidores de risco viram na aprovação do produto. No entanto, ao contrário dos outros tipos de resistência discutidos abaixo, de longe, o tipo mais influente de risco era económico. Em relação à rejeição refere-se à decisão ativa de não ter uma inovação que foi introduzida no mercado e por ultimo a oposição é a forma mais forte de resistência que foi acordado, nos grupos de foco, para se referir ao comportamento ativo real, dirigido em alguma forma, para opor-se à introdução de uma inovação. (Kleijnen et al., 2009, p.1)
		Management revue (Peus et al., 2009)	Teórico	Organização	empregados	/	estado	Resistência à mudança organizacional/reacção empregados. (Peus et al., 2009)	Teoria do Controlo (Frey&Jonas 2002)	/	“Diferenças individuais, tais como traços de personalidade e autoeficácia relacionada com a mudança influenciam as reações dos trabalhadores para as mudanças, sendo que as mudanças de grande magnitude são mais propensas a obterem respostas com resistência dos empregados” (Peus et al., 2009, p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		International Journal of Information Management, (Laukkanen et al., 2009).	Correlacional	Organizações	Adultos		Estado	Resistência psicológica e Internet banking (Laukkanen et al., 2009).	Teoria da resistência à inovação (Ram & Sheth, 1989).	Inquerito postal com escala de Likert de 7 pontos, (Laukkanen et al., 2009).	“Os resultados demonstram que esses clientes, que apresentam ambos resistência psicológica e funcional à internet banking/banco por internet, encontram-se mais insatisfeitos com a informação e serviço prestado pelo prestador de serviços/ funcionário comparado com aqueles que têm apenas resistência psicológica ou nenhuma resistência à inovação” (Laukkanen et al., 2009,p.1).
		Ethnicity & Disease. (Simpson-mckenzie, 2009).	Correlacional	medica	Adultos	18-45		Resistência e Cultura. (Simpson-mckenzie, 2009).			“Além da aptidão cardiovascular, associações significantes entre fatores psicológicos e resistência à insulina entre participantes implica que o stress e mecanismos de coping adaptados, tais como avaliação positiva, podem ser indicadores de riscos de saúde e metas de intervenção para as desordens relacionadas com obesidade, e podem incluir resistência à insulina” (Simpson-mckenzie, 2009,p.1).
		Social Science Information. (Van den Heuvel & Schalk, 2009)	Correlacional	Clinica	adultos	44-58	Estado	Resistência e Relações (Van den Heuvel & Schalk, 2009)	Teoria do contrato psicologico (Van den Heuvel & Schalk, 2009)	Cumprimento do contrato psicologica (Psycones, 2006) Resistência à mudança (Oreg, 2006)	“Os resultados demonstram que o cumprimento do contrato psicológico está relacionado com resistência afetiva à mudança, no entanto não se verifica para a resistência comportamental e cognitiva aos componentes de mudança. Diminuição na confiança também resulta em alta resistência afetiva em relação a mudança organizacional” (Van den Heuvel & Schalk, 2009,p.1).
		Ethical Human Psychology and Psychiatry. (Whitaker et	teorico	Clinica	Adultos		Estado	Resistência e Saúde Mental. (Whitaker et al., 2009).			“Como resultado, para a maior parte da equipa bem como para os pacientes, a participação na enfermaria não só diminuiu a disfunção como incluiu um aumento

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		al., 2009).									na maturação e força, para além disso, que foi o caso mesmo antes dos intervalos, que resultou na hospitalização deles. Conexão empática é o fator chave no tratamento psicológico. Quanto mais se desenvolveu na enfermaria um sentimento familiar melhor se tornou como agente terapêutico” (Whitaker et al., 2009,p.1).
		Psychiatry and Clinical Neurosciences , (Hibino et al., 2009)	Correlacional	Medicina	Adultos		Traço	Resistencia e saude, (Hibino et al., 2009)		Escala do sentido de coerencia (Antonovsky,1987),	“Os resultados mais notáveis do presente estudo foram os seguintes: ansiedade existente em relação ao terremoto durante a gravidez prevê depressão pós-parto e o SOC durante a gravidez não serviu de moderador entre uma anomalia física e stress relacionado com terremotos”(Hibino et al., 2009,p.1).
stre- ss- buf feri ng		Social Science & Medicine. (Norris et al., 2009).	Correlacional	Clinica	adultos	c	Traço	Resistencia e stress (Norris et al., 2009).			“a resistência, resiliência, recuperação, recidivante, disfunção atrasada, e trajetórias de disfunção crônicas eram todos possível na sequência de grandes catástrofes. A Modelagem semi-paramétrico baseado em grupo rendeu a evidência mais forte para a resistência , a resiliência recuperação e disfunção crônica sendo essas trajetórias predominantes”(Norris et al., 2006,p.1).
10	37	Journal of Strength and Conditioning Research (Kraemer et al., 2010).	Experime- ntal	Psicologia Desporto	Adultos	/	Traço	Resistência ao treino / homens e mulheres treinados(Kraemer et al., 2010).			“O estudo demonstrou que tanto nos homens como nas mulheres, as roupas compactas influenciam positivamente na recuperação, em vários perfis - fisiológico e desempenho. Uso de roupas compactas ajuda no processo de recuperação após um treino

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
											intenso de resistência ao exercício em homens e mulheres” (Kraemer et al., 2010,p.1).
		NIH Public Access. (Karno et al., 2010)	Correlacional	Clinica	Todas as faixas etárias	/	Traço	resistência ao tratamento / reactividade. (Karno et al., 2010)		Escala de resistência do cliente (Mahalik, 1994).	“Os resultados indicaram que o aspecto de mudança tomar medidas parcialmente mediava a Estrutura X efeito de interação A resistência não foi encontrada para mediar o efeito de interação, no entanto a resistência previu resultados piores relacionados com a bebida” (Karno et al., 2010,p.1).
		Diabetes Care (Jenkins, 2010).	Experimental	Clinica	Adultos		Estado	Resistência psicológica à insulina / diabetes. Patients’ tipos 2			“o nosso estudo sugere que a receptividade, ao contrário da resistência, pode ser uma experiência mais comum entre os pacientes com diabetes tipo 2” (Jenkins, 2010,p.1).
		Personality & Social Psychology Bulletin (Saucier, & Webster, 2010)	Correlacional	Psicologia Educational	Estudantes	/	Traço	Resistência à persuasão /mudança de atitude. (Saucier, & Webster, 2010)		Escala terapeutica da reatância (Dowd et al., 1991).	“Três estudos mostraram que o SV foi associado com maiores expressões de crença de superioridade e maior resistência à persuasão, mesmo após o controle de diferenças individuais relevantes bem como a importância da atitude e extremidade”(Saucier, & Webster, 2010,p.1).
		The Journal of Pediatrics. (Goodman et al., 2010).	correlacional	Clinica/medica	Adolescentes		Traço	Resistência psicológica à insulina/em adolsecente /baixo estatuto economico (Goodman et al., 2010).		Escala Cook-Medley de hostilidade específico para a juventudo, (Goodman et al., 2010).	“baixo PE (educação parental) influenciam a resistência à insulina através da adiposidade e hostilidade. Assim, as intervenções para reduzir as disparidades de saúde associada com a resistência à insulina devem considerar ambas as abordagens fisiológicas e psicológicas” (Goodman et al., 2010,p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Diabetes Care. (Nam, 2010).	Descri- tivo	Clinica	Adultos		Estado	resistencia e insulina em pessoas com diabetes tipo 2. (Nam, 2010).		Ecala de auto- eficacia (Nam, 2010)	“As mulheres e as minorias étnicas com diabetes tipo 2 têm mais barreiras psicológicas para tratamento com insulina. Indivíduos que acreditavam no valor do controle glicêmico rigoroso tiveram forte autoeficácia, melhor processos interpessoais com os seus prestadores de cuidados de saúde foram menos relutantes em usar o tratamento com insulina” (Nam, 2010,p.1).
		European Journal of Information Systems. (Klaus & Blanton, 2010).	descritivo	Organização			Traço	Resistencia e violencia domestica, (Klaus & Blanton, 2010).	Modelo do desenvolv imento comportme ntl da resistência do uso (Klaus & Blanton, 2010).		“Os resultados da análise transcrita e do processo iterativo de analisar os temas, conduziu à identificação dos determinantes de resistência do usuário. Havia quatro determinantes que melhor se encaixam na categoria de "do sistema Individual , porque todos eles são determinantes psicológicos individuais que são intrínsecos: Incerteza, entrada, controle / Poder e autoeficácia. Estas categorias são importantes de se considerar e são úteis para examinar mudanças para além das implementações ES Implementação no sistema empresarial)” (Klaus & Blanton, 2010,p.1).
		Human Communicatio n Research. (Moyer-Gusé & Nabi, 2010)	Experi- mental	Comuni- cação	estudantes	18 -25 M = 19.8	Traço	Resistência à persuasão/ Efeito da narrativa		/	“Os resultados demonstram que EE (a capacidade de entretenimento- educação).a programação pode influenciar os telespectadores, superando vários tipos de resistência. Em particular, a sua capacidade de mascarar a intenção persuasiva e fomentar PSI ("parassocial interaction") e identificação com personagens facilitam esses efeitos” (Moyer- Gusé & Nabi, 2010,p.1)

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Communication Research Reports (Cho & Sanders, 2011)	Correlacional	Psicologia Educacional	Estudantes (adolescentes)	13-18; M=(15,61)	Traço	Reactância psicológica / ganho, mensagem em adolescentes	Reactance theory (Brehm, 1966; Brehm & Brehm, 1981; Wicklund, 1974)	Escala de 4-itens (Dillard & Shen, 2005)	“Estes resultados sugerem que as mensagens com foco em resultados negativos de comportamento podem produzir emoções negativas, como raiva e que as emoções negativas podem não necessariamente impedir persuasão” (Cho & Sanders, 2011,p.1).
		Practical Diabetes International (Gherman, 2011).	teorico	social	Todoas as faixas etarias		Traço	Resistência psicológica à insulina / adesão ao tratamento em pacientes insulínodpendentes (Gherman et al., 2011).		Questionário Barreiras de Insulina ao Treatmento	“Uma síntese dos estudos revelou vários temas e motivos pelos quais os pacientes recusaram ou evitaram a insulina ou têm poucas intenções para tomar insulina se recomendada. A saliente categoria de fatores que influenciam PIR refere-se a estados emocionais como ansiedade relacionada com os efeitos colaterais de insulina ou sintomas de depressão, incluindo: o medo de agulhas ou dor causada pela injeção No entanto, os médicos são considerados como tendo um papel fundamental na forma como os pacientes aceitam o tratamento com insulina” (Gherman et al., 2011,p.1).
		International Journal of Qualitative Studies in Education. (Nolan, 2011).	descritivo	social	Crianças/adolescentes		Traço	Resistência (comportamento de oposição) em contexto escolar.. (Nolan, 2011).			“Comportamento de oposição com base na escola não é, necessariamente, uma manifestação de desinteresse ou rejeição total da instituição. Alunos podem gerar uma sensação de autonomia num contexto altamente controlado, criar identidades avaliadas, e transformar experiências escolares desumanas em experiências mais sábias e mais suportáveis” (Nolan, 2011,p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Socialinis Ugdymas (Palujanskien, 2011).	Correla- cional	social	adolescentes	16-18	Estado	Resistência psicologica 7 eventos traumaticos (Palujanskien, 2011).			“A compreensão do significado da vida entre 8-9 estudantes da classe é mais verdadeira, ao passo que os alunos seniores tendem a ver o sentido da satisfação das suas necessidades hedonistas. Tendências semelhantes observadas no significado de conceitos como o sofrimento, a cultura da morte, e o sentido de tempo de vida. As discussões sobre as categorias existenciais devem ajudar a desenvolver uma resistência psicológica a vários eventos traumáticos possíveis (experiências) mais tarde na vida dos adolescentes. A atitude dos estudantes juniores para com as questões fundamentais da existência humana é mais correta em comparação com os alunos mais antigos” (Palujanskien, 2011,p.1).
		Journal of Clinical Nursing, (Hammar et al., 2011).	descritivo	Clinica	Idosos	66-92-	Traço	resistencia e emoções. (Hammar et al., 2011).			“Principais conclusões foram que expressões de comportamentos que indiquem resistência 'PCD (pessoas com demência) aos cuidados parecia diminuir, enquanto as suas expressões de emoções positivas pareceram aumentar durante MTC em situações de cuidados envolvendo PCD e seus cuidadores” (Hammar et al., 2011,p.1).
		Social Psychology Quarterly, (Hepburn & Potter, 2011).	descritivo	Social	Adultos		Estado	Resistência em setting institucional. (Hepburn & Potter, 2011).			“As práticas que identificamos ocorrem repetidamente em todo o nosso corpus de sequências de resistência aconselhamento e envolvem, a reestruturação o conselho resistência de forma mais idiomática; a combinação de que o conselho com uma pergunta que trata o cliente como capaz de confirmar a versão reformulada apesar de sua resistência anterior a ele; e o arrefecimento do requisito

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Communication Research, (Jenkins & Dragojevic, 2011).	Experimental	Clinica	Adultos		Estado	modelos da resistência / resistência à mudança (Jenkins & Dragojevic, 2011)	Teoria da educação (Brown & Levinson, 1978, 1987(Jenkins & Dragojevic, 2011)		de resposta” (Hepburn & Potter, 2011,p.1). “Experiência 1 demonstra que as mensagens com linguagem contundente, em comparação com as mensagem com linguagem menos forte, produzem uma ameaça global para enfrentar(ou seja, negativo e face positiva). Uma segunda experiência foi conduzida para reforçar os resultados da Experiência 1 e prolongar o modelo de processo, testando a hipótese de que o controle da linguagem produz uma ameaça de enfrentar por causa do conteúdo meta-comunicativa (ou seja, a alegação infundada de poder relativo) implícito na língua selecionada pela fonte. No geral, os dados que fornecem suporte para um entendimento baseado na teoria de delicadeza de resistência à persuasão” (Jenkins & Dragojevic, 2011,p.1)
		Journal of Clinical Psychology, (Beutler, et al., 2011).	Teorico	Clinica			Estado	Resistência ao tratamento/ , (Beutler, et al., 2011).			“Pacientes que apresentam baixos níveis de resistência traço respondem melhor aos tipos Tratamentos diretivos enquanto pacientes com elevados níveis de resistência respondem melhor a tratamentos não diretivos. Os pacientes resistentes são mais propensas a encerrar prematuramente o tratamento do que aqueles que são cooperativos. O terapeuta qualificado pode encontrar uma maneira de estimular a mudança e reduzir o medo de perder o controle ou a liberdade” (Beutler, et al., 2011,p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Científico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		The Sport Psychologist (Coquart et al., 2012).	Correlacional	Psicologia Desporto	Adulto	/	Estado	Resistência psicológica e resistência (Coquart et al., 2012).		Inventário da personalidade (Eysenck & Eysenck, 1975)	“O presente estudo sugere, que RPE medido durante o exercício não está relacionado com a extroversão RPE (Ratings of Perceived Exertion) foi correlacionado com a liderança, a resistência psicológica e a resistência. ETL (Estimated Time Limit) foi significativamente correlacionada com a resistência psicológica. Estes resultados sugerem uma ligação entre fatores psicológicos, percepção de esforço, e os prazos previstos por antecipação. Essas relações variaram de acordo com a intensidade” (Coquart et al., 2012,p.1).
		Media Psychology (Dahlstrom, 2012)	Experi-mental	Comuni-cação	Adultos	19.9	Traço	Resistência e Persistência em adultos (Dahlstrom, 2012)			“Os resultados servem para explicar psicologicamente a dependência causa/efeito e sugerem que ele permanece forte/persistente sobre uma ampla gama de condições, sendo potencialmente útil para a persuasão do público que de outra forma seria resistente”. (Dahlstrom, 2012,p.1)
		Theory & Psychology, (Derksen, 2012).	teorico	social	Todas as faixas etarias		Traço	resistencia e control na mentira, (Derksen, 2012).		Questionário Barreiras de Insulina ao Treatmento (Derksen, 2012).	“No estudo de mentir e de deteção da mentira, a psicologia envolve-se com os sujeitos numa luta de medidas e contramedidas, controlo e resistência A vantagem do psicólogo reside no facto de que o campo de batalha é estruturado por oposições binárias em que a psicologia se sente particularmente confortável com a máquina e o seu operador, eu e o outro, a verdade e a mentira. Muitas pessoas são capazes de jogar o jogo de rutura entre o eu e o outro, a prática de comunicação verbal e não-verbal manipuladora, e contar uma mentira” (Derksen, 2012,p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Científico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Human Physiology. (Pokrovsky ,2 012).	descritivo	Medicina	adolescentes		Estado	resistencia e fisica. / stress (Pokrovsky ,2012).			“Os nossos resultados demonstram que em cada categoria os indivíduos com uma alta resistência ao stress tiveram as maiores IRAS (the index of the regulatory–adaptive state) antes de stress. Ao mesmo tempo, as habilidades adaptativas reguladoras-estimadas pelo IRAS eram mais pobres em estudantes, que não tiveram treino psicológico especial ou outra coisa para resistir ao stress. Quanto maiores forem as IRAS e menor é a sua redução na tensão, maior a tensão cia resistência de um sujeito. A estimativa da resistência ao stress pela dinâmica do index do Estado regulador adaptativo permite avaliar objetivamente a capacidade de uma pessoa para suportar o stress” (Pokrovsky, 2012,p.1).
		Journal of Advanced Nursing. (Wang & Yeh, 2012).	teorico	medicina	adultos		Traço	resistencia/ diabtes tipo 2. (Wang & Yeh, 2012).			“A Resistência psicológica para a terapia com insulina pode resultar de uma série de pontos de vista pessoais que envolvam avaliação cognitiva e/ou reações emocionais”. (Wang & Yeh, 2012,p.1).
		Diabetic Medicine , (Woudenberg, 2012).	Correla- cional	Medicina	adultos	61	Traço	Resistencia psicologica à insulina / pacientes com diabetes tipo 2 (Woudenberg, 2012).			“Neste estudo nos cuidados primários, depressão e objeção a terapia com insulina ao longo da vida estão associados com a resistência psicológica à insulina. Os participantes relutantes foram mais relutantes em aceitar as responsabilidades de gestão corrente da terapêutica com insulina” (Woudenberg, 2012,p.1).
		Psychological Military Medicine (Bartone et al.,2012).	descritivo	clinica	Adultos		Estado	resistência e perturbações de substância . (Bartone et al., 2012).		Questionário de Coping (Bartone, 2012).	“Os resultados mostram que a baixa resistência e um evitar elevado coping são preditores significativos de abuso de álcool. Além disso, o aspecto desafiador da resistência prevê o risco de abuso de álcool

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
											entre os indivíduos com experiência recente, sendo este efeito é maior para aqueles com maior experiências” (Bartone et al., 2012,p.1).
		Journal of Environmental Psychology, (Murtagh et al. 2012).	correlacional	Clinica/soci al	Adultos		Estado	Resistência à mudança e control. (Murtagh et al. 2012).	Teoria da Ação Racional (Ajzen & Fishbein, 1980; Fishbein & Ajzen, 1975), Teoria do comportamento planeado (Ajzen, 1985),		“O estudo demonstrou que a ameaça de autoidentidade contribui para a resistência para mudar o comportamento de viagem. A Ameaça de autoidentidade desencadeia estratégias de enfrentamento psicológicos, e destes, estratégias de deflexão pode contribuir para a resistência à mudança” (Murtagh et al.,2012,p.1).
		Journal of Happiness Studies (Wiesmann & Hannich, 2012).	Correlacional	medicina	Idosos	73.8	Traço	resistência e desenvolvimento na terceira idade. . (Wiesmann & Hannich, 2012).	Modelo Salutogenico (Antonovsky, 1991, 1993).	Escala do sentido de coerência (Antonovsky, 1987) Escala de autoestima (Rosenberg,1965)	“Descobriram que recursos de resistência e o sentido de coerência predisseram significativamente satisfação com a vida; o senso de coerência era um mediador da relação entre os meios de resistência e satisfação com a vida, e a previsão dos efeitos não diferiram na geral satisfação com a vida e satisfação com a saúde. O sentido de coerência, bem como recursos, como a saúde física, a competência diária, apoio social e autoestima são importantes antecedentes de satisfação com a vida. Além disso, o sentido de coerência representa um conceito forte já que puxa as influencias de resistência em relação à satisfação para com a vida” (Wiesmann & Hannich, (2012,p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		BMC Psychiatry. (Abbate-Daga et al., 2013).	teorico	Clinica			Traço	Resistência ao tratamento /perturbação alimentar . (Abbate-Daga et al., 2013).	Teoria de anorexia nervosa (AN) (Abbate- Daga et al., 2013).		“A resistência ao tratamento e à relutância em recuperação representa o problema-chave no tratamento de indivíduos afetados pela AN. Na verdade, os pacientes afetados mostram frequentemente pobre motivação para o tratamento que implica níveis elevados de evasão, e os resultados negativos com a doença tornar-se crônica e muitas vezes pode ser mortal” (Abbate-Daga et al., 2013,p.1).
		Management Decision (Michel et al., 2013)	Correla- cional	Organização	adultos		estado	Resistência à mudança /compromisso		Escala de resistência à mudança (Oreg, 2003)	“Os estudos confirmaram a relação positiva assumida entre benefício da mudança e compromisso com a mudança. Além disso, dois estudos confirmaram a relação negativa assumida entre extensão da mudança e compromisso com a mudança, enquanto os outros dois estudos, em contraste com a hipótese apresentada, encontraram uma relação positiva. Apesar das hipóteses, com a exceção de um estudo, não foi possível apresentar efeitos moderadores de resistência à mudança ”(Michel et al., 2013, p.1).
		Ethnicities (Barinaga, 2013).	descritivo	organizaçao	Adultos	20	Traço	resistência psicologica / étnia em uma região de alta tecnologia . (Barinaga, 2013).	Teoria de Goffma (Barinaga, 2013).		“Atos individuais de resistência cresceram a partir da subordinação/exposição à etnicidade, e ainda foram realizados através do alinhamento dos limites/da fronteira da tecnologia, uma fronteira/um limite que estrutura a ordem socioeconômica da região onde a resistência começou. O Material empírico mostrou os limites de subjugação às fronteiras étnicas e o espaço aberto para resistir a subordinação. A fronteira étnica permanece uma premissa para possibilidade de resistência” (Barinaga, 2013,p.1).

D E C A D A	T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
		Consulting Psychology Journal: Practice and Research. (Harakas, 2013).	teorico	social	Todas as faixas etarias		Estado	Resistência à mudança / e teorias (Harakas, 2013).		Entrevista motivacional (Miller, 1996), Modelo Transteorico da mudança Intentional (Miller & Rollnick, 2002). Teoria da auto determinação (Deci & Ryan, 1985; Ryan & Deci, 2000b). (Harakas, 2013).	“MI (entrevista motivacional) vê resistência à mudança individual a partir de uma perspectiva relacional e ênfatisa a importância da interação entre coach e coachee/treinador e o que é treinado. Especificamente, mais relevantes para enquadrar o sucesso do MI é a proposição da teoria da auto determinação que o contexto social é propício para a mudança positiva quando ela suporta as necessidades dos indivíduos para a competência, relacionamento e autonomia. Técnicas de MI para abordar ambivalência e o reatar psicológico tornam potencialmente aplicáveis como uma abordagem de coaching executivo quando coachee se sentir ou preso e não tem certeza sobre a mudança, ou se sentir que a sua liberdade está a ser ameaçada. so pode ser especialmente verdadeiro quando os coachees/os que são treinados são executivos de nível média-alta e bem-sucedidos, porque esses profissionais são mais propensos a experimentar reatância, defesa e ambivalência cognitiva e emocional para a mudança” (Harakas, 2013,p.1).
		Information Technology and Libraries,Quin n, B. (2013).	teorico	Educação			Traço	resistência do usuário para repositórios digitais./ ansiedade sobre plágio			“identifica ansiedade sobre plágio e confusão sobre copyright como sendo fontes de resistência do corpo docente. Psicólogos individuais definem resistência como um pré estado ou atitude existente em que o usuário está motivado para combater qualquer tentativa de persuasão. Esta motivação pode ocorrer em um nível cognitivo, afetivo, ou comportamental. A fonte de motivação é geralmente um

T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
										estado afetivo, tais como a ansiedade ou a ambivalência, a qual também pode resultar de problemas cognitivos, tais como mal-entendido, ignorância, ou confusão” (Quinn, 2013,p.1).
	Communication Education (Zhang & Sapp, 2013).	Correlacional	educação	Criança		Traço	Resistência relação professor-estudante Relationship, (Zhang & Sapp, 2013)			“Os resultados indicaram que os aumentos de delicadeza dos pedidos dos professores e da aproximação entre professor /aluno são importantes para aliviar a reação e a intenção de resistência estudantil. Além disso, a legitimidade do pedido do professor teve um efeito mais forte sobre a reação do que teve a credibilidade do professor” (Zhang & Sapp, 2013,p.1).
	Journal of Health Psychology (Boddington et al., 2013).	Correlacional	social	Adultos		Traço	resistência e modelos educacionais. (Boddington et al., 2013).	Teoria invertida (RI) (Apter, 1982, 2001).	Escala de resistência “health message” (Lanarch & Brown, 1997	“A variável independente com a maior utilidade de predição de resistência à mensagem de educação sobre saúde, foi a frequência do consumo de cannabis. A resistência a mensagens sobre os riscos percebidos para a saúde do consumo de cannabis e redução do consumo de cannabis. Além disso, verificou-se que o valor da saúde e etnia têm efeitos independentes preditivos para resistência às mensagens sobre a redução do consumo de cannabis, com o estado negativista pró-ativa” (Boddington et al., 2013,p.1).
	Journal of Public Policy & Marketing, (Kemp & Kopp, 2013).	Correlacional	Comunicação	Adultos	51.1	Traço	resistência e qualidade de vida. (Kemp & Kopp, 2013).			“Os resultados evidenciam de que o planejamento pode ser influenciada pela utilização de mensagens específicas que reduzem a resistência e a percepção de invulnerabilidade”(Kemp & Kopp, 2013,p.1).

T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
	Primary Care Diabtes, (Machinani, et al., 2013).	Correlacional	medicina	Adultos		Estado	Resistência psicológica à insulina em pacientes com diabetes/ adesao ao tratamento (Machinani, et al., 2013).			“Pacientes dependentes de insulina revelaram uma prevalência de 48% da falta de vontade completa para começar a insulina. os entrevistados latinos eram mais jovens, viveram menos anos nos EUA, têm menos educação, foram mais propensos dispostos a utilizar a insulina e relatou uma atitude mais negativa a 8 de 9 domínios PIR Menos anos nos EUA previram uma maior relutância e uma atitude mais negativa em 8 de 9 domínios PIR é menos educação previu aumento dos sentimentos de injustiça” (Machinani, et al., 2013, p.1).
	Human Communication Research, (Miller et al., 2013).	Experimental	social	Adultos		Estado	resistencia e motivação. (Miller et al., 2013).	Teoria de inoculação (McGuire, 1964), Teotia da reatância psicológica (PRT) (Brehm, 1966, 1972; Brehm & Brehm, 1981)		“Os resultados demonstram, reação psicológica, uma fonte potente de resistência inspiradora por direito próprio, pode ser utilizada como um dispositivo eficaz para o completar e reforçar o componente tradicional ameaça de inoculação para aumentar o processo de refutação e intensificar a resistência à Persuasão. Os resultados deste estudo indicaram avisos prévios reforçada-rectâncias combinados com tratamentos tradicionais inoculação gerou um 'reforço' efeito " sobre a resistência. Um segundo aspeto original desta experiência envolveu variando a controlo da língua ao ataque contra atitude, que também produziu resultados estatisticamente significativos em todas as variáveis de desfecho” (Miller et al., 2013, p.1).
	International Psychogeriatrics (Wiesmann et al., 2014).	Correlacional	medicina	Adultos	57-96,	Traço	resistencia com dor cronica nos idosos Wiesmann, (Wiesmann et al., 2014).		Escala sentido de Coerência (Antonovsky, 1987) Escala e autoestima (Rosenberg,	“a morbidez e a coerência foram os únicos indicadores significativos de dor, com a morbidez a ter o efeito mais forte. O sentido de coerência foi um mediador de relacionamento entre recursos de resistência,

T O T A L	Revista	Tipo Estudo	Dominio Cientifico	Tipo Participante	Idade/ media	Traço/ Estado	Correlatos Resistência	Teorias	Medidas da Resistência	Resultados
									1965)	deficits e dor” (Wiesmann et al., 2014,p.1).
	Patient Education and Counseling (Bahrman et al., 2014).	Correlacional	Clinica	Idosos	82.8	Estado	Resistência psicológica à insulina em idosos com diabetes (Bahrman et al., 2014).			Pacientes com diabetes apresentam uma atitude negativa e resistência mais significativamente em relação à insulina terapia, em comparação com pacientes que já usam a insulina. (Bahrman et al., 2014, p.1).

Categorias dos artigos acerca da Resistência Psicológica

Categoria	Artigos
Influência e Persuasão (24)	<p>Ahluwalia, R. (2001). Examination of Psychological Processes Underlying Resistance to Persuasion, <i>Journal of Consumer Research</i>, 217-232.</p> <p>Davis, S. L., & Bottoms, B. L. (2002). Effects of Social Support on Children's Eyewitness Reports: A Test of the Underlying Mechanism. <i>Law and Human Behavior</i>, 26(2), 185-215.</p> <p>Breitenbecher, K. H., & Scarce, M. (2001). An Evaluation of the Effectiveness of a Sexual Assault Education Program Focusing on Psychological Barriers to Resistance. <i>Journal of Interpersonal Violence</i>, 16(5), 387-407.</p> <p>Cho, H. & Sands L. (2011) Gain- and Loss-Frame Sun Safety Messages and Psychological Reactance of Adolescents. <i>Communication Research Reports</i>, 28(4), 308-317.</p> <p>Derksen, M. (2012). Control and resistance in the psychology of lying. <i>Theory & Psychology</i>, 22(2), 196-212.</p> <p>Winick, B. J. (1998). Client denial and resistance in the advance directive context: Reflections on how attorneys can identify and deal with a Psycholegal Soft Spot. <i>Psychology Public Policy and Law</i>, 4(3), 901-923.</p> <p>Youtz, a C., Robbins, P. R., & Havens, J. W. (1964). Psychological Resistance and the Delayed Effects of a Persuasive Communication. <i>The Journal of Social Psychology</i>, 62, 45-55.</p> <p>Zhang, Q., & Sapp, D. a. (2013). Psychological Reactance and Resistance Intention in the Classroom: Effects of Perceived Request Politeness and Legitimacy, Relationship Distance, and Teacher Credibility. <i>Communication Education</i>, 62(1), 1-25.</p> <p>Jenkins, M., & Dragojevic, M. (2011). Explaining the Process of Resistance to Persuasion: A Politeness Theory-Based Approach. <i>Communication Research</i>, 40(4), 559-590.</p> <p>Lessne, G. J. (1987). Inoculation Theory and Resistance to Persuasion in Marketing. <i>Psychology & Marketing</i>, 4, 157-165.</p> <p>Dillard, J.P. & Shen, L. (2005). On the nature of reactance and its role in persuasive health communication. <i>Communication Monographs</i>, 72, 144-168.</p> <p>Dahlstrom, M. F. (2012). The Persuasive Influence of Narrative Causality: Psychological Mechanism, Strength in Overcoming Resistance, and Persistence Over Time. <i>Media Psychology</i>, 15(3), 303-326.</p> <p>Burkley E. (2008). The Role of Self-Control in Resistance to Persuasion. <i>Personality and Social Psychology Bulletin</i>, 34, 419-431.</p> <p>Miller, C., Ivanov, B., Sims, J., Compton, J., Harrison, K., Parker, K., Parker, J. & Averbeck, J. (2013). Boosting the Potency of Resistance:</p>

Categorias dos artigos acerca da Resistência Psicológica (cont.)

Categoria	Artigos
Influência e Persuasão (24) cont.	<p>Combining the Motivational Forces of Inoculation and Psychological Reactance. <i>Human Communication Research</i>, 39(1), 127–155.</p> <p>Moyer-Gusé, E. & Nabi, R. L. (2010). Explaining the Effects of Narrative in an Entertainment Television Program: Overcoming Resistance to Persuasion. <i>Human Communication Research</i>, 36(1), 26–52.</p> <p>Sagarin, B. J., Cialdini, R. B., Rice, W. E., & Serna, S. B. (2002). Dispelling the illusion of invulnerability: the motivations and mechanisms of resistance to persuasion. <i>Journal of Personality and Social Psychology</i>, 83(3), 526.</p> <p>Saucier, D. a, & Webster, R. J. (2010). Social vigilantism: measuring individual differences in belief superiority and resistance to persuasion. <i>Personality & Social Psychology Bulletin</i>, 36(1), 19–32.</p> <p>Lundberg, S., Romich, J. L., & Tsang, K. P. (2008). Decision-making by children. <i>Review of Economics of the Household</i>, 7(1), 1–30.</p> <p>Kemp, E., & Kopp, S. W. (2011). Resistance and Risk : Examining the Effects of Message Cues in Encouraging End of Life Planning. <i>Journal of Public & Marketing</i>, 30(1), 100–109.</p> <p>Boddington, E. L., & McDermott, M. R. (2013). Predicting resistance to health education messages for cannabis use: the role of rebelliousness, autistic mastery, health value and ethnicity. <i>Journal of Health Psychology</i>, 18(2), 157–66.</p> <p>Janis, I. L. & Terwilliger, R. (1962). An experimental study of psychological resistances to fear arousing communications. <i>Journal of Abnormal and Social Psychology</i>, 65(6), 403–410.</p> <p>Tertoolen, G., Kreveld, D. V., & Verstraten, B. (1998). Psychological resistance against attempts to reduce car use. <i>Transportation Research</i>, 32(3), 171–181.</p> <p>Hepburn, a., & Potter, J. (2011). Designing the Recipient: Managing Advice Resistance in Institutional Settings. <i>Social Psychology Quarterly</i>, 74(2), 216–241.</p> <p>Reed, H. D. (1974). Effect of a new tyoe of psychological treatment on smokers' resistance to warnings about health hazard. <i>Journal of Consulting and Clinical Psychology</i>, 42(5), 748.</p>
Resistência à Inovação (19)	<p>Folger, R. & Skarlicki, D. P. (1999). Unfairness and resistance to change : hardship as mistreatment. <i>Journal of Organizational Change Management</i>, 12(1), 35–50.</p> <p>Oreg, S. (2003). Resistance to change: developing an individual differences measure. <i>Journal of applied psychology</i>, 88(4), 680.</p> <p>Oerg, S. (2006). Personality, context, and resistance to organizational change. <i>European Journal of Work Organizacional Psychology</i>, 15(1), 73- 101.</p>

Categorias dos artigos acerca da Resistência Psicológica (cont.)

Categoria	Artigos
Resistência à Inovação (19) Cont.	<p>Goldenberg, J., & Oreg, S. (2007). Laggards in disguise: Resistance to adopt and the leapfrogging effect. <i>Technological Forecasting and Social Change</i>, 74(8), 1272-1281.</p> <p>Van Dam, K., Oreg, S., & Schyns, B. (2008). Daily Work Contexts and Resistance to Organisational Change: The Role of Leader–Member Exchange, Development Climate, and Change Process Characteristics. <i>Applied Psychology</i>, 57(2), 313–334.</p> <p>Hoel, H., & Beale, D. (2006). Workplace Bullying , Psychological Perspectives and Industrial Relations : Towards a Contextualized and Interdisciplinary Approach. <i>British Journal of Industrial Realties</i>, 44(2), 239–262.</p> <p>Klaus, T., & Blanton, J. E. (2010). User resistance determinants and the psychological contract in enterprise system implementations. <i>European Journal of Information Systems</i>, 19(6), 625–636.</p> <p>Oreg, S. et al., (2008). Dispositional Resistance to change : Measurment Equivalence and the Link to personal values across 17 nations.</p> <p>Van den Heuvel, S., & Schalk, R. (2009). The relationship between fulfilment of the psychological contract and resistance to change during organizational transformations. <i>Social Science Information</i>, 48(2), 283–313.</p> <p>Oreg, S., Nevo, O., Metzger, H., Leder, N., & Castro, D. (2009). Dispositional resistance to change and occupational interests and choices. <i>Journal of Career Assessment</i>.</p> <p>Peus, C., Frey, D., Gerkhardt, M., & Fischer, P. (2009). Leading and Managing Organizational Change Initiatives. <i>Management Revue</i>, 20(2), 158–175.</p> <p>Kleijnen, M., Lee, N., & Wetzels, M. (2009). An exploration of consumer resistance to innovation and its antecedents. <i>Journal of Economic Psychology</i>, 30(3), 344-357.</p> <p>Michel, A., Todnem By, R., & Burnes, B. (2013). The limitations of dispositional resistance in relation to organizational change. <i>Management Decision</i>, 51(4), 761-780.</p> <p>Murtagh, N., Gatersleben, B., & Uzzell, D. (2012). Self-identity threat and resistance to change: Evidence from regular travel behaviour. <i>Journal of Environmental Psychology</i>, 32(4), 318–326.</p> <p>Jian, G. (2007). “Omega is a Four-Letter Word”: Toward a Tension-Centered Model of Resistance to Information and Communication Technologies. <i>Communication Monographs</i>, 74(4), 517–540.</p> <p>Laukkanen, T., Sinkkonen, S., & Laukkanen, P. (2009). Communication strategies to overcome functional and psychological resistance to Internet banking. <i>International Journal of Information Management</i>, 29(2), 111–118.</p>

Categorias dos artigos acerca da Resistência Psicológica (cont.)

Categoria	Artigos
Resistência à Inovação (19) cont.	<p>Mugny, G., Papastamou, S., (1980). When rigidity does not fall: Individualization and psychologization as resistances to the diffusion of minority innovations. <i>European Journal of Social Psychology</i>, 10, 43-61.</p> <p>Whitaker, L. C., & Deikman, A. J. (2009). The Empathic Ward : Reality and Resistance in Mental Health Reform, 11(1), 50–63.</p> <p>Quinn, B. (2013). Reducing Psychological Resistance to Digital Repositories. <i>Information Technology and Libraries</i>, 29(2), 67–76.</p>
Resistência na Educação e Aprendizagem (9)	<p>McFalls, E. L., & Cobb-Roberts, D. (2001). Reducing Resistance to Diversity through Cognitive Dissonance Instruction: Implications for Teacher Education. <i>Journal of Teacher Education</i>, 52(2), 164–172</p> <p>Nolan, K. M. (2011). Oppositional behavior in urban schooling: toward a theory of resistance for new times. <i>International Journal of Qualitative Studies in Education</i>, 24(5), 559–572.</p> <p>Fischer, R., Harb, C., Al-Sarraf, S., & Nashabe, O. (2008). Support for Resistance Among Iraqi Students: An Exploratory Study. <i>Basic and Applied Social Psychology</i>, 30(2), 167–175.</p> <p>Taut, S., & Brauns, D. (2003). Resistance to Evaluation: A Psychological Perspective. <i>Evaluation</i>, 9(3), 247–264.</p> <p>Yüksel, S. (2006). The role of hidden curricula on the resistance behavior of undergraduate students in psychological counseling and guidance at a Turkish University. <i>Asia Pacific Education Review</i>, 7(1), 94–107.</p> <p>Seas, K. (2006). Enthymematic Rhetoric and Student Resistance to Critical Pedagogies. <i>Rhetoric Review</i>, 25(4), 427–443.</p> <p>Burroughs, N. F. (2007). A Reinvestigation of the Relationship of Teacher Nonverbal Immediacy and Student Compliance-Resistance with Learning. <i>Communication Education</i>, 4, 453-475.</p> <p>Shapiro, S. B. (1964). Authoritarianism and achievement in introductory Psychology. <i>Psychological Reports</i>, 15(1), 65-66.</p> <p>Achinstein, B., & Ogawa, R. T. (2006). (In) Fidelity: What the resistance of new teachers reveals about professional principles and prescriptive educational policies. <i>Harvard Educational Review</i>, 76(1), 30-63.</p>
Resistência/adesão ao tratamento (34)	<p>Groth-Marnat, G., & Mitchell, K. (1998). Responsiveness to direct versus indirect hypnotic procedures: the role of resistance as a predictor variable. <i>The International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis</i>, 46(4), 324–333.</p> <p>Abbate-Daga, G., Amianto, F., Delsedime, N., De-Bacco, C., & Fassino, S. (2013). Resistance to treatment and change in anorexia nervosa : a clinical overview. <i>BMC Psychiatry</i>, 13, 1-18.</p> <p>Kadushin, B. Y. A. (1957). Opposition to Referral for Psychiatric Treatment. <i>Social Work</i>, 3(3), 78-84.</p>

Categorias dos artigos acerca da Resistência Psicológica (cont.)

Categoria	Artigos
Resistência/adesão ao tratamento (34) cont.	<p>Cautilli, J., Riley-tillman, T. C., Axelrod, S., & Himeline, P. (2005). Current Behavioral Models of Client and Consultee Resistance: A Critical Review. <i>International Journal of Behavioral Consultation and Therapy</i>, 1(2), 147–164.</p> <p>Karno et al. (2010). What explains the relationship between the Therapist Structure X Patient Reactance interaction and drinking outcome? An examination of potential mediators. <i>Psychology of Addictive Behaviors</i>, 24(4), 600–607.</p> <p>Wiesmann, U., Dezutter, J., & Hannich, H. J. (2014). Sense of coherence and pain experience in older age. <i>International Psychogeriatrics</i>, 26(1), 123–33.</p> <p>Lovejoy, M., Rosenblum, a, Magura, S., Foote, J., Handelsman, L., & Stimmel, B. (1995). Patients' perspective on the process of change in substance abuse treatment. <i>Journal of Substance Abuse Treatment</i>, 12(4), 269–82.</p> <p>Wijeratne, C., & Sachdev, P. (2008). Treatment-resistant depression: critique of current approaches. <i>The Australian and New Zealand Journal of Psychiatry</i>, 42(9), 751–62.</p> <p>Fava, G. a, Savron, G., Zielezny, M., Grandi, S., Rafanelli, C., & Conti, S. (1997). Overcoming resistance to exposure in panic disorder with agoraphobia. <i>Acta Psychiatrica Scandinavica</i>, 95(4), 306–312.</p> <p>Hammar, L. M., Emami, A., Götell, E., & Engström, G. (2011). The impact of caregivers' singing on expressions of emotion and resistance during morning care situations in persons with dementia: an intervention in dementia care. <i>Journal of Clinical Nursing</i>, 20(7-8), 969–78.</p> <p>Beutler, L. E.; Moleiro, C. & Talebi, H. (2002). Resistance in psychotherapy: What conclusions are supported by research. In <i>Session: Psychotherapy in Practice</i>, 58(2), 207-217.</p> <p>Cable, T. a., Meland, E., Soberg, T., & Slagsvold, S. (1999). Lessons from the Oslo Study Diet and Anti-Smoking Trial: a qualitative study of long-term behaviour change. <i>Scandinavian Journal of Public Health</i>, 27(3), 206–212.</p> <p>Orr-Brown, D. E. & Siebert D. C. (2007). Resistance in Adolescent Substance Abuse Treatment: A Literature Synthesis. <i>Journal of Social Work Practice in the Addictions</i>, 7(3), 5-28.</p> <p>Dowd, E. T. (2002). Psychological reactance in health education and promotion. <i>Health Education Journal</i>, 61(2), 113-124.</p> <p>Beutler, L. E., Harwood, T. M., Michelson, A., Song, X., & Holman, J. (2011). Resistance/reactance level. <i>Journal of Clinical Psychology</i>, 67(2), 133–42.</p> <p>Watson, G. (1971). Resistance to Change. <i>American Behavioral Scientist</i>, 14(5), 745–766.</p>

Categorias dos artigos acerca da Resistência Psicológica (cont.)

Categoria	Artigos
Resistência/adesão ao tratamento(34) cont.	<p>Washington, M. (2004). on the Issue of Resistance in Anorexia. <i>Psychoanalytic Psychotherapy</i>, 18(4), 418–431.</p> <p>Harakas, P. (2013). Resistance, motivational interviewing, and executive coaching. <i>Consulting Psychology Journal: Practice and Research</i>, 65(2), 108–127</p> <p>Korytkowski, M. (2002). When oral agents fail: practical barriers to starting insulin. <i>International Journal of Obesity</i>, 26(3), S18–S24.</p> <p>Bogatean, M. & Hâncu, N. (2004). People with type 2 diabetes facing the reality of starting insulin therapy: factors involved in psychological insulin resistance. <i>Practical Diabetes International</i>, 21(7), 247–2528.</p> <p>Polonsky, W. H., Fisher, L., Guzman, S., Villa-Caballero, L. & Edelman, S.V. (2005). Psychological Insulin Resistance in Patients With Type 2 Diabetes <i>Diabetes Care</i> 28(10), 2543-2545.</p> <p>Petrak, F., Stridde, E., Leverkus, F, Crispin, A. A., Forst, T. & Pfutzner, A. (2007). Development and Validation of a New Measure to Evaluate Psychological Resistance to insulin treatment, <i>Diabetes care</i> 30(9), 2199-2204.</p> <p>Larkin, M. E., Capasso, V. a, Chen, C.-L., Mahoney, E. K., Hazard, B., Cagliero, E., & Nathan, D. M. (2008). Measuring psychological insulin resistance: barriers to insulin use. <i>The Diabetes Educator</i>, 34(3), 511–7.</p> <p>Brod, M., Kongsø, J. H., Lessard, S., & Christensen, T. L. (2009). Psychological insulin resistance: patient beliefs and implications for diabetes management. <i>Quality of Life Research</i>, 18(1), 23–32.</p> <p>Simpson-mckenzie, C. O., Poth, M., & Deuster, P. A. (2009). Psychological and physiological correlates of insulin resistance at fasting and in response to a meal in African americans and whites. <i>Ethnicity & Disease</i>, 19, 104-110.</p> <p>Jenkins, N., Hollowell, N., Farmer, A., Holman, R. R. & Lawton, J. (2010). Initiating insulin a part of the treating Target in Type 2 Diabetes (4-T) Trial. <i>Diabetes Care</i>, 33(10), 2178–2180.</p> <p>Goodman, E., Must, A., Daniels, S. R., & Dolan, L. M. (2010). Hostility and adiposity mediate disparities in insulin resistance among adolescents and young adults. <i>The Journal of Pediatrics</i>, 157(4), 572–577.</p> <p>Wang, H. F., & Yeh, M. C. (2012). Psychological resistance to insulin therapy in adults with type 2 diabetes: mixed-method systematic review. <i>Journal of Advanced Nursing</i>, 68(4), 743–57.</p> <p>Woudenberg, Y. J. C., Lucas, C., Latour, C., & Scholte op Reimer, W. J. M. (2012). Acceptance of insulin therapy: a long shot? Psychological insulin resistance in primary care. <i>Diabetic Medicine</i>, 29(6), 796–802.</p> <p>Machinani, S., Bazargan-Hejazi, S., & Hsia, S. H. (2013). Psychological insulin resistance among low-income, U.S. racial minority patients with type 2 diabetes. <i>Primary Care Diabetes</i>, 7(1), 51–55.</p>

Categorias dos artigos acerca da Resistência Psicológica (cont.)

Categoria	Artigos
Resistência/adesão ao tratamento (34) cont.	<p>Haas, L. (2014). Psychological insulin resistance: scope of the problem. <i>The Diabetes Educator</i>, 33(7), 228S–231S.</p> <p>Bahrmann, A., Abel, A., Zeyfang, A., Petrak, F., Kubiak, T., Hummel, J., Oster, P. & Bahrmann, P. (2014). Psychological insulin resistance in geriatric patients with diabetes mellitus. <i>Patient Education and Counseling</i>, 94(3), 417–22.</p> <p>Nam, S. (2010). Factors Associated With Psychological Insulin Resistance in Individuals With Type 2 Diabetes, 33(8), 33–35.</p> <p>Gherman, a, Veresiu, I., Sassu, R., Schnur, J., Scheckner, B., & Montgomery, G. (2011). Psychological insulin resistance: a critical review of the literature. <i>Practical Diabetes International</i>, 28(3), 125–128</p>
Subordinação à autoridade/ dominação (3)	<p>Barinaga, E. (2013). The psychic life of resistance: The ethnic subject in a high-tech region. <i>Ethnicities</i>, 13(5), 625–644.</p> <p>Hayes, G. (1999). The Struggle for Mental Health in South Africa: Psychologists, Apartheid and the Story of Durban OASSSA. <i>Journal of Community & Applied Social Psychology</i>, 10, 227–242.</p> <p>Reicher, S. (2004). The Context of Social Identity: Domination, Resistance, and Change. <i>Political Psychology</i>, 25(6), 921–945.</p>
Desenvolvimento de quadros clínicos (1)	<p>Goldbacher, E. M., & Matthews, K. a. (2007). Are psychological characteristics related to risk of the metabolic syndrome? A review of the literature. <i>Annals of Behavioral Medicine</i>, 34(3), 240–52.</p>
Características psicológicas da Resistência (8)	<p>Wilkinson, G. (1974). Social Psychological dimensions of resistance. <i>Psychological Reports</i>, 34, 1083–1085.</p> <p>Burton, R. V., Maccoby, E. E. & Allinsmith, W. (1961). Antecedents of Resistance to temptation in four old Children. <i>Child Development</i>, 32, 689-710.</p> <p>Gilmartin, J. (2000). Psychodynamic sources of resistance among student nurses: some observations in a human relations context. <i>Journal of Advanced Nursing</i>, 32(6), 1533–41.</p> <p>Ying, Y. & Akatsu, P. (1997). Psychological Dysfunction in Southeast Asian Refugees as Mediated by Sense of Coherence 1, 25(6), 839–859.</p> <p>Ying, Y., & Akutsu, P. D. (1997). Psychological adjustment of southeast Asian refugees: The contribution of sense of coherence. <i>Journal of Community Psychology</i>, 25(2), 125–139.</p> <p>Sherman, D. K., & Kim, H. S. (2002). Affective Perseverance: The Resistance of Affect to Cognitive Invalidation. <i>Personality and Social Psychology Bulletin</i>, 28(2), 224–237.</p> <p>Chen, J., & Wang, L. (2007). Locus of control and the three components of commitment to change. <i>Personality and Individual Differences</i>, 42(3), 503–512.</p>

Categorias dos artigos acerca da Resistência Psicológica (cont.)

Categoria	Artigos
Características psicológicas da Resistência (8) cont.	Johnson, P & Buboltz, W. C. (2000). Differentiation of self and Psychological Reactance. <i>Contemporary Family Therapy</i> , 22(1), 91-102.
Resistência ao exercício (4)	<p>Arent, S. M., Alderman, B. L., Short, E. J., & Landers, D. M. (2007). The Impact of the Testing Environment on Affective Changes Following Acute Resistance Exercise. <i>Journal of Applied Sport Psychology</i>, 19(3), 364–378.</p> <p>Milne, H. M., Wallman, K. E., Gordon, S., & Courneya, K. S. (2008). Effects of a combined aerobic and resistance exercise program in breast cancer survivors: a randomized controlled trial. <i>Breast Cancer Research and Treatment</i>, 108(2), 279–88.</p> <p>Kraemer, W. J. Et al. (2010). Effects of a Whole Body Compression Garment on Markers of Recovery After a Heavy Resistance Workout in Men and Women. <i>Journal of Strength & Conditioning Research</i>, 24(3), 804-814</p> <p>Coquart, J. B. J., Dufour, Y., Gros Lambert, A., Matran, R. & Garcin, M. (2012). Relationships between Psychological Factors , RPE and Time Limit Estimated by Teleoanticipation. <i>The Sport Psychologist</i>, 26, 359–374.</p>
Resistência e Resiliência (21)	<p>Rutter, M. (2006). Implications of resilience concepts for scientific understanding. <i>Annals of the New York Academy of Sciences</i>, 1094, 1–12.</p> <p>Delistamati, E., Samakouri, M. A., Davis, E. A., Vorvolakos, T., Xenitidis, K. & Livaditis, M. (2007). Interpersonal Support Evaluation List (ISEL) - College Version: Validation and Application in a Greek Sample. <i>International Journal of Social</i>, 52(6), 552-560.</p> <p>Palujanskien, A. (2011). Social development of adolescents in the context of existential categories. <i>Socialinis Ugdymas</i>, 17(28), 86–98.</p> <p>Terris, W. & Rahhal, D. (1969). Generalized Resistance to the Effect of Psychological stressors. <i>Journal of Personality and Social Psychology</i>, 13(29), 93-97.</p> <p>Holahan, C. J. (1987). Risk , Resistance , and Psychological Distress : A Longitudinal Analysis With Adults and Children, 96, 3–13.</p> <p>Casey, R., Brown, R. T., & Bakeman, R. (2000). Predicting Adjustment in Children and Adolescents With Sickle Cell Disease: A Test of the Risk-Resistance-Adaptation Model. <i>Rehabilitation Psychology</i>, 45(2), 155-178.</p> <p>Brown, R.T., Lambert, R., D., Devine, D., Baldwin, K., Casey, R., Doepke, K., Ievers, C. E., Hsu, L., Buchanan, I. & Eckman, J. (2000). Risk-Resistance adaptation model for caregivers and their children with sickle cell Syndromes. <i>Annals of Behavior medicine</i>, 22(2), 158–169.</p> <p>Manuel, J. C. (2001). Risk and Resistance Factors in the Adaptation in Mothers of Children With Juvenile Rheumatoid Arthritis, 26(4), 237–</p>

Categorias dos artigos acerca da Resistência Psicológica (cont.)

Categoria	Artigos
	246.
Resistência e resiliência (21) cont.	<p>McLean, L. a., Harvey, D. H. P., Pallant, J. F., Bartlett, J. R., & Mutimer, K. L. A. (2004). Adjustment of Mothers of Children With Obstetrical Brachial Plexus Injuries: Testing a Risk and Resistance Model. <i>Rehabilitation Psychology, 49</i>(3), 233–240.</p> <p>Jordan, J. (2005). What would MacGyver do? The meaning(s) of resistance and survival. <i>Violence against Women, 11</i>(4), 531–59.</p> <p>Guðmundsdóttir, H. S., Guðmundsdóttir, D. B., & Elklit, A. (2006). Risk and Resistance Factors for Psychological Distress in Icelandic Parents of Chronically Ill Children: An Application of Wallander and Varni's Disability-Stress-Coping Model. <i>Journal of Clinical Psychology in Medical Settings, 13</i>(3), 295–302.</p> <p>Mikolajczak, M., Luminet, O., & Menil, C. (2006). Predicting resistance to stress: incremental validity of trait emotional intelligence over alexithymia and optimism. <i>Psicothema, 18</i>, 79–88.</p> <p>Reininghaus, U., Craig, T., Gournay, K., Hopkinson, P., & Carson, J. (2007). The High Secure Psychiatric Hospitals' Nursing Staff Stress Survey 3: Identifying stress resistance resources in the stress process of physical assault. <i>Personality and Individual Differences, 42</i>(3), 397–408.</p> <p>Levesque, D. a, Velicer, W. F., Castle, P. H., & Greene, R. N. (2008). Resistance among domestic violence offenders: measurement development and initial validation. <i>Violence against Women, 14</i>(2), 158–84.</p> <p>Norris, F. H., Tracy, M., & Galea, S. (2009). Looking for resilience: understanding the longitudinal trajectories of responses to stress. <i>Social Science & Medicine, 68</i>(12), 2190–2198.</p> <p>Hibino, Y., Takaki, J., Kambayashi, Y., Hitomi, Y., Sakai, A., Sekizuka, N., ... Nakamura, H. (2009). Health impact of disaster-related stress on pregnant women living in the affected area of the Noto Peninsula earthquake in Japan. <i>Psychiatry and Clinical Neurosciences, 63</i>(1), 107–15.</p> <p>Pokrovsky, V. M., & Mingalev, a. N. (2012). The regulatory-adaptive state and evaluation of stress resistance in humans. <i>Human Physiology, 38</i>(1), 63–66.</p> <p>Bartone, P. T., Hystad, S. W., Eid, J., & Brevik, J. I. (2012). Psychological hardiness and coping style as risk/resilience factors for alcohol abuse. <i>Military Medicine, 177</i>(5), 517–24.</p> <p>Ebert, S. a., Tucker, D. C., & Roth, D. L. (2002). Psychological resistance factors as predictors of general health status and physical symptom reporting. <i>Psychology, Health & Medicine, 7</i>(3), 363–375.</p> <p>Wiesmann, U., & Hannich, H.-J. (2013). The Contribution of Resistance Resources and Sense of Coherence to Life Satisfaction in Older Age. <i>Journal of Happiness Studies, 14</i>(3), 911–928.</p> <p>Miyahara, M., Piek, J., & Barrett, N. (2006). Accuracy of drawing in a dual-task and resistance-to-distraction study: motor or</p>

Categorias dos artigos acerca da Resistência Psicológica (cont.)

Categoria	Artigos
	attention deficit? <i>Human Movement Science</i> , 25(1), 100–109.

De seguida, apresenta-se os resultados de acordo com que as questões de investigações formuladas.

Questão 1 : Qual o ano de publicação do artigo ?

Na pesquisa efetuada nas bases de dados encontrou-se, uma referência sobre a resistência nos 50; nos anos 60 foram encontradas 5 referências em relação à resistência; nos anos 70 foram encontradas 3 referências, bem como nos anos 80; nos anos 90 surgiram 9 referências; nos anos 2000 foram encontradas 65 referências e por fim nos anos 2010 foram 37 referências encontradas.

Os anos que mais se destacaram foram: o ano 2009 com 11 artigos; 2008 com 10 artigos; 2013 com 10 artigos; 2006, 2007 e 2012 com 9 artigos e 2010 e 2011 com 8 artigos. Os anos que tiveram apenas 1 artigo foram os anos: 1957; 1961; 1962; 1969; 1971; 1980 e 1995. (ver Tabela 1).

Tabela 1:

Referências encontradas por década incluindo o ano de publicação .

Década	N (Numero de referências)	<i>Ano de publicação (numero artigos)</i>
Anos 1950	1	1957 (1)
Anos 1960	5	1961(1) ; 1962(1); 1964(2); 1969(1).
Anos 1970	3	1971(1); 1974(2).
Anos 1980	3	1980(1);1987 (2).
Anos 1990	9	1995(1);1997(3); 1998(3); 1999(2).
Anos 2000	65	2000(5); 2001(5); 2002(7); 2003(2); 2004(3); 2005(4); 2006(9); 2007(9); 2008(10); 2009(11).

Decada	N (Numero de referências)	Ano de publicação (numero artigos)
Anos 2010	37	2010(8); 2011(8); 2012(9); 2013(10); 2014(2).
Total	123	

Questão 2: Que tipos de participantes têm sido incluídos nos estudos sobre a resistência?

Verifica-se que o tipo de participantes que mais se destaca são participantes na fase adulta com 61 artigos a seguir os que não menciona o tipo de participante com 30 referências. Depois os adolescentes com 17 referências, os idosos e as crianças/adolescentes, ambos com 6 referências e as crianças com apenas 3 referências (ver tabela 2).

Tabela 2:

Tipo de amosta encontrados nos artigos.

Tipo de participante	N (Numeros)
Adultos (19-60 anos)	61
Não menciona o tipo de participante (exemplo : Watson, 1971, estudo teórico.)	30
Adolescentes (12- 18 anos)	17
Crianças/ Adolescentes (5-18 anos)	6
Idosos (62-92 anos)	6
Crianças (4-11 anos)	3
Total	123

Questão 3: Que tipos de estudo (design) têm sido desenvolvidos ?

Nesta Revisão Sistemática encontrou-se diversos tipos de estudos. Os estudos correlacionais (51), estudos teóricos (30), os estudos experimentais (21), os estudos descritivos (17) e em menor escala, os estudos instrumentais (4), (Tabela 3). Verificando-se que há uma maior predomínio dos estudos correlacionais com 53 artigos e a seguir a os estudos teóricos com 30 artigos. Havendo mesmo assim uma discrepância entre os estudos correlacionais e estudos teóricos. Com um número muito inferior, aparecem os estudos instrumentais com apenas 4 artigos (ver tabela 3).

Tabela 3:

Diferentes tipos de estudos encontrados nos artigos .

Tipos de Estudos	N (Numero
Estudos Correlacionais	52
Estudos Teóricos (artigos de opinião, revisão da literatura)	30
Estudos Experimentais	21
Estudos Descritivos	17
Estudos Instrumentais	4
Total	123

Questão 4: Em que domínios de funcionamento a resistência tem sido estudada :

As categorias foram criadas e analisadas por dois juízes e são as seguintes: Resistência/adesão ao Tratamento (34), Influência e Persuasão (24); Resistência e Resiliência (21); Resistência Inovação” (19); Resistência na Educação e Aprendizagem (9); Características psicológicas da Resistência (8); Resistência ao exercício (4); Subordinação à autoridade (2) e Desenvolvimento de quadros clínicas (1).

As categorias que mais se destacaram foram a Resistência ao tratamento com 34 referências e a Persuasão e influência com 24 referências.

A categoria Resistência e Resiliência com 21 referências e a seguir foram as categorias a Resistência à Inovação com 19 referências, a Resistência ao tratamento com 34 referências. Depois a categoria Resistência na Educação e Aprendizagem com 9 referências, Características psicológicas da Resistência com 8 referências e a Resistência ao exercício com 4 referências. As categorias com menores artigos foram Subordinação à autoridade com 3 referências e Desenvolvimento de quadros clínicos com apenas 1 referência (ver Tabela 4).

Tabela 4:

As categorias deste estudo

Tipo de participante	N (Numeros)
Resistência/adesão ao tratamento	34
Persuasão e influência	24
Resistência e Resiliência	21
Resistência à novas tecnologia/ inovação	19
Resistência em Educação (aprendizagem)	9
Características psicológicas da Resistência	8
Resistência ao exercício	4
Subordinação/ Política	3
Desenvolvimento de quadros clinicas	1
Total	123

No que diz respeito a área científica foram encontrados estes seguintes domínios: A Psicologia Clínica (37), Medicina (30), Psicologia Educacional (15), Psicologia Organizacional (15), Psicologia Social (12), Psicologia em Marketing/Comunicação (7), Psicologia do Desporto (6) e Psicologia da Justiça e Clinica (1) (Tabela 4). A Psicologia Clinica é a que se destaca em relação às outras áreas científicas, em segundo lugar, área da Medicina e em último lugar encontram-se a Psicologia da Justiça e Clinica apenas com um artigo (ver tabela 5).

Tabela 5:

Diferentes áreas científicas encontradas nos artigos.

Domínio Científico	N (Número)
Psicologia Clínica	37
Medicina	30
Psicologia Educacional	15
Psicologia Organizacional	15
Psicologia Social	12
Psicologia em Marketing/ Comunicação	7
Psicologia do Desporto	6
Psicologia da Justiça e Clínica	1
Total	123

As Revistas onde foram encontrados mais artigos sobre a resistência nesta revisão sistemática foi a *Diabetes Care* com 5 artigos e *Journal of Clinical Psychology* com 3 artigos. Depois foram *Annals of Behavioral Medicine*, *Personality and Social Psychology Bulletin*, *Journal of Personality and Social Psychology*, *Journal of Social Psychology*, *American Journal of community Psychology*, *Personality and Individual Differences*, *Violence against women*, *Psychological Reports*, *Human Communication Research*, *The Diabetes Educator*, *Practical Diabetes International*, *Journal of applied Psychology* e *Journal of Advanced Nursing* estas 13 revistas ambas com 2 artigos e as restantes revistas foram apenas 1 artigo. (ver Tabela 6).

Tabela 6:

As Revistas científicas em que têm sido publicados artigos sobre a resistência

Revistas	F (Frequência)
American Journal of community Psychology	2
Annals of Behavioral Medicine	2
Diabetes care	5
Human Communication Research	2

Revistas	F (Frequência)
Journal of Personality and Social Psychology	2
Journal of Social Psychology	2
Journal of Clinical Psychology	3
Journal of applied Psychology	2
Journal of Advanced Nursing	2
Personality and Social Psychology Bulletin	2
Personality and Individual Differences	2
Practical Diabetes International	2
Psychological Reports	2
The Diabetes Educator	2
Violence against women	2
An International Journal of Quality of Life Aspects of Treatment, Care and Rehabilitation	1
Asia Pacific Education Review	1
Annals of the New York Academy of Sciences	1
American Behavioral Scientist	1
Applied Psychology	1
Acta Psychiatrica Scandinavica	1
Basic and Applied Social Psychology	1
BMC Psychiatry	1

Revistas	F (Frequência)
Breast Cancer Research and Treatment	1
British Journal of Industrial Relations	1
Child development	1
Consulting Psychology Journal: Practice and Research	1
Communication Education	1
Communication Research	1
Communication Research Reports	1
Communication Monographs	1
Contemporary Family Therapy	1
Communication Monographs	1
Diabetic Medicine	1
Ethnicity & Disease	1
European Journal of Information Systems	1
Evaluation	1
European Journal of Work Organizational Psychology	1
Ethnicities	1
Ethical Human Psychology and Psychiatry	1
Human Physiology	1
Human Movement Science	1
Harvard Educational Review	1

Revistas	F (Frequência)
Health Education Journal	1
Health & Medicine	1
International Psychogeriatrics	1
International Journal of Qualitative Studies in Education	1
Information Technology and libraries	1
International Journal of Social Psychiatry	1
International Journal of Behavioral Consultation and Therapy	1
International Journal of Obesity	1
International Journal of Information Managment	1
Journal of Abnormal Psychology	1
Journal of Abnormal and Social Psychology	1
Journal of Applied Sport Psychology	1
Journal of Career Assessment	1
Journal of Clinical Nursing	1
Journal of Community & Applied Social Psychology	1
Journal of Consumer Research	1
Journal of Economic Psychology	1
Journal of Health Psychology	1

Revistas	F (Frequência)
Journal of Interpersonal Violence	1
Journal of Organizational Change Management	1
Journal of Public Policy & Marketing	1
Journal of Pediatric Psychology	1
Journal of Strength and Conditioning Research	1
Journal of Substance Abuse Treatment	1
Journal of Social Work Practice in the Addiction	1
Journal of Teacher Education	1
Journal of Consulting and Clinical Psychology	1
Journal of Environmental Psychology	1
Journal of Happiness Studies	1
Law and Human Behavior	1
Managment Decision	1
Management revue	1
Media Psychology	1
Military Medicine	1
Primary Care Diabetes	1
Psicothema	1
Psychology & Marketing	1

Revistas	F (Frequência)
Psychology & Marketing	1
Psychology & Marketing	1
Psychiatric social work section	1
Psychiatry and Clinical Neurosciences	1
Patient Education and Counseling	1
Psychology of Addictive Behaviors	1
Political Psychology	1
Psychology, Public Policy, and Law	1
Psychoanalytic Psychotherapy	1
Rhetoric Review	1
Rehabilitation Psychology	1
Review of Economics of the Household	1
Rehabilitation Psychology	1
Socialinis Ugdymas	1
Social Science Information	1
Social Psychology Quarterly	1
Social Science & Medicine	1
The Australian and New Zealand Journal of Psychiatry	1
Transportation Research	1
The Diabetes Educator	2
Technological Forecasting & Social Change	1

Revistas	F (Frequência)
Technological Forecasting & Social Change	1
The Sport Psychologist	1
Theory & Psychology	1
The Journal of Pediatrics	1
The International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis	1
Total	123

Questão 5: Que abordagens teóricas têm sido utilizadas no estudo: a) abordagens Traço/Estado e b) modelos e teorias

Ao longo da análise dos artigos, um dos critérios em análise, era se estes descreviam a perspectiva de Resistência como Traço ou como Estado. Esta distinção tem como base a revisão do estado de arte, em que diversos autores distinguem a Resistência Traço versus Estado. O número de estudos relacionados com a Resistência como traço 64,23%, e a Resistência como Estado é de 35,77% (ver Tabela 7).

Tabela 7:

Percentagem da Perspetiva de Resistência como estado/traço considerada nos artigos por diferentes autores.

Perspetiva	N(Numeros)	Percentagem
Traço	79	64,23%
Estado	44	35,77%
Total	123	100%

Ao longo dos 123 artigos encontram-se as seguintes teorias e modelos sobre a resistência:

Teorias/Modelos

Teoria de inoculação (McGuire, 1964).

Teoria da Equidade (Adams, 1965).

Teoria do locus de controle (Rotter, 1966).

Modelo risco-resistência de Wallander (Wallander et al. 1989).

Teoria da reatividade (Brehm & Brehm, 1981)

Teoria da Inversão (RT) (Apter, 1982, 2001).

Teoria do processo de Identidade de Breakwell (Breakwell, 1986).

Teoria da Educação de Brown e Levinson (Brown & Levinson, 1987).

Modelo salutogenico (Antonovsky, 1991, 1993).

Teoria de cognições referente (Folger, 1993).

Teoria da resistência à inovação (Ram & Sheth, 1989).

Teoria do auto-controle (Baumeister, 1998).

Modelo de Patterson (Patterson, 1982);

Modelo Alford e Lantka (Alford & Lantka, 2000).

Perspetiva de Miller e Rollnick (Miller & Rollnick, 2002);

Teoria de Educação por Fuchs e Fuchs (Fuchs & Fuchs, 1996).

Modelo Transteórico à mudança (Levesque et al., 2008).

Verifica-se que a maioria das Teorias/Modelos foram conceptualizadas nos anos 60 80 e 90.

Ao longo dos 123 artigos encontraram-se as seguintes medidas de resistência psicológica que foram utilizadas para avaliarem a Resistência Psicológica:

Medidas de Resistência

Resistance Efficacy Scale (RES) (Cowen et al, 1991)

Health Messages Resistance Scale (Lanarch & Brown, 1997);

the Client Resistance Scale (Mahalik, 1994)

escala de resistência terapêutica (Dowd, Milne & Wise, 1991);

escala de resistência psicológica (Hong & Faedda, 1996)

Escala de resistência à mudança (Oreg, 2003)

Inventário da personalidade Eysenck (Eysenck & Eysenck, 1975)

A escala do Dogmatismo (Schulze, 1962)

A escala do Conservatismo (McClosky, 1968)

Escala do sentido de coerência (Antonovsky, 1987)

Escala de auto-eficácia (Schwarzer & Jerusalem, 1995)

Diabetes Self-Efficacy Scale (Rapley, Passmore & Phillips, 2003).

Escala Barreira do tratamento à Insulina (BIT) (Nam, 2010).

A escala da reatividade social (Klabbers et al., 2009; McDermott & Apter, 1988).

Escala de resiliência disposicional, (Bartone, 2012).

Escala de reatividade de Hong (**1992; Hong & Faedda, 1996; Hong & Page, 1989**)

Verifica-se que as medidas da Resistência desenvolvidas destacam-se principalmente nos 90.

4. Discussão

O objetivo deste estudo foi fazer uma revisão sistemática da literatura em relação à resistência psicológica. De seguida, discutimos os resultados encontrados, pelas questões de investigação.

Questão 1: Qual o ano de publicação do artigo ?

Os artigos foram classificados por décadas para permitir uma visão holística ao longo do tempo sobre as resistências psicológicas.

Em relação às referências por décadas nas pesquisas de dados verifica-se um aumento considerável sobre o estudo da resistência psicológica principalmente nos anos 2000 com 65 referências e nos anos 2010 com 37 referências. Em que foram 5 referências no ano 2000, 5 referências no ano 2001, 7 referências no ano 2002, 2 referências no ano 2003, 3 referências no ano 2004, 4 referências no 2005, 9 referências no ano 2006, 9 referências no ano 2007, 10 referências no ano 2008 e 11 referências no ano 2009. Nos anos 2010 foram encontrados, na pesquisa de dados, 8 referências no ano 2010; as mesmas referências no ano 2011; 9 referências no ano 2012, 10 referências no ano 2013 e 2 referências até Maio 2014. Nos anos 2000 existiu um maior aumento, nos anos 2008 e 2009. Nos anos 2010 foram os anos 2012 e 2013 que se destacaram.

Por outro lado encontrou-se na base de dados apenas 1 referência na década de 50, isto é porque os artigos antigos eram revistas publicadas em formato papel e a maioria destas revistas não digitalizaram os artigos mais antigos.

A disponibilização de artigos em formato digital encontra-se disponível na internet e nas bases de dados sendo um fenómeno maioritário a partir dos anos 90 o que vai ao encontro da tabela 1.

Os números das referências que suportam esta justificação é que cerca de 702 não estavam disponíveis.

Questão 2: Que tipos de participantes têm sido incluídos nos estudos sobre a resistência?

O tipo de participantes que foram encontrados são os seguintes: Adultos (61); Não mencionam o tipo de participantes (30); adolescentes (17); idosos (6); Crianças/Adolescentes (6) e Crianças (3). Esta classificação permitiu ao longo deste

estudo perceber quais os tipos de participantes que têm sido incluídos nos estudos sobre a resistência psicológica.

Verificou-se que em relação ao tipo de participante, ressaltam os estudos com adultos, com 60 referências, e apenas 6 referências com crianças/adolescentes e 3 com crianças. Existe um maior interesse dos investigadores pelo estudo da resistência psicológica em adultos. É na fase adulta que as consequências da resistência no funcionamento são mais evidentes. Por outro lado existem mais adultos na população, sendo assim mais fácil estudar a resistência nesta faixa etária.

Questão 3: Que tipo de estudo tem sido incluído nos estudos sobre a resistência?

Os tipos de estudos que se encontraram no estudo sobre a resistência psicológica foram os seguintes: Os estudos correlacionais (51), estudos teóricos (30), os estudos experimentais (21), os estudos descritivos (17) e em minoria os estudos instrumentais (4).

Ao analisar os 123 artigos constatou-se que o construto resistência pode ser relacionado com outros construtos ou domínios da ciência. O resultado do tipo de estudo ressaltam os estudos correlacionais com 51 artigos e apenas 4 estudos instrumentais. Estes resultados dos estudos correlacionais vão ao encontro da teoria de Asforth e Mael (1998), em que referem que a resistência é designada como um ato intencional que disputa e se relaciona com outros constructos como o poder, conflito, ato de controlo. Assim, estes 51 estudos correlacionais foram ao encontro da ideia de que a resistência se relaciona com outros construtos.

O próximo tipo de estudos que se destacou foram os estudos teóricos (30) pois é onde se realiza discussões conceituais a partir da literatura, revisões bibliográficas e Modelos conceptuais baseados na perspectiva e percepção do investigador. Existe um grande interesse nos investigadores para entender o que é a resistência psicológica procurando defini-la para uma melhor compreensão deste fenómeno.

Por um lado os que tiveram menos referências foram os estudos instrumentais, isto deve-se à dificuldade de operacionalizar e medir a resistência psicológica. Como ainda existem dúvidas de quais serão os construtos da resistência e o que é a resistência, isto dificulta o desenvolvimento do instrumento para a medição de todos os construtos ou componentes da resistência psicológica.

Questão 3: Em que domínios de funcionamento a resistência tem sido estudada?

Nos 123 artigos encontraram-se os seguintes domínios de funcionamento sobre a resistência psicológica: Resistência/adesão ao Tratamento (34), Influência e Persuasão (24); Resistência e Resiliência (21); Resistência à Inovação (19); Resistência na Educação e aprendizagem (9); Características psicológicas da Resistência (8); Resistência ao exercício (4); Subordinação à autoridade/dominação (3) e Desenvolvimento de quadros clínicos (1).

Constatou-se que, a maioria dos estudos que foram encontrados na pesquisa de base de dados, estavam relacionados com a Resistência/adesão ao tratamento (incluindo tratamento psicológico e tratamento biomédico); Influência e Persuasão, Resistência e Resiliência.

Contudo, estão relacionados com outros constructos como: a Auto percepções negativas; a Auto culpa; medo; a progressão da doença; autoestima, e algumas fobias relacionadas com questões de saúde.

A Resistência psicológica à insulina (PIR) é fortemente afetada pelas crenças dos pacientes e pelo conhecimento sobre diabetes e insulina, auto percepção negativa e barreira de atitude, o medo de efeitos secundários e complicações devido ao uso de insulina, bem como adaptações no estilo de vida, restrições exigidas pelo uso de insulina, e estigma social sendo que estas influências, independentes e combinadas, constituem o PIR do paciente e pode resultar na relutância dos pacientes tanto para iniciarem como para intensificar o tratamento, atrasando a iniciação do tratamento e comprometendo o controlo da glucose (Brod et al., 2009). Esta relutância é denominada por "resistência psicológica à insulina " (PIR). A resistência psicológica à insulina é complexa e multifacetada (Korytkowski, 2002).

Os Pacientes resistentes ao tratamento apresentam menos benefícios e são mais propensos a terminar prematuramente o tratamento, do que aqueles que são cooperativos (Beutler, et al., 2011). Por outro lado a motivação e a mudança de comportamento de saúde, não pode ser entendida sem que se tenha em atenção a grande e rica variedade dos contextos em que as pessoas estão inseridas bem como as interpretações que os pacientes trazem às consultas, onde conselhos comportamentais são relevantes (Cable et al., 1999). O terapeuta qualificado pode encontrar uma maneira de estimular a mudança e reduzir o medo de perder o controlo ou a liberdade. (Beutler, et al., 2011)

No que diz respeito à Resistência à mudança que corresponde à categoria Resistência à Inovação” sendo este um fenômeno psicológico de interesse desde a saúde à psicologia organizacional. É uma estrutura multifacetada em que se distinguiu entre três tipos de resistência: (sentimentos positivos e negativos em relação à mudança específica) afetivos, cognitivos (avaliação do valor e o potencial benefício da mudança) e comportamentais (intenções para agir contra as alterações) e na previsão destes três tipos de resistência que se baseou em quatro variáveis contextuais: as saídas esperadas (segurança do emprego, recompensas intrínsecas, poder e prestígio); a confiança na gestão, as informações e a influência de colegas (Oreg, 2006). Além disso, Fiorelli e Margolis (1993) argumentaram que algum nível de resistência à mudança pode ser para o benefício da organização (cit. in Folger & Skarlicki, 1999). Assim como o conflito pode às vezes ser utilizado de forma construtiva para a mudança, a resistência legítima sob alguma circunstância poderá trazer mudanças organizacionais necessárias adicionais (Folger & Skarlicki, 1999).

Por outro lado o cumprimento do contrato psicológico está relacionado com resistência afetiva à mudança, mas não com a resistência comportamental e a resistência cognitiva e assim sendo, quanto mais a organização cumprir as suas promessas em relação ao empregado, menor resistência afetiva é demonstrada pelo empregado em relação à mudança organizacional. A diminuição na confiança também resulta em alta resistência afetiva em relação a mudança organizacional (Van den Heuvel & Schalk, 2009), como também se houver ameaça de autoidentidade vai contribuir para a resistência à mudança (Murtagh et al., 2012).

Segundo Oreg (2006) as ameaças ao poder e prestígio estão fortemente relacionados com a resistência cognitiva; e as ameaças a recompensas intrínsecas estão relacionados significativamente com a resistência tanto afetiva como cognitiva, enquanto nenhum dos fatores foram significativamente associados com o componente de resistência comportamental. Por outro lado, os fatores envolvidos no processo de mudança, tais como a confiança na gestão e a influência social de acordo com a mudança, estão associados com o componente comportamental de resistência, para além de alguns relacionamentos que foram considerados com resistência cognitiva ou afetiva (cit in Oreg, 2006).

Em relação a Resistência à Persuasão é definido como a capacidade de resistir a um ataque persuasivo relacionado com área da Comunicação que corresponde a categoria Persuasão e influência.

McGuire (1964) acreditou que as estruturas cognitivas inoculadas poderiam ser protegidas contra ataques persuasivos comportamentais tal como o sistema imune inoculado poderia ser protegido contra ataques biológicos, e identificou dois mecanismos responsáveis: ameaça e compreensão refutacional (cit in Miller et al., 2013).

O autocontrole desempenha um papel vital no processo de resistência à persuasão, pois as pessoas devem ter autocontrole de recursos para se defender dos apelos persuasivos, sem eles, elas tornam-se suscetíveis de serem influenciadas (Burkley, 2008).

A resistência é estudada em vários domínios da ciência, como a Medicina, a Sociologia, Educação entre outros. É de realçar que existe um grande número de artigos relacionado com os diabetes e adesão ao tratamento da insulina. Como se verificou a Psicologia Clínica e a Medicina destacaram-se, o que vai ao encontro dos primeiros autores que definiram a resistência como sendo da Área Clínica, como o caso de Freud (1912) em que afirma que a resistência é como algo que acompanha o tratamento psicanalítico e que a transferência, só se torna fonte de resistência ao tratamento quando se trata de uma transferência negativa ou uma transferência positiva dos impulsos eróticos recalcados.

Em relação às revistas científicas constatou-se que as que tiveram maior frequência foi a *Diabetes care* (5) e o *Journal of Clinical Psychology* (3) o que vai ao encontro da área científico que se destacaram que são a Medicina e Psicologia Clínica.

Questão 5: Que abordagens teóricas têm sido utilizadas (abordagens Estado / traço e os modelos e teorias)?

Assim, um dos critérios em análise era a separação dos 123 artigos por duas perspetivas, isto é, quais o artigo que apresentavam a resistência como perspetiva traço ou como perspetiva estado. A reatividade é vista como estado emocional de rejeição da mensagem, (Brehm, 1966). A liberdade, a ameaça de liberdade, a reatividade e restauração da liberdade, a reatividade ocorre quando o indivíduo tem um sentido concreto da liberdade e a conhece (Brehm & Brehm, 1981). Enquanto para Dillard e Shen (2005) a resistência é possível de ser medida, tendo desenvolvido uma medida de resistência estado e que a resistência é essencialmente consciente, passível de relatar, mas que implica uma mistura de processos emocionais e cognitivos. A perspetiva estado, remete a uma impossibilidade de ser medida e avaliada. Assim, 64,29%, dos 123 artigos em análise, estudaram a resistência como traço, que assim, poderão medir e

avaliar, de forma mensurável a resistência. O que se conclui que a resistência pode ser avaliada noutras escalas, que não avaliem apenas a resistência, mas outros constructos, que a resistência seja avaliada como uma subescala.

A resistência remete para a personalidade enquanto a reatividade remete para as questões da identidade.

Ao longo deste trabalho foi possível perceber que apesar das múltiplas definições de resistência, é possível encontrar uma convergência sobre o mesmo. Freud definiu a resistência como a palavra que é usada para conotar a oposição baseada na emoção; resistência a partir de um obstáculo à cura e ao restabelecimento dos pacientes. Wickstrom e Witt (1983) disseram que a Resistência pode ser definida como qualquer coisa que um paciente faz que impede o progresso. Segundo Dillard e Shen (2005), a resistência é essencialmente consciente, implicando uma mistura de processos emocionais e cognitivos.

Como é perceptível ao longo deste estudo, existe uma enorme diversidade de teorias e modelos da Resistência. Foram classificados por áreas científicas para permitir fazer uma integração atual dos estudos e perceber a integração teórica para uma melhor compreensão da Resistência. Por outro lado permite perceber em quem áreas as teorias e modelos sobre a resistência psicológica foram estudados até à atualidade.

Sendo assim as teorias foram classificadas de seguinte forma : Teorias clínicas, Teorias da área social, Teorias da Educação, Teorias da Organização e Teorias da Comunicação. Constatou-se que, quem teve interesse em primeiro lugar na resistência psicológica foi a Psicologia Clínica e a área social e mais recentemente a Psicologia Organizacional e de Comunicação. De seguida vão ser mencionadas as teorias e modelos sobre a resistência psicológica nas suas respetivas áreas científicas :

Nas teorias Clínicas foram encontradas as seguintes teorias: a Teoria psicanalítica, Teoria cognitivo-comportamental, Teoria da Gestalt e Teoria dos sistemas familiares. O conceito de resistência na psicoterapia foi introduzido na teoria psicanalítica. Segundo Arlow (2000) a teoria psicanalítica clássica caracterizou a resistência como o evitar inconsciente do paciente em relação ao material ameaçador inconsciente que pode ser divulgado e ameaçado no trabalho analítico. De acordo com Beutler et al. (2002) a Resistência é o reflexo de pensamentos e sentimentos inconscientes que o cliente luta para manter, que pode ser mencionado tanto como uma característica da personalidade temporária como de longa duração. De acordo com Beutler (2011) a resistência, foi um forte esforço para evitar, reprimir, ou controlar

sentimentos e pensamentos conflituosos Por exemplo, um paciente com um trauma passado significativo, pode sentir-se ameaçado por um terapeuta bastante inquiridor e para se proteger desvia a atenção do material ameaçador através de processos inconscientes, ou conscientemente tenta reter, falsificar, ou mesmo recusar a divulgação de relevantes informações.

As teorias psicodinâmicas normalmente assumem que a resistência é força motivacional interna que é provocada pelo mecanismo de defesa psicológica e conflitos inconscientes que opõem-se a uma percepção consciente do material reprimido (Beutler,2002). Assumem que a resistência é uma resposta ao levantamento ameaçado de repressão psíquica e deve ser "trabalhado" para a mudança terapêutica poder ocorrer (Freud, 1926). A resistência, segundo Freud (1895) é considerada como uma força psíquica inconsciente que tem a função de eliminar da consciência uma ideia dolorosa e ao mesmo tempo impede o seu retorno à memória. Sendo as ideias consideradas como manifestações psíquicas reprimidas (pensamentos e impulsos), deformadas pela resistência. São pensamentos não intencionais e estão relacionados com material psíquico puramente inconsciente. Freud (1923) afirmou que a resistência ocorre quando um paciente fica bloqueado nas suas associações livres. Sigmund Freud (1926) classificou cinco tipos de resistência: resistência do ego, resistência do superego, id, ganho secundário e resistência de transferência.

As teorias cognitivo-comportamentais de mudança psicológica (Meichenbaum & Gilmore, 1984) defendem a posição de que a resistência é uma parte natural do processo de mudança e deve ser trabalhada, em vez de se colocar em oposição, enquanto que os cognitivo-desenvolvimentistas (Mahoney, 1991) afirmam que a resistência é saudável na medida em que protege o núcleo de esquemas cognitivos esmagadores de ameaças e no processo protege o sentido do indivíduo de significado pessoal. Os terapeutas cognitivos e comportamentais designam a resistência como uma característica duradoura ou situação induzida, mas eles rotulam-na como não conformidade Os cognitivistas afirmam a resistência como recusa do cliente para contemplar a informação que é inconsciente com a sua visão de mundo, enquanto os comportamentalistas dão atenção aos aspetos comportamentais de não-conformidade.

A teoria gestaltista segundo Engle e Holiman (2002) vê a resistência como uma resposta inconsciente e protetora à dor, causando stressores ambientais que entram em conflito com as necessidades ou vontades dos clientes, (Engle & Holiman, 2002; cit. in

Orr-Brown, 2007), enquanto as teorias dos sistemas familiares segundo Beutler et al., (2002) vêm a resistência como uma tentativa de manter a homeostasia.

O modelo de Patterson (1982) refere que a resistência tem 3 funções principais: reduzir confrontos, ensinar ou apoiar o que é dado ao paciente; aumenta o número de sessões necessárias para obter mudanças terapêuticas; diminuir a ligação do terapeuta com o paciente. Foi criada uma hipótese de que a resistência seria menor no início da terapia, e gradualmente, à medida que o terapeuta criasse mais sugestões ou tentativas de ensinar técnicas para a mudança. À medida que os pais se tornaram mais familiares com as técnicas e começaram a ter mais sucesso com as intervenções, a resistência iria baixar gradualmente. O comportamento terapêutico pode levar a um aumento da resistência do cliente (Patterson & Forgatch, 1985).

O modelo salutogénico segundo Antonovsky (1987) foca-se nas capacidades e potencialidades dos indivíduos para criar e manter uma saúde positiva e para lidar efetivamente com consequências negativas de stress, contribui para a compreensão do bem-estar subjetivo em idosos e identificou duas fontes de resistência, as fontes de resistência generalizada (GRPs) refere-se a forças salutares que estão no “combate efetivo com uma grande variedade de stress e têm potencial para criar experiências a longo prazo que atingem um estado de equilíbrio entre um fraco e forte stress e isso permite a participação em encontros sociais (envolvimento e compromisso). Por outro lado, o termo o deficit de resistência generalizado (GRDs) refere-se ao fatores de stress que causam conflitos e outras formas de desonestidade. Ambas a GRRs e GRDs dão forma ao sentido de coerência (SOC), definida como uma orientação global que representa uma autocriação individual, auto-organização e competência de Auto preservação (Wiesmann et al., 2004; cit. in Wiesmann & Hannich, 2013).

Segundo Wiesmann e Hannich (2008) refere que dentro desta estrutura o individuo é considerado de ter um sistema Auto regulativo complexo, até um determinado ponto, pode estimular a integração e nas dimensões biopsicossociais do sistema de saúde mas com o avançar da idade o individuo perde a sua capacidade de produzir integridade biopsicossocial e o aumento desta insuficiente irá resultar na morte do individuo e a crença salutogénica indica que os esforços de autorregulação são limitados e isto verifica-se mais nos indivíduos mais velhos: “ a Idade é entendida como uma dimensão temporal do individuo na qual ocorrem mudanças negativas e inevitáveis. Dois conceitos dentro da estrutura salutogénica explicam como a adaptação

à adversidade poderá ser possível: as fontes de resistência generalizadas e o sentido de coerência (Wiesmann & Hannich, 2013).

De acordo com Antonovsky (1987), o sentido de coerência é uma forma de ver o mundo que facilita o sucesso ao enfrentar os fatores stressores, oferece a capacidade de gerir e compreender e quando aplicado em pessoas idosas, podemos supor que as pessoas que detêm um forte sentido de coerência podem recorrer a um espectro de recursos que podem superar os défices que são acompanhados por condições crônicas, como a dor, enquanto um fraco sentido de coerência irá perceber o seu mundo como mais caótico e terá apenas recursos limitados, aumentando a probabilidade de sucumbir à dor relacionada com a doença. Este autor apresentou duas explicações para a associação positiva entre sentido de coerência e bem-estar, mantendo explicitamente que não é uma simples causalidade: Em primeiro lugar, um forte sentido de coerência é moldado por experiências de vida que são caracterizadas pela disponibilidade de recursos de resistência. É plausível supor que as pessoas que têm um repertório considerável de recursos de resistência experienciam um maior bem-estar.

Segundo Wiesmann, Dezutter e Hannich (2014) o sentido de coerência foi um mediador da relação entre os recursos e bem-estar subjetivo e efeitos mais fortes foram encontrados para a autoeficácia, autoestima, apoio social esperado e nível de atividade em que elevadas fontes subjetivas, especialmente autoeficácia, autoestima e educação foram essencialmente ligados tanto com um forte sentido de coerência como com o bem-estar subjetivo positivo. Assim, a promoção de um forte sentido de coerência origina um aumento de experiências consistentes, atribuições de capacidade de gerenciamento e intencionalidade da vida de cada um, devendo ser um dos principais objetivos das intervenções gerontológicas (Lindström & Eriksson, 2005). Uma pesquisa demonstrou que o sentido de coerência é uma variável mediadora, reunindo influências de resistência em recursos para saúde subjetiva (Wiesmann, 2008).

Segundo Prochaska, DiClemente, e Norcross (1992), o modelo transteórico à mudança, a resistência é descrita como um aspeto de um estado pré contemplação e que oferece uma estrutura para conceituar o processo de mudança de comportamento (por exemplo, a cessação do tabagismo, como uma progressão através dos estágios de pré contemplação, quando a pessoa não considera a mudança, a contemplação, quando o indivíduo avalia os prós e contras da mudança, a preparação, a fase em que o planeamento e o compromisso estão presentes). O resultado da negação ou desmoralização, a resistência surge porque o cliente nega a existência do problema ou

tentou resolver o problema no passado e acredita que apenas o pensar sobre a mudança já é demasiado arriscado.

Para Folger (1993) a Teoria de cognições referente (RCT) afirma que as pessoas referem-se aos padrões cognitivos para avaliar determinados níveis de tratamento ou recompensas baseadas em eventos passados, outros referentes, e várias outras fontes que podem incluir promessas implícitas e explícitas. Estas normas determinam o grau de insatisfação de uma pessoa com um determinado resultado. Quando o resultado fica aquém do padrão cognitivo, as pessoas podem experimentar uma sensação de privação ou aversão. Estes padrões cognitivos fornecem uma visão sobre por que os funcionários podem ver a mudança organizacional como uma perda.

Segundo Ansoff (1990) a resistência à mudança tem sido utilizada para descrever o fenómeno de abrandar e atrasar, obstruir ou impedir a implementação do processo de mudança. Para Folger e Skarlicky (1999) a resistência foi definida como comportamento do empregado que procura desafiar, interromper as relações de poder.

O Modelo de riscos e resistência de Wallander e dos seus colegas (Wallander & Varni, 1998; Wallander et al, 1989), provou ser uma ferramenta de exploração útil para a identificação dos vários fatores e das suas relações. Este é um modelo genérico que identifica os parâmetros da condição da criança, da tensão associada com a dependência funcional da criança nas atividades da vida diária, e stress psicossocial como potenciais fatores de risco e em contraste, social ecológico, intrapessoal, e variáveis de processamento de stress, são descritos como fatores de resistência. A chave dos fatores de resistência engloba dimensões intrapessoais (competência social e académica e autoestima), fatores sócio ecológico (ambiente familiar, a adaptação dos membros e recursos utilitários), e tratamento de stress (locus/falta de controlo, estratégias de enfrentamento) (Brown et al., 2000).

Com base na teoria cognitiva, este modelo afirma que os padrões são principalmente os processos cognitivo-afetivo-comportamentais e são automáticos no seu funcionamento. E vê a resistência como um problema com a evasão de tarefas, em vez de um problema relacional, em que a resistência, a partir deste ponto de vista relacional do papel do terapeuta é na forma de contingências de garantia, criados pelo terapeuta que está a dar as instruções (por exemplo, se um terapeuta diz a um cliente para completar uma tarefa de casa diante de uma tarefa que o cliente está a evitar, o cliente está agora sob controlo da tarefa aversivo, mas também sob o controlo de contingências relacionais colaterais do terapeuta em que pode ser desapontado) e foi

identificado duas formas de resistência: (a) perseverantes quando não deveria, e (b) desistir quando não deveria (Alford & Lantka, 2000; cit . in Cautilli, 2005).

Segundo Miller e Rollnick (2002) a entrevista motivacional (MI) é uma abordagem clínica eficaz baseada em evidências para a superação da ambivalência que impede as pessoas de fazer as alterações desejadas nas suas vidas e de acordo com esta perspectiva, a resistência é aceite como uma parte normal da experiência humana e da mudança, em vez de vista como patologia ou defensiva perniciosa como também é conceituada como o produto de uma interação entre o terapeuta e o paciente que muito provavelmente ocorre quando os pacientes enfrentam uma possível perda de liberdade ou escolha e tanto o paciente, que resiste à mudança, como o terapeuta, que contribui ou prejudica a resistência pelas suas respostas, são determinantes da quantidade de resistência na relação terapêutica (Miller & Rollnick, 2002; cit. in Orr-Brown & Siebert, 2007).

Nas Teorias da área social foram encontradas as seguintes teorias: a teoria de inoculação McGuire, Teoria da reatividade e Teoria do Processo de Breakwell.

Ao longo dos últimos 50 anos, a teoria de inoculação surgiu como a mais consistente e como o método mais fidedigno para resistência à persuasão e é considerada como “a teoria do avô da resistência à mudança de comportamento” (Eagly & Chaiken, 1993) foi considerada por ter sido um forte estratégia através de diversos contextos de influências sociais, incluindo interpessoal, mediador de “mass”, comercial, política, e saúde (Compton & Pfau, 2005; cit. in Miller et al., 2013).

A origem conceitual da teoria de inoculação surgiu da analogia medicinal de imunização contra a doença. McGuire (1964) acreditou que estruturas cognitivas inoculadas poderiam ser protegidas contra ataques persuasivos, contra os ataques persuasivos de comportamento, tal como o sistema imune inoculado poderia ser protegido contra ataques biológicos, e identificou dois mecanismos responsáveis: ameaça e compreensão de refutação (Mc Guire, 1964; cit in Miller et al., 2013).

De acordo com McGuire (1964), da mesma maneira que as pessoas podem ser resistentes a uma doença por terem sido inoculadas com uma forma enfraquecida dessa doença, alvos convincentes podem tornar-se resistentes a um ataque de atitude por terem sido inoculadas com uma forma enfraquecida desse ataque (Mc Guire, 1964; cit. in Sagarin et al., 2002).

A teoria da resistência é baseada em dois grandes pressupostos em que o primeiro pressuposto é que os indivíduos acreditam que eles detêm um conjunto de

comportamentos livres que podem conciliar tanto no presente como no futuro e o segundo pressuposto é que esta teoria assume que quando os indivíduos sentem uma ameaça a qualquer um dos comportamentos livres, eles são motivados a restabelecer a liberdade ameaçada (Brehm, 1966; Brehm & Brehm, 1981; Wicklund, 1974).

A teoria da reatividade psicológica (Brehm & Brehm, 1981) é definida como um estado de espírito despertado por uma ameaça a uma liberdade legítima percebida, motivando o indivíduo a restaurar a liberdade frustrada. Refere que os indivíduos querem se sentir livres para adotar posições particulares sobre os assuntos, ou não adotar nenhuma posição. A ameaça à liberdade pode aparecer sob determinadas condições, como mensagens persuasivas que tentam influenciar os receptores a adotar determinadas posições particulares. Verificando que, quanto maior é a importância da liberdade de atitudes que é ameaçada, maior a pressão coerciva exercida sobre o indivíduo, para que este assuma uma posição particular, maior será a experiência da resistência em magnitude e desta forma quando os indivíduos recebem mensagens persuasivas que eles interpretam como uma ameaça à sua liberdade de atitudes, tentam vincular a sua liberdade mantendo as suas opiniões iniciais ou, de maneira provocatória, mudando as suas opiniões numa direção oposta à posição defendida na mensagem que é designada por efeito boomerang - o beneficiário afasta-se da posição mencionada pelo comunicador sobre um determinado assunto (Worchel & Brehm, 1970).

A teoria não fornece um modelo sobre a resistência à persuasão, mas demonstrou utilidade na interpretação dos efeitos de determinadas variáveis de persuasão e ao fazerem estas interpretações explicam o porquê de fontes agradáveis às vezes gerarem menos persuasão que fontes menos agradáveis, pois os recetores de pressão concordam que fontes agradáveis podem ameaçar a sua liberdade e refere também que quando as ameaças à liberdade de atitude são removidas, os indivíduos são mais recetivos à posição de uma determinada mensagem. (Brehm & Brehm, 1981).

A teoria do Processo da Identidade de Breakwell (1986) define um quadro teórico que especifica a estrutura e processos: o autoconceito é estruturado ao longo das duas dimensões de conteúdo e valor, e os processos de assimilação/alojamento e avaliação criam e modificam o conteúdo e o valor, sugerindo que a ameaça pode trazer aceitação e mudança e que a ameaça da autoidentidade previu a resistência à mudança, para além do poder de prever o comportamento de retrocesso e traço de resistência psicológica, fornecendo uma extensa explicação teórica do self, explicando como o self

se desenvolve ao longo do tempo e como o seu conteúdo e valor associado emerge do contexto, incluindo contexto social, e experiência.

Nas Teorias na área da Educação foram encontradas as seguintes teorias: a teoria da Inversão, teoria da Educação de Brown e Levinson e Modelo apresentado por Fuchs e Fuchs

A teoria da Inversão (RT) segundo Apter (1982, 2001) é uma teoria geral de motivação, emoção e personalidade, sugerindo que os indivíduos são dominados por certos estados psicológicos mas podem inverter para estados de oposição em resposta a um influência situacional, ou em resposta a contingências comportamentais, ou a frustração ou saturação e um destes estados no qual a teoria propõe tal inversão, é o par rebelde/ conformidade e também inclui um número de novas construções de personalidade: telic (a necessidade de sentir o que se está a atingir, um estado grave); paratelic (a necessidade de sentir prazer, um estado lúdico); evitar a excitação; busca de excitação; maestria Autica (a necessidade de poder pessoal e controlo); maestria alloic (a necessidade de aproveitar o poder dos outros identificando ou sendo parte da equipa); simpatia autica (a necessidade de ser atraente para os outros); simpatia alloica (a necessidade de cuidar dos outros); otimismo; pessimismo; despertar; e o esforço. De acordo com Apter (1982) o estado de rebeldia é definido como o querer ou sentir-se impelido, para fazer algo contrário ao que é exigido por alguma agência externa.

A Teoria da Educação (Brown & Levinson, 1987) pode ser empregue para compreender a resistência à persuasão; sugere que as pessoas também têm uma necessidade fundamental de aprovação e de aceitação, ou aspeto/rostro positivo; refere que as pessoas têm uma necessidade fundamental de autonomia, ou aspeto/rostro negativo; é uma teoria do uso da linguagem que assegura a utilização sistemática de estratégias de educação, caracteriza a resistência à persuasão como uma reação defensiva para uma reivindicação relacional injustificada e afirma que, durante uma conversação, os intervenientes estão preocupados com ambas as necessidades, as suas e as dos seus parceiros e identificou dois tipos de querer, os da face negativa e os da face positiva em que os da face negativa, necessitam de autonomia, têm a preocupação de que as pessoas sejam agentes autônomos e que estejam livres de restrições e obrigações enquanto os da face positiva pretendem ser amados, respeitados e vistos como competentes. Ao trabalhar a partir desta estrutura, sugerimos que os recursos de linguagem utilizados para induzir a ameaça à autonomia (ou seja, face negativa), como a linguagem contundente, também apresentam a necessidade de serem amados e aceites

(ou seja, o rosto positivo) e dado o potencial tanto para a ameaça de rosto/aspecto positivo como para o negativo no contexto persuasão, a questão colocada pela teoria da educação parece ser pertinente para a tarefa de compreender antecedentes de resistência e o processo subjacente associado com resistência às mensagens persuasivas (Jenkins & Dragojevic, 2011).

O modelo apresentado por Fuchs e Fuchs (1996) refere que resistência é muitas vezes encontrada pelos professores com base em regras que se desenvolveram sob a reforma da escola. Por exemplo, se um professor acredita que ele/ela não deve ter uma criança na sua turma, porque ele/ela é um professor de educação regular, em seguida, ele / ela é mais provável que seja resistente.

Nas Teorias da Organização foram encontradas as seguintes teorias: Teoria da Equidade de Adams, Teoria da resistência à inovação, teoria Locus de controlo.

A Teoria da Equidade é uma das primeiras abordagens para entender as fontes de injustiça organizacional percebida (Adams,1965). Este autor foca-se nas causas e consequências da falta de equidade de resultado na troca de relações humanas e na justiça definida como justiça distributiva em que a experiência de desigualdade é semelhante a dissonância em propriedades motivacionais: uma experiência aversiva ocorre inicialmente, mas a motivação para reduzir a aversão leva a um estado posterior de resolução. Adams observou que a aversão de baixo pagamento (*underpay*) pode ser resolvida a nível psicológico ou comportamental. A primeira abordagem refere-se a alterar a percepção dos resultados de trabalho associados com a mudança, como através da adoção de um ponto de referência diferente. A segunda abordagem corresponde a raiva, com reações comportamentais que incluem ataques a injustiça para corrigir o erro " (por exemplo, retirada de esforço como a mudança organizacional é imposta). Retirar esforço é apenas uma resposta comportamental à desigualdade e outros comportamentos podem incluir roubo, sabotagem e até mesmo vingança violenta.

A Teoria da Resistência à Inovação segundo Ram e Sheth (1989) classifica o uso, valor e barreiras de risco sob resistência funcional e sugere que o uso de barreira (*the usage barrier*) é operacionalizado quando uma inovação não é compatível com a existência de fluxos de trabalho, práticas ou hábitos existentes, sendo, provavelmente, a causa mais comum da resistência do consumidor para inovações (Ram & Sheth; cit. in Laukkanenm 2009).

Uma série de estudos descobriram que a abertura dos empregados para a mudança organizacional pode ser prevista por traços tais como a autoestima (Wanberg

& Banas, 2000), tolerância ao risco (Judge et al., 1999), a necessidade de realização (Miller et al., 1994), e o locus do controlo (Lau & Woodman, 1995). Embora essas características estejam relacionadas à forma de como as pessoas reagem à mudança, elas não foram definidas com o objetivo de avaliar a inclinação para resistir à mudança.

A teoria Locus de controlo (LOC) segundo Lau e Woodman (1995) sugere que os internos seriam mais propensos a perceber o seu controlo sobre uma mudança por causa da sua crença de controlo sobre o seu ambiente, e, portanto, seria mais provável do que o externo se comprometer com uma mudança de desejo (compromisso afetivo para mudar), a fim de manter a consistência cognitiva. O compromisso normativo à mudança representa uma mentalidade ativa, que ainda é consistente com a crença dos internos no controlo sobre o seu ambiente e isso reflete-se na relação positiva entre compromisso normativo para mudar e comportamentos de compromisso relevantes descritivos, exigindo esforço individual adicional (Chen & Wang, 2007).

O compromisso com a mudança é entendido como responsável por reações psicológicas dos trabalhadores a uma alteração específica, com base num modelo de três componentes distinguindo o afetivo, o contínuo e o compromisso normativo para mudar (Herscovitch & Meyer, 2002). Enquanto Rotter (1966) inicialmente propôs que o conceito de LOC, que se refere à percepção do indivíduo sobre a sua capacidade de controlar o ambiente e usou o locus interno-externo de controlo de escala para medir o controlo geral da orientação, dando origem a uma única pontuação numa escala de altamente interna para externa. Os investigadores propuseram que o conceito de LOC deve ser considerado uma construção multidimensional e, assim, o controlo interno e externo pode ser relativamente independente em oposição ao que consiste nas extremidades de uma continuidade única oposta (Levenson, 1973, 1981).

O modelo de Holland (1997) divide indivíduos e ambientes de trabalho em seis tipos: realistas, investigativos, artísticos, sociais, empreendedores e convencionais. Os indivíduos de cada tipo são caracterizados por um conjunto distinto de atitudes e interesses e cada tipo de ambiente é caracterizado por um conjunto distinto de configurações físicas. De acordo com este autor, os indivíduos procuram ambientes que lhes permitam expressar os seus interesses, e é por isso que há tipicamente pelo menos algumas congruências entre interesses profissionais/ocupacionais dos indivíduos e sua escolha ocupacional final (Holland, 1997; cit. in Oreg, 2009).

Em relação às teorias da área de comunicação foram encontradas a teoria do autocontrolo da resistência à persuasão. Segundo Burkley (2008), a teoria de

autocontrole da resistência à persuasão propõe que esta requer autocontrole de recursos e consome autocontrole dos recursos. O Autocontrole é visto como a inibição ativa de respostas indesejáveis que possam interferir com a realização dos objetivos desejados (Baumeister & Vohs, 2005). Através de quatro estudos, o autor demonstrou que a resistência a uma mensagem persuasiva reduz a capacidade de se envolver numa tarefa de autocontrole subsequente; que a diminuição do autocontrole leva ao aumento da persuasão e particularmente sob resistência de esforço (ou seja, fortes argumentos) e os resultados sugerem que o autocontrole desempenha um papel vital no processo de resistência à persuasão. As pessoas devem ter autocontrole de recursos para se defender dos apelos persuasivos; sem eles, elas tornam-se suscetíveis de serem influenciadas.

Segundo Eagly e Chaiken (1998), os investigadores da atitude referem que a principal tarefa analítica conduz à compreensão dos processos que permitem a resistência e as técnicas persuasivas pelas quais a resistência pode ser superada.

Para Knowles e Linn (2004) as investigações na literatura persuasiva fornece um suporte anedótico entre o autocontrole e a resistência à persuasão; por exemplo, demonstrou-se que os participantes são mais favoráveis em relação a um anúncio publicitário quando este é apresentado no final de uma série de anúncios em vez de ser apresentado no início e este efeito sugere que as pessoas podem perder a sua capacidade de resistir após repetida exposição aos apelos persuasivos.

O modelo de resistência do consumidor de Kleijnen, Lee e Wetzels (2009) tem a função de integrar e esclarecer aspetos de conceitos anteriores. Em particular, o modelo poderia ser considerado para ser executado a partir de formas menos intensas/ativas de resistência (adiamento) para mais intensas/ativas (oposição). Desta forma, o modelo é essencialmente uma ferramenta conceitual para estruturar a forma como os consumidores pensam sobre a resistência, e não um modelo de processo, onde os consumidores são considerados como “mover-se através” das várias formas de resistência.

O modelo de Fournier (1998) propôs uma resistência contínua, indo desde o evitar à rebelião ativa. No entanto, este parece direccionar-se mais à resistência da sociedade consumista como um todo em vez de inovações individuais. (Fournier, 1998; cit. in Kleijnen et al., 2009).

A maioria das teorias foram conceptualizadas nos anos 60, 80 e 90 e as medidas da Resistência desenvolvidas foram maioritariamente nos 90.

5. Conclusão

Ao longo da investigação realizada pelas diferentes pesquisas efetuadas verificou-se que existem múltiplas definições de resistência psicológicas e uma grande diversidade de teorias e modelos.

Foi nos anos 2000 e 2010 que surgiu o numero mais elevado de referências, o que se poderia concluir que, ao longo do tempo o interesse do estudo sobre a resistência tem vindo a aumentar, mas por outro lado, como a disponibilidade dos artigos em formato digital estão disponíveis na internet e na base de dados, apenas surgiram a partir dos anos 90, assim os artigos mais antigos não se encontram digitalizados, pois a maioria das revistas não o fizeram o que se justifica cerca de 702 referências não se encontrarem acessíveis.

No que diz respeito ao tipo de participantes é a fase adulta que se destaca, tendo para os investigadores um maior interesse, pois é nesta faixa etária que as consequências da resistência, o funcionamento é mais evidente e por outro lado existe uma maior número de adultos do que crianças, daí ser mais acessível estudar a resistência em adultos.

Em relação aos tipos de estudos os que se destacou foi o estudos correlacionais, pois chegou-se à conclusão que a resistência está relacionada com outros construtos. Os estudos teóricos vêm a seguir, pois os investigadores têm um grande necessidade de saber o que é a resistência e qual os seus construtos. E este estudo permite uma avaliação aprofundada de informação em que se tenta explicar o contexto do fenómeno, neste caso a resistência psicológica, daí este tipo de estudo se ter destacado depois dos estudos correlacionais. Os estudos instrumentais tiveram menos referência, isto deve-se à dificuldade de operacionalizar e medir a resistência.

Para alguns autores a resistência é como traço e outros a resistência é considerada como estado. Este estudo revela que existe um predomínio da resistência da perspectiva traço principalmente estudada em adultos em diferentes domínios de funcionamento.

A maioria das teorias foi conceptualizada nos anos 60, 80 e 90 enquanto as medidas da Resistência desenvolvidas destacaram-se principalmente nos 90.

Existem uma grande diversidade de teorias e modelos em diferentes áreas científicas em que as mais antigas estão relacionadas com a área social como por exemplo a teoria de inoculação de McGuire (1964) e a teoria de Reatividade de Brehm

1981, enquanto as mais recentes são da área clínica, como o modelo de Alford e Lantka (2002) e a perspectiva de Miller e Rollinck (2002) que estão relacionadas com a adesão ao tratamento e na área da comunicação, como a Teoria do autocontrole da resistência à persuasão de Burkley (2008) que está relacionada com resistência a uma mensagem persuasiva.

Segundo os resultados as tendências atualmente na investigação é a resistência relacionado com os outros construtos e o que ressaltou sobretudo foi a Resistência/Adesão ao Tratamento (incluindo tratamento psicológico e tratamento biomédico) e a Influência e Persuasão. O que demonstrou que atualmente os investigadores têm um maior interesse em estudar a resistência nestes domínios de funcionamento para uma melhor compreensão sobre a resistência na área Clínica e Organização/Marketing e Comunicação.

Por outro lado a resistência remete para a personalidade e a reatividade para as questões da identidade e atualmente a área clínica está mais relacionada com a reatividade enquanto as Organizações/Marketing e Comunicação estão mais relacionadas com a resistência (Resistência à mudança/ Resistência à Persuasão).

4.1. Limitações

Uma das limitações foi as bases de dados consultadas incluírem maioritariamente revistas ocidentais. Devido a isso, os estudos apresentados em revistas que não estavam indexadas a estas bases de dados, não foram considerados.

Outra limitação refere-se ao facto de as 3 base de dados em que a pesquisa foi feita tem sido digitais o que condiciona os artigos nelas encontradas.

6. Referências Bibliográficas:

- * Abbate-Daga, G., Amianto, F., Delsedime, N., De-Bacco, C., & Fassino, S. (2013). Resistance to treatment and change in anorexia nervosa: a clinical overview. *BMC Psychiatry, 13*, 1-18.
- * Achinstein, B., & Ogawa, R. T. (2006). (In) Fidelity: What the resistance of new teachers reveals about professional principles and prescriptive educational policies. *Harvard Educational Review, 76*(1), 30-63.
- Adams, J. S. (1965). Inequity in social Exchange. In Berkowitz (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology*. New York: Academic Press
- * Ahluwalia, R. (2001). Examination of Psychological Processes Underlying Resistance to Persuasion. *Journal of Consumer Research, 28*, 217-232.
- Asch, S. E. (1951). *Effects of group pressure upon the modification and distortion of judgment*. Pittsburgh: Carnegie.
- Asforth, B. F. & Mael, F. A. (1998). The Power of resistance: Sustaining valued identities. In R. M. Kramer & M.A. Neale (Eds.), *Power and influence in organizations*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Ansoff, I. H. (1990). *Implanting strategic management*. London, UK: Prentice Hall International.
- * Arent, S. M., Alderman, B. L., Short, E. J., & Landers, D. M. (2007). The Impact of the Testing Environment on Affective Changes Following Acute Resistance Exercise. *Journal of Applied Sport Psychology, 19*(3), 364–378.
- Arlow, J.A. (2000). Psychoanalysis. In R.J. Corsini & D. Wedding (Eds.) *Current psychotherapies*. Itasca, IL: Peacock Press.
- * Bahrman, A., Abel, A., Zeyfang, A., Petrak, F., Kubiak, T., Hummel, J., Oster, P. & Bahrman, P. (2014). Psychological insulin resistance in geriatric patients with diabetes mellitus. *Patient Education and Counseling, 94*(3), 417–22.
- Baker, K. D., Sullivan H. & Marszale, J. M. (2003). Therapeutic Reactance in a Depressed Client Sample: A Comparison of Two Measures. *Assessment, 10*(2), 135- 142.
- * Barinaga, E. (2013). The psychic life of resistance: The ethnic subject in a high-tech region. *Ethnicities, 13*(5), 625–644.

- * Bartone, P. T., Hystad, S. W., Eid, J., & Brevik, J. I. (2012). Psychological hardiness and coping style as risk/resilience factors for alcohol abuse. *Military Medicine*, 177(5), 517–24.
- Baumeister, R. F., Vohs, K. D. & Ciarocco, N. (2005). Self-regulation and self-presentation: Regulatory resource depletion impairs impression management and effortful self-presentation depletes regulatory resources. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88, 632-657.
- Beck, A. & Freeman, A. (1990). *Cognitive Therapy of Personality Disorder and Associates*. New York : Guilford Press.
- Beutler, L.E. (1979). Toward specific psychological therapies for specific conditions. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 47, 882-897.
- Beutler, L. E., Clarkin, J. F. & Bongar, B. (2000). *Guidelines for the systematic treatment of the depressed patient*. New York: Oxford University Press.
- * Beutler, L. E.; Moleiro, C. & Talebi, H. (2002). Resistance in psychotherapy: What conclusions are supported by research. In *Session: Psychotherapy in Practice*, 58(2), 207-217.
- * Beutler, L. E., Harwood, T. M., Michelson, A., Song, X., & Holman, J. (2011). Resistance/reactance level. *Journal of Clinical Psychology*, 67(2), 133–42.
- * Bogatean, M. & Hâncu, N. (2004). People with type 2 diabetes facing the reality of starting insulin therapy: factors involved in psychological insulin resistance. *Practical Diabetes International*, 21(7), 247–2528.
- *Boddington, E. L., & McDermott, M. R. (2013). Predicting resistance to health education messages for cannabis use: the role of rebelliousness, autistic mastery, health value and ethnicity. *Journal of Health Psychology*, 18(2), 157–166.
- Brehm, J.W. (1993). Control, its loss, and psychological reactance. In G. Weary, F. Gleicher, & K.L. Marsh (Eds.), *Control motivation and social cognition*. New York: Springer-Verlag.
- Brehm, J. W. (1966). *A theory of psychological reactance*. New York: Academic Press.
- Brehm, J.W., & Cohen, A.R. (1962). *Explorations in cognitive dissonance*. New York: Wiley.
- Brehm, S. & Brehm, J. (1981). *Psychological reactance: A theory of freedom and control*. New York: Academic Press.

- * Breitenbecher, K. H., & Scarce, M. (2001). An Evaluation of the Effectiveness of a Sexual Assault Education Program Focusing on Psychological Barriers to Resistance. *Journal of Interpersonal Violence, 16*(5), 387–407.
- Brezonsky, M. (2003). The structure of identity: Commentary in Jane Kroger's view of identity status transition. *International Journal of theory and research, 3*(3), 231-245.
- * Brod, M., Kongsø, J. H., Lessard, S., & Christensen, T. L. (2009). Psychological insulin resistance: patient beliefs and implications for diabetes management. *Quality of Life Research, 18*(1), 23–32.
- * Brown, R.T., Lambert, R., D., Devine, D., Baldwin, K., Casey, R., Doepke, K., Ievers, C. E., Hsu, L., Buchanan, I. & Eckman, J. (2000). Risk-Resistance adaptation model for caregivers and their children with sickle cell Syndromes. *Annals of Behavior medicine, 22*(2), 158–169.
- Budner, S. (1962). Intolerance of ambiguity as a personality variable. *Journal of Personality, 30*, 29-50.
- * Burkley E. (2008). The Role of Self-Control in Resistance to Persuasion. *Personality and Social Psychology Bulletin, 34*, 419-431.
- * Burroughs, N. F. (2007). A Reinvestigation of the Relationship of Teacher Nonverbal Immediacy and Student Compliance-Resistance with Learning. *Communication Education, 4*, 453-475.
- * Burton, R. V., Maccoby, E. E. & AllinSmith, W. (1961). Antecedents of Resistance to temptation in four old Children. *Child Development, 32*, 689-710.
- * Cable, T. a., Meland, E., Soberg, T., & Slagsvold, S. (1999). Lessons from the Oslo Study Diet and Anti-Smoking Trial: a qualitative study of long-term behaviour change. *Scandinavian Journal of Public Health, 27*(3), 206–212.
- * Casey, R., Brown, R. T., & Bakeman, R. (2000). Predicting Adjustment in Children and Adolescents With Sickle Cell Disease: A Test of the Risk-Resistance-Adaptation Model. *Rehabilitation Psychology, 45*(2), 155-178.
- * Cautilli, J., Riley-tillman, T. C., Axelrod, S., & Hine, P. (2005). Current Behavioral Models of Client and Consultee Resistance: A Critical Review. *International Journal of Behavioral Consultation and Therapy, 1*(2), 147–164.
- Chadee D. 2011. Toward freedom: Reactance theory revisited. In D. Chadee (ed.). *Theories in Social Psychology*. New York: Blackwell Publishing.

- Cervo, A. L. & Bervian, P. A. (1983). *Metodologia Científica : para uso dos estudantes universitários*. São Paulo : McGraw-Hill do Brasil
- * Chen, J. & Wang, L. (2007). Locus of control and the three components of commitment to change. *Personality and Individual Differences*, 42(3), 503–512.
- * Cho, H. & Sands, L. (2011) Gain- and Loss-Frame Sun Safety Messages and Psychological Reactance of Adolescents. *Communication Research Reports*, 28(4), 308-317.
- * Coquart, J. B. J., Dufour, Y., Gros Lambert, A., Matran, R. & Garcin, M. (2012). Relationships Between Psychological Factors, RPE and Time Limit Estimated by Teleoanticipation. *The Sport Psychologist*, 26, 359–374.
- Clairborn, C. D. & Dowd, E. T. (1985). Attributional interpretations in counseling: Content versus discrepancy. *Journal of Counseling Psychology*, 32, 188-196.
- Cloninger, C. R. (1999). *Personality and Psychopathology*. Washington, D.C.: American Psychiatric Press.
- Cloninger, C. R., Zohar, A. H., & Cloninger, K. M. (2010). Promotion of well-being in person-centered mental health care. *The journal of Lifelong Learning in Psychiatry*, 8, 165-179.
- * Dahlstrom, M. F. (2012). The Persuasive Influence of Narrative Causality: Psychological Mechanism, Strength in Overcoming Resistance, and Persistence Over Time. *Media Psychology*, 15(3), 303–326.
- * Davis, S. L., & Bottoms, B. L. (2002). Effects of Social Support on Children’s Eyewitness Reports : A Test of the Underlying Mechanism. *Law and Human Behavior*, 26(2), 185–215.
- * Delistamati, E., Samakouri, M. A., Davis, E. A., Vorvolakos, T., Xenitidis, K. & Livaditis, M. (2007). Interpersonal Support Evaluation List (ISEL) - College Version: Validation and Application in a Greek Sample. *International Journal of Social*, 52(6), 552-560.
- * Derksen, M. (2012). Control and resistance in the psychology of lying. *Theory & Psychology*, 22(2), 196–212.
- Digman, J. M. (1990). Personality structure: Emergence of the five-factor model. *Annual Review of Psychology*, 41, 417-440.
- * Dillard, J.P. & Shen, L. (2005). On the nature of reactance and its role in persuasive health communication. *Communication Monographs*, 72, 144-168.

- Dougherty, A.M. (2000). *Psychological consultation and collaboration in school and community settings*. (Ed.). Belmont, CA: Wasworth/Thomas Learning
- Dowd, E.T. (1976). The Goetterdammerung syndrome: Implications for counseling. *Counseling and Values*, 20, 139–142.
- Dowd, E. T. (1989). Stasis and change in cognitive psychotherapy: Client resistance and reactance as mediating variables. In W. Dryden & P. Trower (Eds). *Cognitive Psychotherapy: Stasis and Change*. New York: Springer.
- Dowd, E. T. (1993). Motivational and Personality correlates of psychological reactance and implications for cognitive therapy. *Psicologia Conductual*, 1(1), 131-140.
- * Dowd, E. T. (2002). Psychological reactance in health education and promotion. *Health Education Journal*, 61(2), 113-124.
- Dowd, E. T.; Milne, C.R. & Wise, S. C. (1991). The therapeutic reactance scale: A measure of psychological reactance. *Journal of Counseling and Development*, 67, 541-545.
- Dowd, E. T. & Wallbrown, F. (1993). Motivational components of client reactance. *Journal of Counseling and Development*, 71, 533-538.
- Dowd, E. T., Wallbrown, F., Sanders, D., & Yesenosky, J. M. (1994). Psychological reactance and its relationship to normal personality variables. *Cognitive Therapy and Research*, 18, 601-612.
- * Ebert, S. a., Tucker, D. C., & Roth, D. L. (2002). Psychological resistance factors as predictors of general health status and physical symptom reporting. *Psychology Health & Medicine*, 7(3), 363–375.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1972). Autobiographic notes on the identity crisis. In G. Holton (Ed.), *The twentieth century sciences study in the biography of ideas*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1985). *The life cycle completed: A review*. New York: Norton & Co.
- * Harakas, P. (2013). Resistance, motivational interviewing, and executive coaching. *Consulting Psychology Journal: Practice and Research*, 65(2), 108–127.
- Eagly, A. H., & Chaiken, S. (1993). *The psychology of attitudes*. Orlando, FL: Harcourt Brace Jovanovich.

- Eagly, A. H., & Chaiken, E. (1998). Attitude structure and function. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology*. New York: McGraw-Hill.
- Eagly, A. H., Chen, S., Chaiken, S. & Shaw-Barnes, K. (1999). The impact of attitudes on memory: an affair to remember. *Psychological bulletin*, *125*, 64–89.
- Fain, D. and Roberts, M.L. (1997). Technology versus consumer behavior: the battle for the financial services customer. *Journal of Direct Marketing*, *11* (1), 44-54.
- Fiorelli, J. S. & Margolis, H. (1993). Managing and understanding large systems change: guidelines for executives and change agents. *Organization Development Journal*, *11*(3), 1-13.
- * Fava, G., Savron, G., Zielezny, M., Grandi, S., Rafanelli, C., & Conti, S. (1997). Overcoming resistance to exposure in panic disorder with agoraphobia. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, *95*(4), 306–12.
- * Fischer, R., Harb, C., Al-Sarraf, S., & Nashabe, O. (2008). Support for Resistance Among Iraqi Students: An Exploratory Study. *Basic and Applied Social Psychology*, *30*(2), 167–175.
- * Folger, R. & Skarlicki, D. P. (1999). Unfairness and resistance to change: hardship as mistreatment. *Journal of Organizational Change Management*, *12*(1), 35–50.
- Fuchs, D. & Fuchs, L. S. (1996). Consultation as a technology and the politics of school reform: Reaction to the issues. *Remediation and Special Education*, *17*, 386- 392.
- Freud, S. (1895). On the etiology of hysteria. In J. Strachey (Ed.) *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press
- Freud, S. (1912). The dynamics of transference. *Essential papers on transference analysis*, 5-17.
- Freud, S. (1923). *The ego and the id Standard Edition*, *19*, 3-66. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1926). *The Ego and the ID*. Honolulu: Hogarth.

- * Gherman, A., Veresiu, I., Sassu, R., Schnur, J., Scheckner, B., & Montgomery, G. (2011). Psychological insulin resistance: a critical review of the literature. *Practical Diabetes International*, 28(3), 125–128.
- * Gilmartin, J. (2000). Psychodynamic sources of resistance among student nurses: some observations in a human relations context. *Journal of Advanced Nursing*, 32(6), 1533–41.
- * Goldbacher, E. M., & Matthews, K. a. (2007). Are psychological characteristics related to risk of the metabolic syndrome? A review of the literature. *Annals of Behavioral Medicine*, 34(3), 240–52.
- * Goldenberg, J., & Oreg, S. (2007). Laggards in disguise: Resistance to adopt and the leapfrogging effect. *Technological Forecasting and Social Change*, 74(8), 1272-1281.
- * Goodman, E., Must, A., Daniels, S. R., & Dolan, L. M. (2010). Hostility and adiposity mediate disparities in insulin resistance among adolescents and young adults. *The Journal of Pediatrics*, 157(4), 572–577.
- * Groth-Marnat, G., & Mitchell, K. (1998). Responsiveness to direct versus indirect hypnotic procedures: the role of resistance as a predictor variable. *The International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, 46(4), 324–33.
- * Guðmundsdóttir, H. S., Guðmundsdóttir, D. B., & Elklit, A. (2006). Risk and Resistance Factors for Psychological Distress in Icelandic Parents of Chronically Ill Children: An Application of Wallander and Varni's Disability-Stress-Coping Model. *Journal of Clinical Psychology in Medical Settings*, 13(3), 295–302.
- * Haas, L. (2014). Psychological insulin resistance: scope of the problem. *The Diabetes Educator*, 33(7), 228S–231S.
- * Hammar, L. M., Emami, A., Götell, E., & Engström, G. (2011). The impact of caregivers' singing on expressions of emotion and resistance during morning care situations in persons with dementia: an intervention in dementia care. *Journal of Clinical Nursing*, 20(7-8), 969–78.
- * Hayes, G. (1999). The Struggle for Mental Health in South Africa: Psychologists, Apartheid and the Story of Durban OASSSA. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 10, 227–242.

- * Hepburn, a., & Potter, J. (2011). Designing the Recipient: Managing Advice Resistance in Institutional Settings. *Social Psychology Quarterly*, 74(2), 216–241.
- Herscovitch, L., & Meyer, J. P. (2002). Commitment to organizational change: Extension of a three-component model. *Journal of Applied Psychology*, 87, 474–487.
- * Hibino, Y., Takaki, J., Kambayashi, Y., Hitomi, Y., Sakai, A., Sekizuka, N., Ogino, K. & Nakamura, H. (2009). Health impact of disaster-related stress on pregnant women living in the affected area of the Noto Peninsula earthquake in Japan. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, 63(1), 107–15.
- * Hoel, H., & Beale, D. (2006). Workplace Bullying , Psychological Perspectives and Industrial Relations: Towards a Contextualized and Interdisciplinary Approach. *British Journal of Industrial Realtions*, 44(2), 239–262.
- * Holahan, C. J. (1987). Risk, Resistance and Psychological Distress: A longitudinal Analysis with Adults and Children. *Journal of Abnormal Psychology*, 96(1), 1-13.
- Hull, C. (1943). *Prinicple of Behavior*. New York: Appleton.
- * Janis, I. L. & Terwilliger, R. (1962). An experimental study of psychological resistances to fear arousing communications. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 65(6), 403–410.
- * Jenkins, N., Hollowell, N., Farmer, A., Holman, R. R. & Lawton, J. (2010). Initiating insulin a part of the treating Target in Type 2 Diabetes (4-T) Trial. *Diabetes Care*, 33(10), 2178–2180.
- * Jenkins, M., & Dragojevic, M. (2011). Explaining the Process of Resistance to Persuasion: A Politeness Theory-Based Approach. *Communication Research*, 40(4), 559–590.
- * Jian, G. (2007). “Omega is a Four-Letter Word”: Toward a Tension-Centered Model of Resistance to Information and Communication Technologies. *Communication Monographs*, 74(4), 517–540.
- * Johnson, P & Buboltz, W. C. (2000). Differentiation of self and Psychological Reactance. *Contemporary Family Therapy*, 22(1), 91- 102.
- * Jordan, J. (2005). What would MacGyver do? The meaning(s) of resistance and survival. *Violence against Women*, 11(4), 531–59.

- Judge, T. A., Thoresen, C. J., Pucik, V. & Welbourne, T. M. (1999). Managerial coping with organizational change: A dispositional perspective. *Journal of Applied Psychology, 84*(1), 107-122.
- * Kadushin, B. Y. A. (1957). Opposition to Referral for Psychiatric Treatment. *Social Work, 3*(3), 78-84.
- * Karno et al. (2010). What explains the relationship between the Therapist Structure X Patient Reactance interaction and drinking outcome? An examination of potential mediators. *Psychology of Addictive Behaviors, 24*(4), 600–607.
- * Kemp, E., & Kopp, S. W. (2011). Resistance and Risk : Examining the Effects of Message Cues in Encouraging End of Life Planning. *Journal of Public & Marketing, 30*(1), 100–109.
- Kivetz, R. (2005). Promotion Reactance: The role of effort-reward congruity. *Journal of Consumer Research, 31*, 725-736.
- * Klaus, T., & Blanton, J. E. (2010). User resistance determinants and the psychological contract in enterprise system implementations. *European Journal of Information Systems, 19*(6), 625–636.
- * Kleijnen, M., Lee, N., & Wetzels, M. (2009). An exploration of consumer resistance to innovation and its antecedents. *Journal of Economic Psychology, 30*(3), 344-357
- Knowles, E. & Linn, J. (2004). Resistance and Persuasion. In E. Knowles & J. Linn (Eds.), *The importance of resistance to persuasion*. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- * Korytkowski, M. (2002). When oral agents fail : practical barriers to starting insulin. *International Journal of Obesity, 26*(3), S18–S24.
- * Kraemer, W. J. Et al. (2010). Effects of a Whole Body Compression Garment on Markers of Recovery After a Heavy Resistance Workout in Men and Women. *Journal of Strength & Conditioning Research, 24*(3), 804-814.
- Lau, C. M. & Woodman, R.W. (1995). Understanding organizational change: A schematic perspective. *Academy of Management Journal, 38*(2), 537-554.
- * Laukkanen, T., Sinkkonen, S., & Laukkanen, P. (2009). Communication strategies to overcome functional and psychological resistance to Internet banking. *International Journal of Information Management, 29*(2), 111–118.
- Langhout, R. D. (2005), Acts of Resistance: Students (In)visibility. *Culture & Psychology, 11*(2), 123-158.

- * Larkin, M. E., Capasso, V. a, Chen, C.-L., Mahoney, E. K., Hazard, B., Cagliero, E., & Nathan, D. M. (2008). Measuring psychological insulin resistance: barriers to insulin use. *The Diabetes Educator*, 34(3), 511–7.
- * Lessne, G. J. (1987). Inoculation Theory and Resistance to Persuasion in Marketing. *Psychology & Marketing*, 4, 157–165.
- Levenson, H. (1973). Multidimensional locus of control in psychiatric patients. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 41, 397–404.
- Levenson, H. (1981). Differentiating among internality, powerful others, and chance. In H. Lefcourt (Ed.). *Research with the locus of control construct*, 1, 15–63. New York: Academic Press.
- * Levesque, D. a, Velicer, W. F., Castle, P. H., & Greene, R. N. (2008). Resistance among domestic violence offenders: measurement development and initial validation. *Violence against Women*, 14(2), 158–84.
- Lewin, K. (1951). *Field Theory in Social Science*. New York: Harper.
- Lindström, B. and Eriksson, M. (2005). Salutogenesis. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 59, 440–442.
- * Lovejoy, M., Rosenblum, a, Magura, S., Foote, J., Handelsman, L., & Stimmel, B. (1995). Patients’ perspective on the process of change in substance abuse treatment. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 12(4), 269–82.
- * Lundberg, S., Romich, J. L., & Tsang, K. P. (2008). Decision-making by children. *Review of Economics of the Household*, 7(1), 1–30.
- * Machinani, S., Bazargan-Hejazi, S., & Hsia, S. H. (2013). Psychological insulin resistance among low-income, U.S. racial minority patients with type 2 diabetes. *Primary Care Diabetes*, 7(1), 51–55.
- Mahoney, M. J. (1988). Constructive methatheory: Implications for psychotherapy. *International Journal of Personal Construct Psychology*, 1, 299-315.
- Mahoney, M. J. (1991). *Human change processes: The scientific foundations of psychotherapy*. New York: Basic Books.
- * Manuel, J. C. (2001). Risk and Resistance Factors in the Adaptation in Mothers of Children With Juvenile Rheumatoid Arthritis. *Journal of Pediatric Psychology*, 26(4), 237–246.
- * McFalls, E. L., & Cobb-Roberts, D. (2001). Reducing Resistance to Diversity through Cognitive Dissonance Instruction: Implications for Teacher Education. *Journal of Teacher Education*, 52(2), 164–172.

- McGuire, W. J. (1985). Attitudes and attitude change. In G. Lindzey & E. Aronson (Eds.), *Handbook of social psychology*. New York: Random House.
- McGuire, W. J. (1964). Inducing resistance to persuasion: Some contemporary approaches. In L. Berkowitz (Eds.), *Advances in experimental social psychology*. San Diego, CA: Academic Press.
- * McLean, L. A., Harvey, D. H. P., Pallant, J. F., Bartlett, J. R., & Mutimer, K. L. (2004). Adjustment of Mothers of Children With Obstetrical Brachial Plexus Injuries: Testing a Risk and Resistance Model. *Rehabilitation Psychology*, 49(3), 233–240.
- Meichenbaum, D. & Glimore, J. B. (1984). The nature of unconscious processes: A cognitive-behavioral perspective. In K. Bowers & D. Meichenbaum. (Eds). *The uncscious Reconsidered*. New York: Wiley.
- * Michel, A., Todnem B. R., & Burnes, B. (2013). The limitations of dispositional resistance in relation to organizational change. *Management Decision*, 51(4), 761-780
- * Mikolajczak, M., Luminet, O., & Menil, C. (2006). Predicting resistance to stress: incremental validity of trait emotional intelligence over alexithymia and optimism. *Psicothema*, 18, 79–88.
- Miller, W. R. & Rollnick, S. (2002) *Motivational interviewing: Preparing people for change*. New York: Guilford Press.
- Miller, V. D., Johnson, J. R. & Grau, J. (1994). Antecedents to willingness to participate in a planned organizational change. *Journal of Applied Communication Research*, 22(1), 59 – 80.
- * Miller, C., Ivanov, B., Sims, J., Compton, J., Harrison, K., Parker, K., Parker, J. & Averbeck, J. (2013). Boosting the Potency of Resistance: Combining the Motivational Forces of Inoculation and Psychological Reactance. *Human Communication Research*, 39(1), 127–155.
- * Milne, H. M., Wallman, K. E., Gordon, S., & Courneya, K. S. (2008). Effects of a combined aerobic and resistance exercise program in breast cancer survivors: a randomized controlled trial. *Breast Cancer Research and Treatment*, 108(2), 279–88.
- * Miyahara, M., Piek, J., & Barrett, N. (2006). Accuracy of drawing in a dual-task and resistance-to-distraction study: motor or attention deficit? *Human Movement Science*, 25(1), 100–109.

- Moyer, T. B. & Rollnick, S. (2002). A motivational interviewing perspective on resistance in psychotherapy. *Psychotherapy in Practice*, 58(2), 185-193.
- * Moyer-Gusé, E. & Nabi, R. L. (2010). Explaining the Effects of Narrative in an Entertainment Television Program: Overcoming Resistance to Persuasion. *Human Communication Research*, 36(1), 26–52.
 - * Mugny, G. & Papastamou, S. (1980). When rigidity does not fall: Individualization and psychologization as resistances to the diffusion of minority innovations. *European Journal of Social Psychology*, 10, 43-61.
 - * Murtagh, N., Gatersleben, B., & Uzzell, D. (2012). Self-identity threat and resistance to change: Evidence from regular travel behaviour. *Journal of Environmental Psychology*, 32(4), 318–326.
 - * Nam, S. (2010). Factors Associated With Psychological Insulin Resistance in Individuals With Type 2. *Diabetes. Diabetes Care*, 33(8), 1747-1749.
 - * Nolan, K. M. (2011). Oppositional behavior in urban schooling: toward a theory of resistance for new times. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, 24(5), 559–572.
 - * Norris, F. H., Tracy, M., & Galea, S. (2009). Looking for resilience: understanding the longitudinal trajectories of responses to stress. *Social Science & Medicine*, 68(12), 2190–2198.
- O'Dell, (1982). Enhancing parent involvement training: A discussion. *The Behavior Therapist*, 5, 9-13.
- * Oreg, S. (2003). Resistance to change: developing an individual differences measure. *Journal of applied Psychology*, 88(4), 680
 - * Oreg, S. (2006). Personality, context, and resistance to organizational change. *European Journal of Work And Organizational Psychology*, 15(1), 73-101.
 - * Oreg, S., Vakola, M., Bayazit M., Ohly, S. & Van Dam, K. (2008). Dispositional Resistance to change : Measurement Equivalence and the Link to personal values across 17 nations. *Journal of applied Psychology*, 93(4), 935-944.
 - * Oreg, S., Nevo, O., Metzger, H., Leder, N., & Castro, D. (2009). Dispositional resistance to change and occupational interests and choices. *Journal of Career Assessment*, 17(3), 312-323.
 - * Orr-Brown, D. E. & Siebert D. C. (2007). Resistance in Adolescent Substance Abuse Treatment: A Literature Synthesis. *Journal of Social Work Practice in the Addictions*, 7(3), 5-28.

- * Palujanskien, A. (2011). Social development of adolescents in the context of existential categories. *Socialinis Ugdyimas*, 17(28), 86–98.
- Patterson, G. R. (1982). *Coercive family processes: A social learning approach to family intervention*. Eugene, OR: Castalia Publishing Co.
- Patterson, G. R. & Forgatch, M.S. (1985). Therapist behavior as a determinant for client noncompliance: A paradox for the behavior modifier. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53(6), 846-851.
- * Peus, C., Frey, D., Gerhardt, M., & Fischer, P. (2009). Leading and Managing Organizational Change Initiatives. *Management Revue*, 20(2), 158–175.
- * Petrak, F., Stridde, E., Leverkus, F, Crispin, A. A., Forst, T. & Pfutzner, A. (2007). Development and Validation of a New Measure to Evaluate. *Psychological Resistance to insulin treatment*, 30(9), 2199-2204.
- Phares, E. J. (1992). *Clinical psychology: Concepts, methods, and profession*. Pacific Grove, CA: Brooks/Cole.
- *Pokrovsky, V. M., & Mingalev, a. N. (2012). The regulatory-adaptive state and evaluation of stress resistance in humans. *Human Physiology*, 38(1), 63–66.
- * Polonsky, W. H., Fisher, L., Guzman, S., Villa-Caballero, L. & Edelman, S.V. (2005). Psychological Insulin Resistance in Patients With Type 2 Diabetes. *Diabetes Care* 28(10), 2543-2545.
- Prochaska, J. O., DiClemente, C. C. & Norcross, J. C. (1992). In search of how people change: Applications to addictive behaviors. *American Psychologist*, 47(9), 1102-1114.
- * Quinn, B. (2013). Reducing Psychological Resistance to Digital Repositories. *Information Technology and Libraries*, 29(2), 67–76.
- * Reed, H. D. (1974). Effect of a new tyoe of psychological treatment on smokers' resistance to warnings about health hazard. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42(5), 748.
- * Reicher, S. (2004). The Context of Social Identity: Domination, Resistance, and Change. *Political Psychology*, 25(6), 921–945.
- * Reininghaus, U., Craig, T., Gournay, K., Hopkinson, P., & Carson, J. (2007). The High Secure Psychiatric Hospitals' Nursing Staff Stress Survey 3: Identifying stress resistance resources in the stress process of physical assault. *Personality and Individual Differences*, 42(3), 397–408.

- Rogers, C. R. (1965). *Client-centered therapy: its current practice, implications, and theory*. Boston: Houghton Mifflin.
- Rokeach, M. (1960). *The open and closed mind*. New York: Basic Books.
- Rotter, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monograph*, 80, 1–28.
- * Rutter, M. (2006). Implications of resilience concepts for scientific understanding. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1094, 1–12.
- Roubrocks, M. Ham, J. & Midden, C. (2011). When artificial Social Agents try to persuade people: The role of Social Agency on the occurrence of Psychological Reactance. *International Journal of Social Robotics*, 155-165.
- * Sagarin, B. J., Cialdini, R. B., Rice, W. E., & Serna, S. B. (2002). Dispelling the illusion of invulnerability: the motivations and mechanisms of resistance to persuasion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(3), 526.
- * Saucier, D. a, & Webster, R. J. (2010). Social vigilantism: measuring individual differences in belief superiority and resistance to persuasion. *Personality & Social Psychology Bulletin*, 36(1), 19–32.
- * Shapiro, S. B. (1964). Authoritarianism and achievement in introductory Psychology. *Psychological Reports*, 15(1), 65-66.
- * Sherman, D. K., & Kim, H. S. (2002). Affective Perseverance: The Resistance of Affect to Cognitive Invalidation. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(2), 224–237.
- * Seas, K. (2006). Enthymematic Rhetoric and Student Resistance to Critical Pedagogies. *Rhetoric Review*, 25(4), 427–44.
- Seibel, C. A., & Dowd, E. T. (2001). Personality characteristics associated with psychological reactance. *Journal of Clinical Psychology*, 57, 963-969.
- Serafini, T. & Adams, G. (2002). Functions of Identity Scale Construction and Validation. *Identity*, 2(4), 361-389.
- * Simpson-mckenzie, C. O., Poth, M., & Deuster, P. A. (2009). Psychological and physiological correlates of insulin resistance at fasting and in response to a meal in African americans and whites. *Ethnicity & Disease*, 19, 104-110.
- Skinner, B.F. (1938). *The behavior of organisms: An experimental analysis*. New York.
- Stryker, S. (2007). Identity theory and personality theory: Mutual relevance. *Journal of Personality*, 75(6), 1083-1102.

- Slovic, P. (1972). Information processing, situation specificity and the generality of risk-taking behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 22, 128-134.
- * Taut, S., & Brauns, D. (2003). Resistance to Evaluation: A Psychological Perspective. *Evaluation*, 9(3), 247–264.
 - * Terris, W. & Rahhal, D. (1969). Generalized Resistance to the Effect of Psychological stressors. *Journal of Personality and Social Psychology*, 13(29), 93-97.
 - * Tertoolen, G., Kreveld, D. V., & Verstraten, B. (1998). Psychological resistance against attempts to reduce car use. *Transportation Research*, 32(3), 171–181.
 - * Van Dam, K., Oreg, S., & Schyns, B. (2008). Daily Work Contexts and Resistance to Organisational Change: The Role of Leader–Member Exchange, Development Climate, and Change Process Characteristics. *Applied Psychology*, 57(2), 313–334.
 - * Van den Heuvel, S., & Schalk, R. (2009). The relationship between fulfilment of the psychological contract and resistance to change during organizational transformations. *Social Science Information*, 48(2), 283–313.
- Wallander, J. L., & Varni, J. W. (1998). Effects of pediatric chronic physical disorders on child and family adjustment. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 39, 29–46.
- Wallander, J. L., Varni, J. W., Babani, L., Banis, H. T., DeHaan, C. B., & Wilcox, K. T. (1989). Disability parameters, chronic strain, and adaptation of physically handicapped children and their mothers. *Journal of Pediatric Psychology*, 14, 23–42.
- * Wang, H. F., & Yeh, M. C. (2012). Psychological resistance to insulin therapy in adults with type 2 diabetes: mixed-method systematic review. *Journal of Advanced Nursing*, 68(4), 743–57.
- Wandberg, G. & Banas, J. (2000). Predictors and outcomes of openness to changes in a reorganizing workplace. *Journal of Applied Psychology*, 85(1), 132-142.
- * Washington, M. (2004). On the Issue of Resistance in Anorexia. *Psychoanalytic Psychotherapy*, 18(4), 418–431.
 - * Watson, G. (1971). Resistance to change. *American Behavioral Scientist*, 14(5), 745-766.

- Watson, T.S. & Robinson, S.L. (1996). Direct behavioral consultation: An alternative to traditional behavioral consultation. *School Psychology Quarterly*, 11, 267-278.
- * Whitaker, L. C., & Deikman, A. J. (2009). The Empathic Ward: Reality and Resistance in Mental Health Reform. *Ethical Human Psychology and Psychiatry* 11(1), 50–63.
- Wicklund, R. A. (1974). *Freedom and reactance*. Potomac, MD: Erlbaum.
- Wickstrom, K.F., Jones, K.M., LaFleur, L.H., & Witt (1998). An analysis of treatment integrity in school-based behavioral consultation. *School Psychology Quarterly*, 13(2), 141-154.
- Wiesmann, U., & Hannich, H.-J. (2008). A salutogenic view on well-being in active elderly persons. *Aging and Mental Health*, 12(1), 56–65.
- * Wiesmann, U. & Hannich, H. J. (2013). The contribution of resistance resources and sense of coherence to life satisfaction in older age. *Journal of Happiness Studies*, 14, 911–928.
- * Wiesmann, U., Dezutter, J., & Hannich, H. J. (2014). Sense of coherence and pain experience in older age. *International Psychogeriatrics*, 26(1), 123–33.
- * Wijeratne, C., & Sachdev, P. (2008). Treatment-resistant depression: critique of current approaches. *The Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 42(9), 751–62.
- * Wilkinson, G. (1974). Social Psychological dimensions of resistance. *Psychological Reports*, 34, 1083–1085.
- Williams, J.L. (2002) Constructing a Behavior Analytical Helping Process. *The Behavior Analyst Today*, 3(3), 262-265.
- * Winick, B. J. (1998). Client denial and resistance in the advance directive context: Reflections on how attorneys can Identify and deal with a Psycholegal Soft Spot. *Psychology Public policy and Law*, 4(3), 901–923.
- Woller, K. M., & Buboltz, W. C. & Loveland, J. M. (2007). Psychological reactance: Examination across age, ethnicity and gender. *American Journal of Psychology*, 120(1), 15-24.
- * Woudenberg, Y. J. C., Lucas, C., Latour, C., & Scholte op Reimer, W. J. M. (2012). Acceptance of insulin therapy: a long shot? Psychological insulin resistance in primary care. *Diabetic Medicine*, 29(6), 796–802.

- Worchel, S. & Brehm, J. W. (1970). Effects of threats to attitudinal freedom as a function of agreement with the communicator. *Journal of Personality and Social Psychology*, 14, 18-22.
- * Ying, Y., & Akutsu, P. D. (1997). Psychological adjustment of southeast Asian refugees: The contribution of sense of coherence. *Journal of Community Psychology*, 25(2), 125–139.
- * Ying, Y., Akutsu, P. D., Zhang, X. & Huang, L. N. (1997). Psychological Dysfunction in Southeast Asian Refugees as Mediated by Sense of Coherence. *American Journal of Community Psychology*, 25(6), 839–859.
- * Youtz, a C., Robbins, P. R., & Havens, J. W. (1964). Psychological Resistance and the Delayed Effects of a Persuasive Communication. *The Journal of Social Psychology*, 62, 45–55.
- * Yüksel, S. (2006). The role of hidden curricula on the resistance behavior of undergraduate students in psychological counseling and guidance at a Turkish University. *Asia Pacific Education Review*, 7(1), 94–107.
- * Zhang, Q., & Sapp, D. A. (2013). Psychological Reactance and Resistance Intention in the Classroom: Effects of Perceived Request Politeness and Legitimacy, Relationship Distance, and Teacher Credibility. *Communication Education*, 62(1), 1–25.
- Zimbardo, P. G. & Leippe, M. R. (1991). *The psychology of attitude change and social influence*. New York: McGraw-Hill.
- Zuckerman, M. (1994). *Behavioral expressions and biosocial bases of sensation seeking*. New York: Cambridge University Press.